

HANELORE FUCHS

O ANIMAL EM CASA

Um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico
do animal de estimação

Universidade de São Paulo

São Paulo

1987

VOL II



HANNELORE FUCHS

O ANIMAL EM CASA

Um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico
do animal de estimação

Trabalho apresentado ao Instituto
de Psicologia da Universidade de
São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau
de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Walter Hugo
de Andrade Cunha

Universidade de São Paulo

São Paulo

1987

Anexo I

R e l a t o s

Dados do sujeito (S01)

Sexo: feminino.
Idade: 29 anos.
Grau de instrução: secundário.
Profissão: secretária executiva.
Estado civil: solteira.
Núcleo familiar: a entrevistada e sua mãe.
Tipo de residência: apartamento.
Presença de animais: () sim (x) não
Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? (x) sim () não
Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

Conheço S1 há vários anos e sempre tive a impressão de que ela não possuía animal de estimação em casa. Quis verificar essa impressão. Para isso perguntei numa sessão de trabalho se ela tinha animal de estimação. O depoimento de S1 se seguiu naturalmente à minha pergunta inicial.

RELATO 01

E: - Você tem bicho em casa?

S01: - ⁽¹⁾ Não, porque moro em apartamento... ⁽²⁾ O último que eu tive - um Fox branquinho - a minha mãe deu... Eu tive... não tive tempo de ensinar nada... ele fazia tudo dentro do apartamento... era papinha... minha mãe não tinha paciência... aí ela deu, muito bem dado... ⁽³⁾ mas eu não gostei.

E: - Que idade ele tinha quando ela deu?

S01: - ⁽⁴⁾ Ele tinha uns três meses - ele era novinho - eu ganhei ele de um rapaz lá pegado à fábrica onde eu trabalhava.

E: - E outros bichos?

S01: - ⁽⁵⁾ Tenho receio de gatos... não é medo não, é receio... é alguma coisa assim... sabe? acho que vem de criança... ⁽⁶⁾ quando era criança tinha bronquite asmática - e meu pai ele tinha um monte de bicho: era cachorro, gato, galinhas, cabra, tinha... diz minha mãe... até uma jaguatirica... quando eu era bem pequeninha. ⁽⁷⁾ Então, eu acho que ela... pra me afastar dos bichos, contava umas histórias meio assim... me lembro até hoje - isto era lá no interior - que tinha um casa que tinha um gato, que mimavam muito... o gato... paporicavam... e aí quando nasceu um nenê, deram menos atenção pro gato. Diz minha mãe, que uma noite o gato pegou a criança pelo pescoço e abriu a jugular... é jugular aí no pescoço, né? ⁽⁸⁾ E este negócio de gato... daí então... eu devia ter uns 8 anos... fui dormir na casa de uma amiguinha, a gente dormia na mesma cama - no meio da noite fui esticar o braço e

dei com um negócio peludo, era o gato, só que eu não sabia que o gato estava dormindo na cama com a gente... dei um pulo... depois não dormi mais direito, ficava de olho meio aberto, pra vigiar se o gato não voltava, achava que o gato ia me atacar... (?) Até hoje tenho um negócio assim quando vou na casa de gente que tem gato. Fico assim, preciso um tempo pra me acostumar e o pior é que geralmente estes gatos querem subir no meu colo [faz movimento de se afastar do espaldar da cadeira em que está sentada]... depois tudo bem - mas quando vejo gato fazer aquele negócio de ficar grande [faz gesto de gato que fica arqueado] - me dá uma sensação, sabe?... acho que é medo mesmo.

E: - Que bicho você gosta?

S01: - (10) Cachorro, papagaio = pensando bem = acho que se desse poria um papagaio lá no apartamento...

E: - Papagaio?

S01: - (11) Porque eu poderia ensinar ele a falar, eu não teria tanto problema com minha mãe, ele daria menos trabalho.

E: - E porque você quer ter bicho?

S01: - (12) Acho que porque não tive quando era criança, era muito doente, além de todas as doenças infantis - a bronquite - nunca me deixaram brincar - pra criança hoje em dia acho que não teria mais paciência, bicho pra mim... (13) acho que o papagaio resolveria = eu teria um animal e um animal falante, principalmente, que é importante...

Dados do sujeito (S02)

Sexo: feminino.
Idade estimada: 34 anos.
Grau de instrução: superior.
Profissão: estudante de psicologia.
Estado civil: casada.
Núcleo familiar: a entrevistada, seu marido, dois filhos adolescentes.
Tipo de residência: casa.
Presença de animais: () sim (x) não
Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim (x) não
Forma da entrevista: () face a face (x) por telefone
Local da entrevista:

Antecedentes da entrevista

S02 se prontificou a prestar depoimento quando, entre colegas da faculdade, comentei que me faltavam sujeitos que não tivessem animais e - deixei transparecer - não gostassem de animais.

RELATO 02

E: - Me conta... Por que você não gosta de bicho?... Ou me diga, o que é bicho para você?

S02: - Não é que eu não goste de bicho. ⁽¹⁾ Acho que bicho me dá **trabalho**. ⁽²⁾ Tem certos bichos... que... eu tenho um pouco de medo, por experiências passadas... tipo gato. Bicho para mim é... uma coisa que eu posso passar sem... é isso aí.

E: - Mas é por que você não gosta, ou...? Tenta explicar um pouco...

S02: - ⁽³⁾ Pois é... Não é que eu não goste, sabe? Tanto é que quando ganhei o peixe, quer dizer, que quem ganhou foi meu filho. ⁽⁴⁾ Eu me propus a tratar do peixe, né?... Mesmo porque eu achava que era assim mais a nível de mostrar para criança, que a gente... principalmente peixe... animal doméstico... a gente pode ter um relacionamento... ⁽⁵⁾ Era mais a título de dar um exemplo, mas se fosse para mim sair, **comprar um peixe**, eu acho que não faria isso.

E: - Depois que estava na tua casa, como é que ficou?

S02: - ⁽⁶⁾ Aí ele ganhou o peixe, o meu filho mais velho; ganhou o peixe no Dia da Criança. Ele ainda estava no pré; já faz bastante tempo isso... Aí veio com o peixe dentro do saquinho de plástico, radiante, né?... feliz da vida!!! radiante!!! né?... saquinho de plástico... feliz da vida... ⁽⁷⁾ que era o peixe dele, o **primeiro bichinho dele**, sabe? ⁽⁸⁾ Então, sabe?... eu não tinha nem lugar para colocar o peixe. Minha mãe tinha um aquário de bola, de vidro e ela me deu o aquário... Pusemos o peixe lá... Tinha umas algas ainda no saqui-

nho, e o peixe ficou lá, e ele não tinha comida de peixe, nada. Mas não era por causa disso que iria deixar o peixe morrer, né? (9) Então vamos cuidar um pouco do peixe... Eu sabia que ele não ia sobreviver num aquário de bola, tá?... mas assim mesmo eu falei: "Não, vamos cuidar do peixe, porque ele ganhou... tal..." (10) Todo dia ele vinha olhar o peixe que é dele, quer saber como é que é, como é que não é... (11) Então eu vi que eu ia comprar comida para o peixe. Fui numa loja, comprei ração para o peixe, tinha umas algas lá... e um aquário mediano. Inclusive aquele aquário para um peixe só estava enorme. Tudo bem. Ai coloquei num móvel... (12) Então... todo dia ele vinha olhar o peixe... dava comida para o peixe... (13) Eu expliquei direitinho como é que dava... (14) Ele ficou radiante com o peixe e... não é que o peixe era uma **peixa!!!** Depois até nós começamos a chamar ela de peixa. Ela deu peixinhos... um **monte** de peixinhos, sabe? E... foi uma alegria aqui!!! imagine!!! quem diria!!! Nós nunca tínhamos visto e depois foi de um dia para o outro... quer dizer, quando amanheceu e nós vimos [risos] aqueles peixinhos todos lá, foi a maior alegria, viu? (15) Só sei que os peixinhos não sobreviveram. Aos pouquinhos, aos pouquinhos foram morrendo... e a peixa lá, firme, viu? (16) Eu trocava a água todo dia e... dava de comer, assim tipo... dia sim, dia não pra ela. (17) E... eu me dava bem com ela... não achava... não tinha nada com ela... eu pegava, inclusive, nela para... trocar de água, tal... (18) E... foi essa vivência que eu tive. No fim... ela acabou morrendo... mas ela durou bastante... ela durou uns dois meses...

E: - Todo mundo gostava igual da peixa?

S02: - Todo mundo gostava igual da peixa.

nho, e o peixe ficou lá, e ele não tinha comida de peixe, nada. Mas não era por causa disso que iria deixar o peixe morrer, né? (9) Então vamos cuidar um pouco do peixe... Eu sabia que ele não ia sobreviver num aquário de bola, tá?... mas assim mesmo eu falei: "Não, vamos cuidar do peixe, porque ele ganhou... tal..." (10) Todo dia ele vinha olhar o peixe que é dele, quer saber como é que é, como é que não é... (11) Então eu vi que eu ia comprar comida para o peixe. Fui numa loja, comprei ração para o peixe, tinha umas algas lá... e um aquário mediano. Inclusive aquele aquário para um peixe só estava enorme. Tudo bem. Ai coloquei num móvel... (12) Então... todo dia ele vinha olhar o peixe... dava comida para o peixe... (13) Eu expliquei direitinho como é que dava... (14) Ele ficou radiante com o peixe e... não é que o peixe era uma **peixa!!!** Depois até nós começamos a chamar ela de peixa. Ela deu peixinhos... um monte de peixinhos, sabe? E... foi uma alegria aqui!!! imagine!!! quem diria!!! Nós nunca tínhamos visto e depois foi de um dia para o outro... quer dizer, quando amanheceu e nós vimos [risos] aqueles peixinhos todos lá, foi a maior alegria, viu? (15) Só sei que os peixinhos não sobreviveram. Aos pouquinhos, aos pouquinhos foram morrendo... e a peixa lá, firme, viu? (16) Eu trocava a água todo dia e... dava de comer, assim tipo... dia sim, dia não pra ela. (17) E... eu me dava bem com ela... não achava... não tinha nada com ela... eu pegava, inclusive, nela para... trocar de água, tal... (18) E... foi essa vivência que eu tive. No fim... ela acabou morrendo... mas ela durou bastante... ela durou uns dois meses...

E: - Todo mundo gostava igual da peixa?

S02: - Todo mundo gostava igual da peixa.

E: - E ela reagia igual com todo mundo?

S02: - (19) Não... com meu marido era diferente... A gente chegava perto do aquário ela estava tranqüila, sabe? Ele chegava, ela começava a pular. Ela pulava até mesmo para fora do aquário, que tinha uma boca grande. Então a gente brincava... como é que pode, um peixe, conseguir assim... fazer diferença de uma pessoa para outra? (20) Com as crianças e comigo ela era calma, tranqüila, certo?

E: - Conta uma coisa, se hoje em dia te dessem um peixe, você aceitava?

S02: - (21) Aceitava...

E: - Um cachorro?

S02: - Acho que um cachorro, não.

E: - E um gato?

S02: - Acho que também, não... Gato... eu tenho experiências desagradáveis com gato...

E: - Passarinho?

S02: - Passarinho? Não sei... Sabe o que me vem na cabeça... quando me falam de bicho?

E: - Cachorro e gato.

S02: - (22) Trabalho!!! Você está entendendo? Me vem isto na cabeça, sabe? (23) Mas eu sou uma pessoa... que quando vejo alguém maltratar um bicho, eu acho um ab-

surdo um troço destes. Então por que que tem??? Você está entendendo? ⁽²⁴⁾ [**este relato é feito em tom indignado**] Por exemplo, eu já vi gente que eu fui visitar e o cachorro estava na sala e queriam que o cachorro saísse. E o cachorro não saía... Então, simplesmente catou o cachorro e jogou pra fora e fechou a porta. Eu acho que se é para tratar assim o bicho, **não tenha**. ⁽²⁵⁾ Então, já partindo daí, eu não tenho. ⁽²⁶⁾ Eu tenho um vizinho, que tem um casal de Pastor Alemão... e a danada da cachorra, ela me **detesta!!!** Porque ela fica na sacada e me olha do quintal... você precisa ver o que é!!! ⁽²⁷⁾ Olha... eu tive que colocar uma tela de arame, de um quintal para o outro, primeiro por causa das bolas das crianças que caíam lá que ela estraçalhava as bolas, ⁽²⁸⁾ e depois comecei a ficar com medo dela... [**neste ponto a fala começa a se tornar rápida**] Ela começou a crescer - porque ela é **enorme** - então comecei a achar que o dia que ela tivesse um apoio e, se alguém, sem querer, esquecesse um caixote ou qualquer coisa lá do outro lado, ela se apoiava e dava um impulso e vinha cair no meu quintal... de tão grande que ela é!!! ⁽²⁹⁾ [**a fala vai se tornando cada vez mais rápida**] Eu comecei a ficar assim... meio neurotizada e pensava... um dia esta cachorra, ela investe, contra mim, porque ela fica **latindo do lado de lá** [**a fala se torna muito mais rápida e quase ininteligível**] Ela me olha... os olhos até brilham!!! sabe? ⁽³⁰⁾ E eu ter estas experiências aqui **tão próximas**, eu vejo que não para empregada na casa... porque inclusive... o cheiro de lá, sabe?... é terrível!!! é mosca... E, e, sabe? Eu fico pensando... que... não vale a pena ter **tanto trabalho**...

E: - Conta uma coisa, na casa dos teus pais tinha?

SQ2: - ⁽³¹⁾ Tinha. Quando era criança, nós tínhamos uma ca-

sa muito grande. Eu morava em Santos e a casa era enorme, (32) e de um quintal maravilhoso, coisa que hoje não existe mais... Então nós tínhamos um casal de Pinscher. Esse cachorrinho Pinscher é um cachorrinho muito dócil, sabe?... Ele é fácil de se ensinar, de aprender, principalmente quando é ensinado de pequeninho. E nós ganhamos eles de recém-nascidos. E, você sabe?... que eles não entravam dentro de casa. Eles ficavam na porta da cozinha e não passavam, porque minha mãe acostumou... Então quer dizer, que nós tínhamos cachorro, mas fora de casa, não dentro de casa.

E: - Mas o Pinscher é pequenininho, e assim mesmo ficava fora de casa?

S02: - (33) Ficava fora, porque nós tínhamos condições... o quintal era enorme, tinham casinha, sabe?... tinha dependências...

E: - Quer dizer, você brincava com eles?

S02: - (34) Brincava...

E: - Mas do lado de fora?

S02: - Exato. Do lado de fora. Nunca dentro de casa.

E: - Eles nunca foram companhia para você? Você é filha única?

S02: - (35) Não; eu e minha irmã; eu sou mais velha, ela é mais nova um ano que eu. Mas era companhia, sim. Certo? Mas fora de casa, não dentro de casa. (36) E eu não sei, se quando era criança eu não via este negócio de limpar cocô... porque tinha um quintal enorme e eles faziam no quintal, né?... e não tinha aquela his-

tória de ficar limpando como vejo hoje em dia, sabe? Então, sabe?... fica um negócio pra mim, que eu não aceito muito este negócio de ficar limpando cocô de cachorro.

E: - Sei. É válido, eu acho.

S02: - (37) Realmente, pra mim... Os meninos quando eram menores, me pediam, sabe? Então eu fui... explicava para eles que cachorro dava muito trabalho, inclusive eu dizia para eles assim: "Como é que a gente pode sair de férias, viajar e deixar o cachorro preso aqui? A gente teria que pedir para alguém tomar conta, e não dá certo, porque o cachorrinho também sofre, gostaria de ir com a gente, ele não gosta de ficar preso e esta coisa toda." No final eu ia saindo por estas desculpas, sabe? E eles iam aceitando... (38) Mas eu podia ter arrumado outros bichos: passarinhos, tartaruga, peixinho e não arrumei! (39) É aquela história... bicho pra mim, a primeira coisa que vem na cabeça é **trabalho**.

E: - Sei... Você tem vontade de contar o que aconteceu com o gato ou é muito traumático?

S02: - (40) Não, não é... é aquela história, quando a gente é criança vai na casa de alguém e tem um gato. É **aquele gato**, sabe?... que tem almofada... era assim... aquele tipo de gato de olho **bem azul**... é, gato pra mim, me passa assim: bicho fresco; bicho cheio de história. Então esse gato, era todo... cheio de história... E eu... numa hora, porque fui pegar no gato, o gato pega me dá uma arranhada, sabe?... mas arranhada assim... violenta, viu? Ah, nunca mais!!! (41) Então gato para mim... e depois eu não acho que o gato seja um bicho assim... muito afetuoso. O gato, assim,

ele tem uns repentres... Eu não gosto de gato...

E: - Que bicho você gosta?

S02: - (42) Mais... cachorro mesmo. Mas mais dos outros.

E: - [risos]

S02: - (43) Eu acho uma belezinha, cachorrinho recém-nascido, eu acho uma gracinha, certo?... mas... não quero.

E: - Mmmm.

S02: - Uma vez eu tinha uma amiga, que tinha uma chácara, que criava coelhos... quis me dar um coelho... eu não quis.

E: - E você sabe que coelho dá para treinar para ele sugar assim dentro de caixinha de areia? Eu acho muito bacana.

S02: - (44) Você não ficaria com dó... ter um coelho... sozinho... Sabe?... eu acho...

E: - Bom, se você tiver dois, já viu, você tem que mudar de casa.

S02: - (45) Então fico pensando... fico achando... coitado do coelho, todo sozinho. Então se eu arrumar dois, ele começa a dar cria... e então eu fico toda enrolada. Então prefiro não ter o coelho. Depois para quem gosta de coelho, precisa ter uma chácara... um quintal grande... ter bastante espaço, sabe? Aqui em casa... é... a casa é grande, mas o quintal é pequeno e no fim acaba o bicho entrando... Ah! não dá pé, não.

Dados do sujeito (S03)

Sexo: masculino.
Idade estimada: 28 anos.
Grau de instrução: superior.
Profissão: engenheiro civil.
Estado civil: casado.
Núcleo familiar: o entrevistado e a esposa.
Tipo de residência: apartamento.
Presença de animais: () sim (x) não
Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim (x) não
Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

Depois de ver o entrevistado semanalmente no exercício de sua profissão e observar sua impassividade perante quatro gatos que habitam a obra, resolvi abordá-lo quanto à posse ou não de animal de estimação.

RELATO 03

E: - Você tem bicho em casa?

S03: - Não.

E: - Por que?

S03: - (1) Porque moro em apartamento.

E: - E no prédio é proibido entrar animal?

S03: - Não é, não... até que tem gente com gato, passarinho.

E: - Você pretende ter animal no apartamento?

S03: - (2) A gente não vai querer ter porque vai ter que ficar o bicho sozinho - eu trabalho o dia inteiro, minha esposa dá aula à tarde, então a gente não vai querer.

E: - Você gosta de bicho?

S03: - (3) A gente gosta quando tem, mas se não tiver, tudo bem.

E: - Na casa dos teus pais teve bicho?

S03: - (4) Em casa sempre teve... meus pais têm uma cachorra, ela deve ter uns doze anos.

E: - Você se dava com ela?

S03: - (5) Eu peguei ela pra criar, ela estava abandonada - eu trabalhava na lanchonete em Usasco e o que sobrava

da lanchonete eu trazia... ela era uma cachorrinha de rua, novinha.

E: - O que te fez dar comida pra ela?

S03: - (4) Ah! porque ela era novinha, pequenininha, aí, fiquei com dó, comecei a tratar - (7) e aí um dia convenci minha mãe - (8) a nossa tinha morrido faz pouco tempo - aí ela aceitou... tá lá até hoje... no começo minha mãe não queria...

E: - E quem cuidava?

S03: - (9) Minha mãe cuidava depois que ela veio pra casa.

E: - E você não cuidava?

S03: - É que depois eu fui estudar fora, fui para Piracicaba, fiquei seis anos fora, só via ela quando eu voltava pra casa. (10) Então quando ela me via ela fazia festa comigo.

E: - Você fazia festa?

S03: - Não. Ela fazia festa.

E: - Teus pais gostam dela?

S03: - (11) Agora eles gostam que ela está muito tempo em casa - quem gosta mais é minha mãe.

E: - Ela nunca deu cria?

S03: - (12) Já deu cria e demos os filhotes.

E: - Você não sente falta dela?

S03: - (13) Não. Todo fim de tarde passo em casa [dos meus pais], porque vou esperar minha esposa que trabalha aí perto.

E: - E se ela morrer?

S03: - (14) Se morre a gente fica sentido que tem já muito tempo... (15) Para minha mãe serve de companhia porque minha irmã foi morar em Londrina, então ela faz companhia pra minha mãe, que fica sozinha o dia inteiro.

E: - Teu pai ainda está vivo?

S03: - Sim. Mas ele sai logo cedo, vai pra obra, então ela fica sozinha o dia inteiro, só fica ela e a cachorra.

Dados do sujeito (S04)

Sexo: feminino.

Idade estimada: 58 anos.

Instrução: superior.

Profissão: médica endocrinologista.

Estado civil: solteira.

Núcleo familiar: a entrevistada, a mãe, uma irmã mais velha e uma inquilina, Fátima, que faz as vezes de enfermeira da mãe.

Tipo de residência: apartamento.

Presença de animais: () sim (x) não

Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim (x) não

Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone

Local da entrevista: residência da entrevistada.

Antecedentes da entrevista

Dalton, um cãozinho da raça Fox pelo duro, é hospedado no apartamento de S04 toda vez que o dono, um menino de 15 anos, tem que se ausentar por mais de 2 dias. Esta rotina vem há pelo menos 3 anos. O animal é muito benquisto por S04. Durante uma conversa sobre animais e principalmente sobre as coisas que o cão Dalton fazia, S4 começou a contar de seus passeios com o cão. Pedi-lhe permissão para gravar nossa conversa.

RELATO 04

E: - Quais tuas intuições aqui?

S04: - ⁽¹⁾ Minhas intuições em relação aos passeios do Dalton, né?

E: - É... vai, intuições.

S04: - ⁽²⁾ Minha intuição é que a gente anda pela rua e nem vê quem está andando, especialmente longe da casa da gente. ⁽³⁾ E quando a gente sai com o cachorro, a gente começa a reparar nos cachorros, nos vizinhos e através dos cachorros a gente começa a conhecer os donos, a gente pergunta o nome e depois a gente acaba se cumprimentando, se conversando. ⁽⁴⁾ Isso tem acontecido comigo, com a Fátima. Demais, demais!

E: - Você tem mais amizade agora aqui que no bairro, depois que o Dalton entrou na sua vida?

S04: - ⁽⁵⁾ Muito mais! Muito mais pessoas. Já sei quem mora num lugar, quem mora noutro. Também sabia as pessoas onde moravam e até mesmo os cachorros, porque eu gosto de cachorro; não reparava. Hoje em dia, sei o nome de todos os cachorros do bairro. Há pouco saímos, encontramos o Dic, "Alô, Dic", ou então, "Boa tarde, como vai o Dic", essas coisas todas que não aconteciam antes.

E: - Incrível!

S04: - ⁽⁶⁾ É é muito interessante! A Fátima então fez um círculo de amizade enorme através do Dalton. Conversando com empregadas também que levam seus cachorros, as donas dos cachorros.

E: - Vocês sempre andam na mesma hora?

S04: - (7) A Fátima pega de um modo geral as empregadas, porque ela sai muito cedo e o patrão não sai cedo, o patrão vai para o emprego. Então, de um modo geral a Fátima pega as empregadas que saem com... as babás dos cachorros; e ela conversa. (8) E eu, quando saio à tarde, a hora que...

E: - Que as madames passeiam.

S04: - Que as madames passeiam. Ah, eu já fico conhecendo as donas e eu sei que são os mesmos por causa dos nomes dos cachorros.

E: - Ah, são os mesmos que de manhã?

S04: - (9) São os mesmos! Por causa do nome dos cachorros e às vezes eu estou com a Fátima, eu percebo, eu sei que são os mesmos, né. (10) E a gente fica conversando, patrão, empregada, cachorro, nome, tudo através do Dalton. (11) O Dalton aproxima as pessoas.

E: - A linguagem técnica é um catalisador, um catalisador social, viu?

S04: - Exatamente, exatamente!

E: - Porque na minha cabeça, um cão que passeia uma vez com a babá, passeia as outras vezes também com a babá.

S04: - (12) Não, às vezes, à tarde, depois que as pessoas vêm do serviço. De manhã cedinho o cachorro precisa sair e a pessoa não vai sair cedo, não gosta ou às vezes, deita tarde ou não está interessada em levantar

cedo e manda a empregada. (13) A tarde é gostoso. Você à tarde dá um passeio com o seu cão. Então, eu dou meu passeio.

E: - E de noite ninguém passeia?

S04: - (14) De noite, a Fátima...

E: - A não ser os que querem assaltos...

S04: - É, é mais... ai, é uma saída mais técnica. (15) Interessante isso! uma aproximação, um papel muito importante para o cachorro.

E: - E como é que isso fica quando o Dalton não está?

S04: - (16) Ai quando eu encontro as pessoas, diminui muito, mas quando eu encontro eu já cumprimento eu...

E: - Ai, não pára?

S04: - Ai, não paro.

E: - Ai, não pára!

S04: - é diferente.

E: - Por que o Dalton não tem o que cheirar?

S04: - É, porque o Dalton pára para conversar e o vendedor de doce me cumprimenta e ai já cumprimenta sem Dalton mesmo. (17) Fiquei conhecendo o vendedor de doce, que eu nem tinha idéia que existia esse vendedor de doce. Uma série de pessoas que eu fiquei conhecendo. Agora, realmente, quando o Dalton...

E: - O que o vendedor de doce tem a ver com o Dalton?

S04: - Ele gosta do Dalton. O Dalton tem uma imagem bonita e ele ri... Ele começou a rir para mim, eu comecei a rir para ele e depois também tive que segurar o Dalton, para o Dalton não fazer xixi na cesta dele, né? E aí a gente ficou amigo. E agora quando eu não estou com o Dalton ele já ri para mim, diz boa tarde, essa coisa toda.

E: - Quer dizer que você teve um papinho...

- [risos]

S04: - (18) Então, é muito positivo nesse sentido, a aproximação dos seres humanos. Eu acho isso, especialmente numa cidade grande é uma coisa importantíssima. Eu acho que numa cidade do interior todo mundo se conhece, não preciso um cachorro para aproximar, mas aqui é. E a gente fica conversando, patrão, empregada, cachorro, nome, tudo através do Dalton. O Dalton aproxima as pessoas.

E: - Escuta, não estaria na hora de você pegar um "Dalton" para você?

S04: - (19) Eu acho que ele está muito bem assim. Eu acho que ele precisa de um jovem para ele viver como jovem.

E: - Não, não "o" Dalton, "um" Dalton.

S04: - (20) Um Dalton tiraria o lugar do Dalton.

E: - Você não quer?

S04: - (21) Não, além disso eu acho que eu quero fazer tan-

ta coisa ainda na vida se me sobrar tempo e que...
 (22) Um cachorro precisa, merece um carinho muito especial. Eu não sei se eu poderia dar esse carinho como eu dou assim. Alguns dias, alguns dias eu posso dar esse carinho, mas toda a vida eu não sei se eu estaria disposta a fazer isso assim tempo integral. (23) Eu tenho tanta coisa que eu quero fazer, que estou segurando porque eu também tenho que dividir meu carinho com mamãe e eu tenho a impressão que eu talvez não gostaria. Porque para ter, tipo manda a empregada fazer as coisas e "ai, que bonitinho, que cachorrinho muito bonitinho", cantando e tal, eu acho que não.
 (24) Eu quero um cachorro para fazer o que eu faço com o Dalton. Está sempre comigo, eu estou sempre acarinhando e será que vai dar tempo de fazer isso se algum dia eu tiver liberdade assim, para fazer as coisas que eu gosto? Eu não sei. Não sei até que ponto, talvez...
 (25) Será bom para um cachorro uma pessoa de idade que pode morrer a qualquer hora, que pode ficar incapacitada a qualquer hora, (26) que não pode dar alegria para o bicho. Esse bicho, por exemplo, é cheio de vida. A vida comigo não é o ideal para ele. A gente vê quando ele está perto do menino. Ele vira outro, porque pula, porque corre, é outro tipo de vida. Quando ele vê criança fica doido. São animais que precisam também de alegria, de vida. (27) Eu estou novamente com otite. [fala dirigida ao cachorro]

E: - Eu estou novamente com um comezinho de uma otite? [aponta para o cachorro] Ponha um pouco de Omcilon também.

S04: - [fala dirigida ao cachorro] Agora é o outro. Agora é o outro. Agora é o da pintinha preta. Eu marquei que é o da pintinha preta. Vamos começar, sem beijos, novamente, tudo de novo. Juiiação! [fim da fala dirigida

ao cachorro] (28) Eu acho que eles merecem um carinho muito especial, que eu não sei, eu dei tanto carinho para minha mãe há tantos anos e agora começar outra vez tudo de novo, eu acho que eu vou roubar muitas coisas que eu preciso fazer. (29) Então assim como está, está muito bom, porque ele vem, a cada 10, 20 dias eu dou o que posso para ele. Depois ele lá na casa dele, ele tem a juventude, ele tem brincadeira, ele tem uma vida melhor, que ele precisa também para a estrutura dele. Assim, eu acho que está bem. Eu tenho a impressão que está bem, mesmo que futuramente ele venha a ser meu. (30) Porque quando o menino crescer, que ele tiver namorando, que começar a sair, tudo. Vai mudar a paixão quando o menino parar de ter interesse por ele. O menino adora os bichos demais.

[gravador desligado]

S04: (31) No enterro de minha vizinha, D. Cida, apareceu uma vira-lata lá. Entrou pelo nosso quintal e apareceu lá em casa. Aí ela teve um romance com o cachorro do vizinho e nasceram 3 cachorrinhos dos quais uma cachorrinha ficou cachorrinha da minha irmã. (32) Minha irmã era pequena, eu não era nascida ainda. Minha irmã ficou muito apegada a essa cachorrinha e viveram mãe e filha, eu já conheci lá no nosso quintal a mãe e a filha e a gente adorava as duas, especialmente a filha que era assim uma meiguice... (33) Uma época, quando eu tinha 9 anos meu pai resolveu vir aqui ao Rio ver os parentes. E minha irmã não quis vir exatamente para não deixar os cachorros. E eu numa conversa, então eu disse os preparativos para a viagem: "... e a gente vai, dia tal e vamos fazer isso, e vamos fazer aquilo, chegamos no Rio, a gente faz isso e aquilo..." e aí, enquanto a gente conversava elas começavam mudar. Mudavam... mudavam. Então - nunca - não era uma cachorr-

ra... de maneira nenhuma. (34) Assim, uns 15 dias, que as conversas se tornaram mais densas em torno do assunto, começaram aqueles uivos... (35) Nós viemos, as duas morreram. Uma morreu um dia, a outra dois dias depois...

E: - Vocês vieram pro Rio?

S04: - Viemos.

Dados do sujeito (S05)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 28 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: médica veterinária.
 Estado civil: solteira.
 Núcleo familiar: a entrevistada, pai, mãe e uma empregada.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

Gravação feita após um "bate-papo" com estudantes de veterinária em que foram abordados temas de comportamento animal. Perguntei por que eles foram fazer veterinária e me responderam o seguinte: 1. S05 disse que se relacionava mais com animais, que tinha horror em pensar em gente doente; 2. O estudante de veterinária D. disse que foi criado com animais, tinha sítio, fazenda; viveu toda vida no meio de bicho; 3. A outra estudante, L., falou que, para ela, "tinha que ser bicho", nunca pensou em tratar de gente. S05 contou como teve que decidir a eutanásia de sua própria cadela. Relatou que a cadela adorava passear, que, mesmo mancando, com tumor de mama, acompanhava a dona... fazia festa... O episódio da decisão da eutanásia ocorreu depois de uma ausência de três dias da dona. Quando ela voltou o animal não se mexia; não fez festa.

RELATO 05

E: - Sabe? o que eu quero, são essas coisas humanas, que você falou. Uma parte que me interessa é o que o veterinário sente numa hora dessas, onde entra a parte de você profissional e onde entra a parte de você como um ser humano qualquer? Que isto tem que extrapolar inclusive para o médico humano.

S05: - (3) - A gente é veterinário, humano e proprietário. Eu não sei a minha reação quando eu for veterinária... e... for um caso extra, se não for a minha cachorra.

E: - Ai você é duas pessoas?

S05: - (4) - Eu acho quando se trata... Porque a minha cadela, eu sei **exatamente** o gosto que ela tinha pela vida... Quais eram as reações normais dela. O que ela estava fazendo... Quando ela estava feliz, ela estava deste jeito, quando ela não estava feliz, quando ela estava apática, por algum motivo... **quando** ela estava de outro. (5) Então... eu sabia exatamente que... ela não estava mais... e estava... então tomei a decisão que achei que estava certa. (6) Mas quando vem... Acho que para o veterinário tomar todas estas decisões, o dono também tem que saber sentir o cachorro... saber que ele pode estar meio mal mas que ele ainda está querendo viver. (7) Ai tem que tentar salvar, porque enquanto tem gosto... pela vida...

E: - O gosto é um julgamento muito subjetivo, não é?

S/05. - Porque tem muito doente humano que os médicos falam: "Não viveu porque não quis; não estava querendo lutar.. contra a doença, se entregou..." Eu acho que deve ser também.

E: - Ai como é que ficou? Você resolveu que tinha que sacrificar.

S05: - (9) - Eu olhei para a cachorra... vi que a cachorra não estava mais... Eu fiquei muito chateada, porque tirei ela da casinha e coloquei uma espuma para ela deitar em cima - isso à noite - e de manhã fui ver como ela estava, e ela estava do mesmo jeito, na mesma posição que eu tinha deixado, só que ainda tinha feito xixi. (10) Daí eu falei: se ela não consegue mexer uma patinha - ela estava com as duas patinhas assim direitinho - aí já fiquei meio assim... Aí comecei. Não foi uma decisão assim: olhei e pronto... começou amadurecer na minha cabeça... que talvez seria melhor para ela... Isso acho que foi na 5ª feira de manhã... (11) Aí na 5ª feira na hora do almoço, eu fui tentar dar leite... ela não quis de novo... e ela... Daí eu dava injeção na veia dela, ela deitada... ninguém segurando. A expressão dela de dor... ela abria a boca dela mas **jamais** para me morder, era como se ela estivesse falando: está **doendo... doi...** e ela não... estava mais querendo... levantar... fazer nada... (12) Eu chegava e ela não levantava nem a cabeça. (13) **[todo o enunciado é produzido em tom de choro e de maneira lenta]** Aí eu comecei a fazer carinho nela, comecei a chorar, chorar e resolvendo... Aí eu falei: Amanhã vai ser levada. Aí fiquei meio assim... quando minha empregada me falou: "A Beth não está tão ruim como você pensa que está". Eu falei: "Não, ela está aí... Eu conheço ela melhor do que você, e eu sou veterinária, pra saber que ela não vai pra frente". (14) Aí, no dia seguinte de manhã, eu já tinha pedido pro meu namorado; ele passou em casa... levou... porque eu não queria assistir. (15) Mas eu queria saber que ela tinha morrido sem dor, sem... dum jeito bonito, né? Aí ele

levou ela no veterinário...

E: - E ela gostava do teu namorado?

S05: - A cachorra? Gostava. ⁽¹⁵⁾ Ela era muito **carinhosa**... Ele... faz pouco tempo que ele ia lá em casa mas... ela gostava... ela sempre... ela sempre foi uma cachorra muito inteligente. ⁽¹⁶⁾ Ela sabia diferenciar quem era bom, quem era, quem era para ela morder, quem não era, porque ela já tinha pego ladrão uma vez que entrou em casa, tal. Mas, tinha pessoas, e ainda mais quando ela, à medida que ela foi ficando mais velha, ela foi ficando mais... mais meiga... mais tranqüila, ela não era tão brava com os outros. E ele... numa época ele estava mexendo - fazia uns vinte dias - ele tava mexendo na casinha dela, e ficou lá em casa sozinho no quintal, eu não tava nem lá. E a cachorra ficava do lado **dele**, querendo **carinho**, e ele fazia **carinho**, então ela foi... é lógico... ⁽¹⁷⁾ Uma vez ele saiu para andar com ela, e eu achei engraçado, porque eu dei banho - isso também, questão de um mês, tudo isso - E eu falei... eu tinha que dar banho nos outros dois, porque tenho mais três, fora ela, né? Aí eu falei é, a recompensa dela, ficar quietinha no banho, era sair pra dar uma volta depois. Então, ela ficou boazinha, eu falei, agora você tem que dar. Eu achava muita sacanagem não levar, né? Mas pra eu parar de dar o banho e sair pra dar uma volta... Eu pedi pra ele... dar uma volta com ela. E ele foi, ⁽¹⁸⁾ mas ela não ficou muito feliz. Ela queria sair **comigo**. Aí ela voltou, né? meio chorando... porque era engraçado que eu dava uma volta com ela... eu dava uma vóltinha no quarteirão. Mas, às vezes, eu queria enganar, eu ia até a ponta da rua assim, e queria voltar já, né? Aí ela empacava. Pra voltar ela não voltava, mas pra ir pra frente ela ia, daí eu tava sabendo que ela queria

andar mais. E com ele foi ao contrário; ela andou um pouquinho e empacou, empacou que queria voltar. E no mesmo dia... eu não sabia se ela estava se sentindo mal, ou se era o fato de ter saído com uma pessoa que não era tão conhecida dela. Ai eu andei com ela, ela... andou tudo... (19) [frase pronunciada em tom de voz baixo e saudoso] Então é... ela quer sair com quem ela gosta mesmo. (20) Mas depois... eu tava contando pra eles que foi chato... porque logo depois teve um chá de cozinha em casa... e um monte de gente da família perguntava: "Cadê a Beth?" Todo mundo conhecia... Ai eu... falava: "Ela morreu..." (21) Mas eu sentia meio, assim... não sendo honesta, simplesmente falando: "ela morreu..." Eu sentia que eu tinha que falar que eu mandei sacrificar... porque ela estava assim, tá? (22) E eu justificava também. Não deixava os outros pensarem: "Achou que a cachorra não estava mais boa e... mandou matar". Ai... eu fui falando, e... você fala meio com ar assim... No fundinho eu sentia assim meio: será que os outros não estão pensando que eu fui precipitada, ou que... não foi uma... sabe? uma decisão bem pensada... Não sei o que eles pensam... Não tinha nenhum veterinário envolvido. Mas, eu sentia na obrigação de explicar. Sacrifiquei e tal, e tentava tirar de mim a... a culpa, né? (23) Porque a culpa fica. Se bem que ela sacrificou, tal, eu me senti super aliviada. Eu sabia que eu tinha feito a coisa certa. Mas, perante os outros a gente se sente meio cobrada...

E: - É porque... Eu vejo isso... assim que... parece que a gente falhou, né?

S05: - É.

Dados do sujeito (S06)

Sexo: masculino.
 Idade estimada: 41 anos.
 Grau de instrução: secundário incompleto.
 Profissão: comerciante.
 Estado civil: casado.
 Núcleo familiar: o entrevistado, sua esposa, uma filha de 15 anos.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: loja do entrevistado.

Antecedentes da entrevista

Só ganhou as duas primeiras tartarugas por meu intermédio. Quando uma morreu, telefonou-me pedindo ajuda para encontrar outra. Levei-lhe uma das que eu tinha em casa. Na ocasião da entrega Só começou a contar onde tinha enterrado a tartaruga morta. A gravação se iniciou neste ponto.

RELATO 06

- E. - Onde é que o senhor enterrou?
- S06: - ⁽¹⁾ Coloquei numa caixinha e... mandei enterrar num jardim aqui perto. No jardim da praça.
- E: - Como é que você colocou? Fez buraco e...
- S06: - Fiz o buraco e coloquei a caixinha com ela, cobrimos de novo e deixamos.
- E: - E ninguém achou estranho?
- S06: - Não, ninguém viu... Porque eu não sabia o que fazer... Ela tinha morrido, então, eu deixei ela no quintal, lá num lugar bem fresquinho, pensando o que eu ia fazer. Ai vinha uma e falava: "Não, põe no lixo!"... falei: "Pô, não tem nem cabimento por no lixo", não é? Ai eu peguei e falei: "O que acho mais certo é enterrar ela, pôr numa caixinha e enterrar no jardim." E... ai foi feito porque... eu não tenho coragem... sabe? Eu chegar e enterrar, eu não tenho... ⁽²⁾ Nós já tivemos, uma vez, um macaquinho e, esse macaquinho deitava, mexia em tudo, pegava meus óculos, empurrava o banco. ⁽³⁾ Ficou doente... gastei uma nota com ele!... não era pelo dinheiro... e sim pelo sofrimento que ele me causou. Ai mandei no "médico", na Paes de Barros... deu medicação, deu injeção, eu mandei comprar remédios e dar... ele foi piorando, piorando, começou a cair os pelinhos, ai o empregado lá de casa, ele falou: ⁽⁴⁾ "Não tem jeito, tem que sacrificar, porque, eles têm que amputar a patinha dele." Ai eu perguntei se não tinha jeito mesmo e ele disse que não tinha. ⁽⁵⁾ Ai eu fiquei com ele assim mesmo, dava remédio e tudo, mas ele gritava dia e noite. ⁽⁶⁾

Aí o problema foi na hora de sacrificar o bichinho, ninguém tinha coragem de ir para o médico aplicar injeção no bichinho. Aí, eu tinha um rapaz trabalhando comigo, e eu falei: "Leva essa caixa na Paes de Barros." Ele falou: (7) "É o macaquinho que está aqui dentro para ser sacrificado?" Ele disse: "Me manda fazer outra coisa, mas não isso". Eu disse: "Então, quem é que vai levar?" Aí eu convenci ele, pegou um carro e levou. (8) Aí quando ele voltou estava todo mundo chorando... Mas olha, ficamos um mês que... em todos os lugares que nós íamos víamos o macaquinho. (9) É o que aconteceu com a tartaruga. A tartaruga, agora... nossa!! eu tenho até medo de pegar nela. (10) Olha, para mim largar ela eu faço um cuidado que, acho que nem com minha filha eu largaria com tanto cuidado, sabe? Tenho ela ali... aquele medo dela se machucar. (11) Então, quando a outra morreu, a outra era quieta... mas mesmo assim, nós sentimos tanto. Nós, eu e minha filha, minha mulher sentiu mas, era mais forte. (12) Ontem eu andei, se a senhora soubesse, o que eu andei atrás de tartaruga... Fui na Consolação me mandaram ir na Arthur de Azevedo, de lá me mandaram ir no Mercado de Pinheiros, de lá me mandaram ir aqui pertinho da Pedroso de Moraes, ali tem uns aquários. Fui lá... em todo lugar que eu fui deixei cartão... "Se conseguir uma tartaruguinha ou duas pequenininhas, me liga..." Aí até eu falei para elas: (13) "Não é tanto por mim, é por causa da minha filha". Mas não, é por mim também. (14) Estou apavorado. Quando a senhora trouxe ela... nossa!... mas sabe porque? Porque a outra fica triste. (15) Sabe o que a outra fez? Ela não viu. Eu tirei a outra, deixei lá num lugar bem fresquinho, até decidir o que eu ia fazer, ela, enquanto eu lavei o aquário, coloquei as pedras e coloquei ela de novo, ela começou cavocar procurando a outra, para ver se a outra não estava enterrada, se não estava embaixo das

pedras, ela ficou cavocando e desmanchou tudo. (16) Acho que ela pensava: "Será que ele colocou pedras e a amiguinha dela estava embaixo?" Aí eu peguei e tirei as pedras, sabe, para ela ver que não tinha nada. Coloquei de novo. Mas ela... (17) Ela brinca e tudo mas, eu pensei, essa tartaruga vai morrer desse jeito. Tristinha, não é? Ela não demonstra tristeza, mas a gente sente que, sozinha, se deixasse ela, ela não ia... Eu não via a hora que a senhora chegasse.

E: - Por que que o senhor gosta dela?

S06: - (18) Ah!... eu gosto, eu acho bonitinha...

E: - Mas antes de eu dar, o senhor sabia que o senhor ia gostar?

S06: - (19) Ah!... mas eu sabia porque eu gosto de tudo quanto é bichinho... As outras de terra que estão lá no quintal... tem cinco... (20) De vez em quando a mais "grandona", na outra loja, eu trabalhava e eu só usava calçado branco, e ela me conhecia... essa grandona que está lá no fundo. (21) Então ela ficava a noite toda comigo... onde eu estava, eu sentia alguma coisa no meu pé... era ela que estava debruçada no meu pé... essa de terra que tem lá dentro. Então ela ficava comigo o dia inteiro, e eu também... Deus me livre... (22) se ela morrer eu vou sentir demais... eu gosto dela não é? (23) E tem 5 lá. Então é gato, é cachorro, é qualquer animal. (24) A outra vez foi o gato. O gato tinha uma doença, levamos no médico, o médico deu os medicamentos, injeções, aí ele pegou, disse que não tinha jeito e tinha que sacrificar. E para sacrificar, como é que faz? Quem é que tem coragem? (25) Então, tivemos que... foi minha mulher que levou, eu não fui. Levou, sacrificou... (26) ...aí ele mesmo

lá se encarregou de enterrar... a gente sente... Deus me livre.

E: - Quem dá mais prazer? As pequenas ou as grandes?

S06: - (27) As pequenas.

E: - Por que?

S06: - (28) Não sei... parecem que são criancinhas... eu gosto mais da pequena, eu acho mais engraçadinha. Porque elas ficam me olhando, sabe? (29) E eu não sei, ela me conhece, porque ela, quando aparece minha filha, ela faz festa mas foge. Quando ela ouve a voz da minha filha, ela já põe a cabeça para fora para olhar. (30) Quando ela me vê e estou sentado, ela põe a cabeça para fora e fica me olhando... fica até de pezinho me olhando... me olha, me segue, aonde eu vou ela me acompanha, sabe? (31) As vezes eu me sento no sofá, a minha filha fala: "Olha quem está aqui olhando". É ela. Então eu olho no aquário e vejo que não tem comida ou tem pouquinho, então eu vou e pego camarão... ponho lá e ela come. (32) Então ela deve perceber que sou eu quem cuido dela, que eu lavo, lavo as pedras e coloco, então, de mim ela não foge. (33) Me disseram que tem uma folha de alface japonesa que era muito bom, porque eu não estava encontrando aquela planta que fica em cima da água. Então eu mandei buscar na feira, foi buscar. (34) Aí eu perguntei para a pequeninha, depois que a folha foi colocada, ela estava longe da folha: "Você já experimentou se é bom, não comeu nada, experimenta! Vai, sobe na folha, vai, vê se é boa essa folha, se não é..." (35) Sabe o que ela fez? Ela saiu, foi para cima da folha, colocou as duas patinhas em cima da folha e ficou me olhando... incrível, até parece que ela entendeu o que eu falei para

ela, se ela tinha gostado da folha. (26) Ai minha mulher disse: "Olha, até parece que é uma pessoa!... Foi você falar e ela foi para a folha..." (27) Então, eu conversei com ela, sabe? Essa noite eu estava com as luzes acesas e ela não parava quieta, começou mexer as pernas, eu ouvia aquele barulho de mexer as pernas. Então, eu levantei e falei: "O que foi? Por que você está assim?" Coloquei comida, ia sentar de novo e ela, mexendo as pernas. Ai, na terceira vez que ela fez isso, eu disse: "Eu sei o que você quer. É a luz que está te incomodando, não é?" Porque estava muita luz acesa... ai eu peguei um papelão, coloquei na parte onde batia luz, ai ela se encostou e dormiu. A luz estava incomodando ela. Ela queria dormir. Quer dizer, parece que ela entende, sabe? (28) Ela conversa comigo, assim, eu falo as coisas e ela parece que entende. Às vezes eu falo: "Cadê minha boneca?" E ela está lá no fundo, não é? Nem sei se é macho ou se é fêmea... então... "Cadê a boneca?" Então ela já sai, põe a carabça e fica se balançando. Olhando e se balançando, põe as duas patinhas e fica assim... fica um tempão. (29) E com a minha filha ela ouve, e ela deve pensar que minha filha vai querer pegar ela. Ela não gosta que pega, então ela se apavora e, eu não e, às vezes eu ponho o dedo assim perto dela, para ver se ela foge de mim também e... de mim não. Mas, da minha filha ela foge. (30) Porque acho que ela pensa que quando eu pego nela, ou é para lavar, quando eu vou limpar o aquário, então eu coloco um balde com as pedras grandes. Lavo e deixo dentro da água para desinfetar bem, não é? Mas não uso desinfetante nenhum, só água. Às pequenas, noutro. E numa vasilha, de medo dela se apavorar, ela pular, eu já ponho uma vasilha mais funda, e deixo ela ali com uma folhazinha brincando. Ai depois que está tudo pronto, que eu já arrumei as pedras e tudo, ai é que pego nela e ponho ela ali com planta nova, ai

ela faz uma festa, ela vai de um canto para outro, e sobe e desce, aí... é um espetáculo, viu?...

E: - O senhor acha que modificou alguma coisa na sua vida depois da tartaruga?

S06: - ⁽⁴¹⁾ Na minha vida? Nem comparação! Melhorou... eu me sinto mais calmo. Parece que eu já não estou mais sozinho quando minha mulher sai, sabe? Parece que eu tenho sempre uma companhia junto. Parece que as coisas vão melhor. Meus nervos se acalmaram, eu era muito nervoso, já não sou. ⁽⁴²⁾ Eu posso estar nervoso como for. Posso estar nervoso!!! Se eu chego perto dela... eu não consigo ficar nervoso. Olho para ela e já começo a conversar com ela e pronto, passa. Para o meu sistema nervoso, o melhor remédio foi ela. Por isso que estava desesperado, porque ela está aí, mas é uma só, não é? Então ontem, tiveram lugares que fui aí que ficaram até com dó, sabe? Eu falava que era a menina, não é, "me arruma uma e tal", falei... "porque eu preciso... porque a minha filha acostumou... olha pode ir na Pedroso de Moraes, naquela japonesa..." não sei se ela é japonesa ou é "Hippie"... Ela ficou com o meu cartão e ficou de me avisar quando encontrar. Eu falei: "Tem que aparecer!" Até ela falou para mim: "E se o senhor encontrar, e eu também?" Eu falei: "Não tem problema, se a senhora encontrar, pode trazer que eu também fico com mais uma". Ela disse: "Tudo bem." ⁽⁴³⁾ As vezes eu passo e balanço um pouco a água, ela põe a cabecinha como se estivesse me pedindo satisfação, sabe? Ela é demais, viu? Eu... nunca pensei que eu ia me apegar tanto com essas tartarugas. Me apeguei de uma maneira que, eu não fico sem... é o dia todo, eu vou lá dou uma olhadinha. ⁽⁴⁴⁾ O que eu não quero é que criança fique pegando, isso eu não deixo. É, porque ela é pequenininha, ficam pegando... então eu não dei-

xo... (45) Tem uma turminha aqui nesta rua que vem todos os dias, duas ou três vezes por dia para olhar a tartaruga. Mas eles olham e não mexem e ela parece que percebe e ela faz aquela festa... fica em pé, fica se balançando, cabecinha para fora, ela já até conhece as meninas aí.

Dados do sujeito (S07)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 39 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: professora universitária.
 Estado civil: solteira.
 Núcleo familiar: a entrevistada.
 Tipo de residência: apartamento.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: Recinto da Universidade de São Paulo onde se realizava um Encontro de Etologia.

Antecedentes da entrevista

S7 foi minha colega no curso de pós-graduação, tendo realizado pesquisa sobre o comportamento de formigas. Quando lhe contei sobre meu atual tema de pesquisa, S7 considerou importante que eu conhecesse o seu relacionamento com o animal que havia pesquisado. A gravação se iniciou quando ela abordou os problemas que teve na manutenção de seus animais.

RELATO 07

S07: - (1) Um dos problemas que tive é o de manter a saúva no frasco. Com o problema de secreção de abdômen começa formar uma massa no chão, e essa massa começa a pegar na ponta do abdômem e isso pode dar uma espécie de infecção e pode morrer a saúva. (2) Então eu estava explicando, como é que eu fazia para pegar um lenço de papel... e limpar... o bumbum da saúva. [ri] Então isso daí é um negócio assim, tão... (3) E no entanto eu acho que é um tipo de relação, né? sabe? é uma relação... **muito interessante**, e, eu me lembrei, sabe? O que você tinha colocado... Eu estava ontem na seção de painéis... e eu me interessei por ver um painel que era... sobre cobras. Eu não sei se é porque tenho muito medo de cobras, que no fim a gente acaba... E a moça que estava explicando, ela começou a me explicar: ela trabalha com pesquisa de veneno, tal, tal. E... ela estava me falando daquelas cobras que ela tinha criado, desde a ninhada, porque a cobra foi apanhada e logo depois teve os filhotes. (4) O animal cativa, porque você cuida, se torna único. Interessante que acho que este tipo de relacionamento se estabelece até quando você trabalha com animal peçonhento, por exemplo.

E: - Tranqüilamente.

S07: - (5) Animal de estimação, animal de pesquisa. Inclusive esta moça é da biologia... não, ela é do Butantã. Ela trabalha com esta parte de veneno... Quando ela fala do animal não é aquela **coobra**, sabe? Aquela coisa horrível... assim e tal, é muito mais... é uma coisa diferente realmente. É uma coisa **muito** diferente. Então eu acho que é uma relação diferente da que você tem com animal doméstico, (6) porque o animal domésti-

co, afinal de contas, ele interage. Você brinca com ele, ele brinca com você. (?) A minha gata, por exemplo, ela estuda junto comigo, a minha gata Siamês, certo? Se eu ficar assim... 2-3 horas sentada na escrivaninha lendo alguma coisa... ela fica deitada no lado. (e) Ela é tão assim que, por exemplo, quando chego tarde ela fica me esperando... Ela fica trotando atrás de mim. Então eu vou tomar banho... eu tenho que deixar uma fresta do box aberta, porque ela fica deitada no tapetinho, mas de vez em quando ela olha... sabe? (?) Então... é diferente, quer dizer, o bicho de laboratório não, não dá para você interagir. [ri]

E: - Me dei conta disso com o pessoal gravando o coacheer dos sapos. é lindíssimo!!! Eu sei que o sujeito vibra, mas falta a resposta do outro lado do animal.

S07: - (10) Exatamente... Não há resposta do animal, mas mesmo sem esta resposta, o que há é uma satisfação quando você consegue captar, obter alguma coisa, mas não é a interação que você tem com animal doméstico... (11) No entanto o teu relacionamento com ele muda. Mas continuo eu mesma.

E: - O relacionamento...

S07. - O relacionamento é algo assim como em termos de você ter conseguido que o bicho está bem, ou ele te dar uma resposta em termos daquilo que você está querendo saber dele. (12) Mas veja... Não é aquele tipo de resposta que você tem, quando você interage como o animal doméstico... no entanto o teu relacionamento com ele muda. Você acaba vendo... o bicho bonito, entende? Ele fica **charmooso** e é um problema assim: que se você fala para uma outra pessoa uma formiga = "é uma **formiii-ga**," [tom de menosprezo] certo? No entanto muda.

muda a...

E: - As aranhas do César.*

S07: - (13) - Aquele sapo... Quando você pensa em sapo é aquele negócio horrível e tal, tal, no entanto ele é **lindo...** é uma beleza, entende? Quer dizer, quanto mais você escuta alguém falando... a capivara fica simpática, a piranha não fica tão assustadora, entende? Então realmente... fica um tipo de coisa... realmente se estabelece uma relação. (14) Agora... o cano vai ser você operacionalizar o negócio. (15) Seria interessante você ver a pessoa que trabalha no laboratório, mas que trabalha matando o animal. Que tipo de relação? é diferente do que a gente que fica trabalhando com o animal para manter. (16) Ele precisa ter uma racionalização daquilo que ele faz, principalmente se ele tem um animal de estimação em casa. São duas situações de laboratório, **mas são totalmente...** diferentes e opostas. (17) O macaco das úlceras, aquele que fica na cadeira levando choque, se ele ficar com úlcera e morrer, o que o pesquisador sente?

E: - Como é que ele reage a isso? Será a mesma coisa que você sente quando a rainha-mãe sobrevive?

S07: - (18) Exatamente. é o problema da racionalização da pessoa que está fazendo aquilo...

E: - Aí são outros valores. O teu lado é muito mais construtivo, o lado do César também que tenta manter os animais e saber sobre eles.

S07: - (19) No momento em que você faz uma pesquisa, em que o fim é ter que matar o animal, você encara a morte de

* Dr. César Ades, renomado aracnólogo.

modo diferente. Neste caso você mata para elucidar algum problema. (20) Mas seria o caso também de ver o pessoal que trabalha em abate de animais... Como é que eles racionalizam depois?

E: - O que tenho visto é que aquilo **vira serviço**. Fazer e saber que você está sendo pago para isto. Entra a concepção de que o animal não tem alma... O homem é a coroa da criação... todo o resto do mundo foi feito para servi-lo.

S07: - (21) Pois é... A rã que é mantida para criação e a rã que o Sazima * olha são duas coisas diferentes.

* Dr. Ivan Sazima, conhecido biólogo.

Dados do sujeito (S08)

Sexo: masculino
 Idade estimada: 41 anos
 Grau de instrução: superior
 Profissão: biólogo
 Estado civil: casado
 Núcleo familiar: o entrevistado e a esposa
 Tipo de residência: apartamento
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: no carro da entrevistadora

Antecedentes da entrevista

S08 começa a contar a maneira como se criam jibóias no norte. E conta que a cobra vira espécie de animal doméstico, que é solta à noite para caçar ratos e outros pequenos roedores; durante o dia permanece em uma caixa de madeira. S08 estava contando-me esta maneira de criar cobras para me explicar porque ele nunca tinha gostado de cobras e o paradoxo que era ele ter sido nomeado chefe da seção de répteis em um zoológico. A sua aversão a cobras se deve ao seguinte: quando era criança, não gostava de cortar o cabelo e por isso não ficava quieto na cadeira do barbeiro. A maneira que a mãe ou o tio encontraram para fazer o menino ficar parado foi colocar no assento da cadeira de barbeiro uma caixa contendo uma jibóia e fazer o menino sentar em cima. Como estranhei a presença de cobra, tão "abundante", S08 explica o que se segue quanto ao modo de criar cobras em Belém.

RELATO 08

S08: - (1) A cobra é caçada no mato, mas ela fica dentro da casa, ela fica domiciliar.

E: - E ela não foge?

S08: - (2) Não, não foge. Fica o tempo todo ali.

E: - E por que ela não foge?

S08: - (3) Não, porque ela tem alimento próximo, também... no caso... que é rato, né? E quando ela não consegue pegar rato, eles arranjam o rato e... soltam o rato e dão como fonte de alimento pra ela.

E: - E ela considera a casa, a caixa fica...

S08: - (4) Como um ambiente... é... fica dentro de casa.

E: - Ela fica no...?

S08: - (5) Fica, fica dentro de casa. Só que ela, tem acesso à saída mais à noite. Eles soltam à noite. De dia dificilmente soltam... então é mais à noite. Eu não sei se seria por causa que, é um lugar **muito quente**, que Belém é muito quente, e à noite é mais suave, né? Então ela... eles abrem a porta para ela ficar fora.

E: - Pelo que eu sei, você sempre foi gamado em bicho. Por que?

S08: - (6) Menos assim em cobra... Não... bicho... porque desde criança...

E: - Tem vários que eu sei que você não gosta.

S/OB. - Não, eu gosto de, de, de... Não... outro não tem, não.

E: - Tem, sim.

S/OB: - (7) Não, não tem. Cachorro. Cachorro não gosto e... [risos] Não é que eu não gosto. Eu não gosto assim... de me relacionar com cachorro, como o pessoal se relaciona. Então, sempre trabalhei com cachorro especificamente como profissional, assim, pra ajudar. Agora ficar com o cachorro, ficar o tempo todo com cachorro, eu não gosto.

E: - Pra ficar o tempo todo, que bicho você pegaria?

S/OB: - (8) Não... eu tinha muito... muita afinidade antigamente com aves. Mas, [ri] aí depois teve uma série de coisas no Zoológico... e eu terminei não ficando muito com ave... mas cheguei a mexer um pouco com a ave, bastante tempo com ave... Depois...

E: - Você tem ave na tua casa?

S/OB: - (9) Tenho. Um canário.

E: - Tem nome?

S/OB: - (10) Não. Tenho só um macho, porque... eu ia arranjar uma fêmea para criar. Criei várias vezes canário em casa e aprendi alguma coisa de canário com seu Ernesto. Seu Ernesto, quando eu fui... seu Ernesto também tinha muita ave lá. Então eu ajudei ele numa parte.

E: - Você poderia viver sem bicho?

S/OB. - Não.

E: - Por que, por que você acha que não?

SOB: - ⁽¹¹⁾ Porque... toda a minha vida é toda relacionada com bicho... Desde pequeno...

E: - Como é que começou? O que te deu? Você tem alguma explicação? Por que tanto bicho na tua vida?

SOB: - ⁽¹²⁾ Eu comecei a gostar de bicho, por exemplo, **primeiro** o local onde eu morava tinha mata próxima, né? E então eu comecei a entrar no mato... comecei a ver determinadas coisas... ⁽¹³⁾ Por exemplo, meu pai gostava muito de roseira, de rosear, de mexer com planta e tudo... e eu comecei a me aproximar e aí comecei a gostar de ver gafanhoto, mosca... comecei ver que era diferente. Mosca, por exemplo, em Belém, comecei a ver que tinha mosca diferente. ⁽¹⁴⁾ Agora aquilo, o negócio da mosca para mim... começou a dificultar, porque em Belém, o pessoal dirige as pessoas para os gostos dos pais, em geral, e da família, então fica assim: você vai ser isso ou isto ou aquilo. ⁽¹⁵⁾ E eu começar a gostar de mosca, de gafanhoto, de ave e não sei o quê... e então foi um choque em Belém, pro pessoal lá. Tanto prova que eu queria... algum livro sobre mosca, sobre inseto e eles achavam o fim do mundo! Eu não sei se quer que conte a história como eu fui cair no psiquiatra lá... por causa da minha mãe.

E: - Conta.

SOB: - ⁽¹⁶⁾ Porque quando eu comecei a gostar deste tipo de bicho, a primeira coisa que fiz em casa foi criar galinha... porque... eu precisava, a mesada minha era

muito pequena, criava galinha e vendia ovo para obter dinheiro, mas depois criei coelho, depois tive abelhas, tudo no quintal de casa. ⁽¹⁷⁾ Só que as abelhas foi ruim, porque, cada vez que elas ferroavam alguém era uma surra que eu pegava de minha mãe. Isto aconteceu em Belém na época de 1957 a 1960. ⁽¹⁸⁾ Mas tinha uma vizinha que não gostava de mim... Então ela botou na cabeça da minha mãe que eu era doido... louco... que aquilo não era coisa de gente boa da cabeça. Então foi, foi, com ela... me enxendo o saco com este tipo de dizer que eu era doido... que não regulava bem... e ela convenceu a minha mãe a me levar no psiquiatra. ⁽¹⁹⁾ Aí foi o caos da minha vida... é o fim do mundo, né? Me colocaram na fila do psiquiatra. O psiquiatra olhou... eu via aquela fila de um monte de gente ruim da cabeça, realmente ruim e... eu sabia que eu não estava... O que aconteceu foi o seguinte: o psiquiatra ainda... mais sem vergonha, porque o diagnóstico dele... meu foi triste. Ele falou pra minha mãe que era falta de surra... que isso daí com surra curava, que o melhor corretivo para mim era surra, e com isso eu esqueceria facilmente criar galinha, gafanhoto, abelha, mexer com ave, trepar em árvore, tudo. ⁽²⁰⁾ Aí... depois disso daí, eu me senti liquidado. Eu tinha o quê? 14 anos mais ou menos. Eu senti que não ia ter chance mais de nada..., mas ficar apanhando aqui o resto da minha vida, não vou conseguir ter nada, e... cada vez mais minha mãe apertava o cinto, no sentido de apanhar. ⁽²¹⁾ Aí, com 15 anos, comecei a fazer umas ameaças e as ameaças que eu fiz foi no sentido seguinte: subi no telhado de casa, andava na beirada lá por cima e mandei a empregada falar para ela que se ela continuasse me batendo, eu ia me jogar de cima da casa. ⁽²²⁾ Era uma forma de ameaça que eu fazia principalmente quando ela estendia roupa no quintal. Aí eu começava a andar na beirada para ela me ver andando lá

em cima. Aí ela ficou com medo realmente e... eu consegui amenizar as surras... (23) Aí eu conversei com ela e tudo e tal e apelei para um padre de lá... amigo nosso para conversar com ela. Convenci o padre a fazer um criação de abelha lá na igreja e o padre começou a me ajudar um pouco, mas, sabe? padre em Belém é mais dirigido a outras coisas e aquilo foi passageiro e ele logo parou e depois esqueceu. (24) Mas eu continuei mexendo sempre com bicho... A primeira coisa que fiz em 69 foi fazer um curso de monitor veterinário...

[gravador desligado]

S08: - Depois aconteceram mais algumas coisas que me fizeram chegar a São Paulo.

E: - E se não tivesse mais bicho, de repente, para você cuidar, o que aconteceria?

S08: - (25) Aí eu iria fazer Sistemática... Ia mexer com os bichos que estão no formol e álcool. [risos] Ia mexer...

E: - E se não tivesse isso?

S08: - (26) Aí complicaria, né? Eu... trabalharia num lugar... fazendo bicho de pelúcia, de tentar fazer uma forma, brinquedo de bicho, para... tentar... permanecer juntamente com este tipo de coisa. Acho que aí a gente dá um jeito.

E: - O que você sente quando você está com um bicho?

S08: - (27) Eu sinto confiança... muito mais que com ser humano: Isto porque eu sei que a única coisa que eu tenho, que eu acho bacana no Zoológico, o único bicho

que bate palmas sinceramente pra mim é o Tarzan, é o [ri] chimpanzé... Que eu vou no recinto dele e aquele ali eu sei que é uma palma **sincera**, porque [ri] ele faz... porque ele é **grato**, por uma coisa, ou por uma simpatia.

E: - Quando eu bato palmas para você, você desconfia?

S08: - (29) Não é que eu desconfio... a gente **por ser ser humano**, a gente... não sei... Aqui em São Paulo, a gente começa a andar muito com este negócio de "ter um pé na frente, outro atrás". A gente tem... as pessoas com as quais você tem uma afinidade maior... aí você passa a confiar mais. Existem pessoas em quem você confia; mas existem pessoas novas que a gente **não confia**.

E: - Aí é preferível macaco?

S08: - (30) Então às vezes, por exemplo, aquele ali, você tem certeza que não vai oscilar... A oscilação dele... quase inexistente, porque eu estou até hoje com ele lá no Zoológico, e todas as vezes que ele me vê ele bate palmas, [ri] numa forma de alegria. (30) E eu também fico reconhecido... que... poxa... eu ainda mantenho um vínculo com este animal, que ele gosta e tudo... (31) E eu vou do lado das grades, lá, a gente põe a mão assim, até uma distância deste tamanho [**mostra na janela do carro abaixada**], então ponho o dedo lá e ele toca no dedo e fica assim apertando o dedo. Sempre que eu passo lá, eu ponho a mão no buraquinho e ele põe a mão e segura. Só **dele segurar ali** a gente já se contenta de ter-se tocado, de estar com afinidade com o outro. E é sempre, viu?

E: - Mas passarinho você não podia tocar, podia?

S08: - (32) Não, mas o passarinho lá eu me interessava muito por criação, arranjar, identificar o que é macho, o que é fêmea, como cria, filhote... (33) Por exemplo, fotografia. O que acho muito bonito é filhote de bico aberto, ninho. Ninho de filhote esperando mãe... mãe alimentando. Eu acho bonito, é um tipo de foto que eu acho bonito... passarinho com bico aberto e mãe alimentando. Então aquilo ali é interessante você ver, o bicho começa crescer, a plumagem das aves, a hora que cresce a parte de pena das aves, isto eu acho interessante também. (34) Tem um tipo de pena leve primeiro, depois as penas pesadas; o crescimento das asas para sustentação da segunda pena, da primeira pena... Então... essas coisas sempre me interessam. E também certas palestras, hoje em dia, eu estou me ausentando, não é o caso... para não mexer mais porque, se geralmente qualquer coisa relacionada com bicho, ou com inseto... eu vejo um cantinho ali que eu possa enfiar o dedo e, aí... pronto; eu já vou pra casa já mexendo com outra coisa... Então... eu estou me ausentando, pra não ver mais certas coisas, pra não acumular...

E: - Mas, que bicho mais te marcou na tua vida?

S/08. - Não... veja.

E: - O que deixou lembrança mais doída ou mais alegre ou...?

S08: - (35) Não. Eu, no Zoológico, o único muito importante foi o chimpanzé... o caso do Tarzan, porque teve... todo aquele trabalho de doença, com tuberculose dele... e que tive até que fazer uns exames depois, porque achavam que eu também tinha pego tuberculose...

E: - Quer dizer, é com ele que você tem mais apego?

S08: - (36) É... tive assim apego. É facilidade de mexer com bicho grande. Muita facilidade de mexer com animal grande. Assim, no caso chimpanzé, camelo, orangotango... girafa, rinoceronte...

E: - Qual o bicho que morreu, que mais doeu?

S08: - (37) Não... eu não... eu... assim de afinidade, eu não tenho muito porque... na veterinária, aquele negócio de sacrificar bicho... e... eu tenho assim uma, algumas coisas que ficaram assim de Belém ainda comigo... (38) Porque eu criava umas galinhas com função de vender o ovo da galinha mas, chegava uma época em que a galinha tinha que ser consumida. (39) Então, a minha mãe, nessa época da galinha, assim... eu vendia pra ela a galinha, não queria dar e, ela tentava pôr na minha cabeça que, dizia assim: "O mesmo carinho que você tem pra criar, você tem que ter pra matar". Entendeu? Porque... ela não aceitava que você tivesse uma afinidade com aquele bicho... pra dar um final de vida feliz para aquele bicho. (40) Então, um bicho, um cachorro morre, um exemplo. E a pessoa às vezes enterra o cachorro... pra dar uma continuidade que faz com o ser humano... (41) Então... ela achava que não. Ela achava que, no caso de bicho, bicho é bicho. Então tinha que... Se você, por exemplo, tiver uma necessidade de ter que... o bicho morrer, ele morreu, então se você tiver que matar o bicho, você mata do mesmo jeito, então... (42) Eu não concordava com aquilo, eu queria dar um tipo de... final de vida melhor. Ou anestesiando, ou enterrando ou... e ela tentava pôr isso. Então... isso... isso dificultou pra mim assim... muito assim... na hora que bicho morre, eu ter que ter uma penalização do desaparecimento do bicho... (43)

Isso... me dá assim uma... um retorno assim... de determinadas coisas. Certas horas... que chegou um ponto de uma vez, eu não sei se foi no Zoológico, não sei onde foi... que num determinado momento... eu disse a **mesma coisa** que ela falou... (44) Tinha um rapaz e disse assim: "Mas esse bicho vai sofrer!!!" E eu disse: "Rapaz!!! Você tem que ter... tem que criar e... bicho depois ele vai morrer, **tem que morrer mesmo**". Eu tentei... colocar e, em seguida eu me arrependi... Mas eu consegui jogar um reflexo... numa coisa que foi dita pra mim ali, todo o dia: "Levanta!" mesma coisa: "Levanta, arruma a cama, dobra o pijama, põe em baixo do travesseiro, não deixa a cama, põe o chinelo, leva a roupa no cesto!" Sabe? aquilo que a mãe vem dizendo a vida inteira... esse tipo de: "mesmo carinho que você tem pra criar, você tem pra matar." Isso me... E eu tenho assim... eu sinto pelo que o bicho...

E: - Aí eu entendo porque ela fala em carinho. "O mesmo carinho que você tem pra criar..."

S/08. - "Você tem que ter pra matar". Mas ela diz num intuito de **decisão** perante um bicho, sabe? (45) Então por exemplo: se aquela galinha lá... chegou na hora de matar, eu dizia. "Mas eu não quero matar essa galinha porque... eu criei essa galinha..." mesmo que ela vai comer... mas eu queria fugir pra não matar. (46) Ela tentava impor isso: "Não, você criou, você tem mais, você tem que matar". Então... ela tentava colocar isso... (47) E eu perdi assim... isso me deixou assim... certas horas, talvez... eu sou... eu sinto muito na hora que morre um bicho aqui, tá entendendo? Mas eu... não fico... não consigo ficar ali... adorando aquele negócio que morreu... que acabou ali...

E: - Você não sente o luto, que você sentiria por um ser

humano?

S/OB. - Isso.

E: - É diferente?

S/OB: - (48) É. Por causa dessas coisas que eu já tentei apagar. Apagar, ou senão, pensar de uma outra forma...

E: - E quando morre uma cobra? Se morresse seu papagaio ou canário?

S/OB. - É. Esse aí eu sinto e tudo, mas... o que digo é que não fica. Não fica lá... rapidamente tem aquele momento... não... não fica.

E: - Eu agora...

S/OB: - (49) Então eu não sei... já tentei ver o que era... que se tentava fazer... mas eu tenho aquele momento, você chora, até pára, mas... rapidamente. Choro, rapidamente o negócio desaparece depois. [neste ponto o tom de voz começa a diminuir]. Não fica aquele, como o pessoal fiiica meesimo, taaal, lembraaando, fulaaano... Eu não consigo ficar. Agora, assim, emotivo eu sou demais. (50) Você chora... você faz e taaal... Mas... não fico. Eu vejo gente que fiiica, teeempo, fiiica... e o bicho às vezes fica até aquela imagem na pessoa... Eu não consigo... Isso não fica. Então é; não tem; não sei como...

Dados do sujeito (S09)

Sexo: feminino.
Idade estimada: 29 anos.
Grau de instrução: superior.
Profissão: veterinária.
Estado civil: solteira.
Núcleo familiar: a entrevistada.
Tipo de residência: apartamento.
Presença de animais: (x) sim () não
Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

S9 me procurou alegando que queria um cachorro e queria orientação sobre a raça a adquirir e a melhor forma de condicionar o cão a portar-se convenientemente em variadas circunstâncias, tais como ausências prolongadas, visitas profissionais, etc. A entrevista foi gravada a partir deste ponto.

RELATO 09

E: - O que eu gostaria de saber de você é por que você quer um cachorro?

S09: - (1) Porque eu preciso de... um ser vivo perto de mim...

S09: - (2) Quando os meus pais faleceram e tal eu realmente não queria ter... eu queria... ficar sozinha... (3) Mas de um tempo para cá... eu tenho... tentado... me relacionar com as pessoas e, enfim, não é a mesma coisa do que era antes. Agora eu tenho uma certa dificuldade de relacionamento... pessoal no sentido... de levar pra casa as pessoas... assim... entendeu? (4) Então... um cão... realmente vai me dar, ou eu acredito que me dê, porque eu já tive outros cães... ele vai me dar companhia... ele vai... me entender... ele vai... sempre estar do meu lado. Eu sei que os cachorros são assim com a gente... (5) Eu preciso também dedicar o meu afeto a alguém... ou a alguma coisa... (6) De 84 pra cá depois que meu pai morreu, ele morreu um ano depois da minha mãe, as vezes que eu dedico o meu afeto a alguém, não precisa ser um namorado, não é isso, as coisas não correm exatamente bem, né? (7) Então eu acredito que eu preciso de uma readaptação... em termos de sociabilidade, em termo de convívio, talvez por uma própria defesa ou necessidade de eu ter me tornado muito independente e isso assuste as pessoas... independente entre aspas.

E: - E aí o cachorro...?

S09: - (8) E aí é que o cachorro... vai desafogar o afeto... essa necessidade de conviver que eu tenho.

Isso eu espero. Acredito que isso vai desequilibrar menos as coisas, ou seja, vai fazer que isso fique menos desequilibrado.

E: - Quando se tem contato humano?

S/O9. - Hum, hum.

E: - Deixa ver se eu entendi: você acha que é uma coisa da necessidade que você tem... você passa para o cachorro e aí você fica mais livre; você fica com menos necessidade do ser humano e consegue ser mais livre?

S/O9. - Não sei.

S09: - (9) Eu acho que eu vou reaprender com este cão... a me expressar, a... ser mais natural, a ser menos ansiosa... a ser menos preocupada com o que as pessoas estão pensando a... por exemplo: não entrar em parafuso porque alguém não gostou de uma reportagem que na verdade eu não tive nada a ver, entende? Não assumir culpas que não são minhas; a não me sentir culpada.

E: - Tudo isso o bicho vai fazer?

S/O9. - Não. Mas vai ser uma parte do mecanismo, né?

S09: - (10) Além do que vai ser uma companhia... porque a solidão... não a solidão a solidão que o pessoal fala... (11) Mas é gostoso você ter um bicho com você... Eu sempre tive. Eu tive o Flamboyant, logicamente eu não carregava o cavalo pra cima e pra baixo para onde eu fosse, mas era diferente... Toda vez que eu tinha a necessidade de estar com ele eu ia pra lá. Eu tinha acesso àquilo 24 horas por dia. Não tinha o mínimo problema... (12) Mas eu não posso explicar... O

bicho me passa... uma coisa que nenhum ser humano me passa: primeiro porque você não precisa se explicar... não precisa falar... muito, você não precisa falar nada na verdade... mas aquilo que você falar é, simplesmente, um adicional. (13) O bicho é um canal para um outro lugar... não exatamente um lugar, como é que eu vou te explicar, um lugar, ah! porque com o bicho eu vou pra lua. Não é nada disso!!! é um outro sentimento... é outra sensação especial com o bicho... então o bicho me passa coisas que o ser humano não pode me passar... E esse contato com o bicho é uma coisa que me faz muito bem... (14) sabe? Essa relação mais cognitiva, mais perceptiva, mais telepática... Não sei se todos os bichos são assim... (15) mas o meu bicho normalmente ele sabe o que eu penso e... ao mesmo tempo ele libera pra mim essas coisas e eu consigo perceber, então existe um intercâmbio de coisas que na minha vida se dão, **sempre se deu** a nível animal. (16) Porque com as pessoas eu preciso me explicar **muito** com raríssimas e honrosas exceções... e os meus animais **sempre** me entenderam. Essa é uma coisa que o ser humano não tem, porque deve ser uma característica animal **mesmo**... e que sempre fez parte da minha vida... sempre... foi presente. Então eu resolvi assumir essa... baderna [risos] que vai ser. Tudo isso porque eu estou realmente precisando disso. é um escape de qualquer... coisa que não seja verdade... sabe? é desprovido de todo e qualquer jogo... (17) O animal pode brincar com você, mas ele nunca faz um jogo com você... **nunca**. (18) Você pode contar com ele, você pode... confiar nele, você pode... A gente sempre percebe quando um animal está brincando... ou quando ele está querendo ver se você não está olhando, para ele fazer uma arte... Enfim, são coisas que... a nível de percepção... e que é muito difícil encontrar... alguma pessoa que... consiga fazer isto e... bicho saca tudo,

completamente diferente, e pra mim é muito importante... é fundamental.

Dados do sujeito (S10)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 37 anos.
 Grau de instrução: secundário.
 Profissão: professora de artes.
 Estado civil: viúva.
 Núcleo familiar: a entrevistada e a filha Nicole.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

S10 é minha cliente desde que as cadelas entraram em sua vida. Nas visitas ao meu consultório, sempre chamaram atenção a maneira respeitosa com que S10 tratava seus animais e, por seu turno, a "boa educação" dos mesmos. Realmente, as cadelas ficavam quietas, atentas e aceitavam injeção sem que fosse preciso segurá-las.

Eu sabia que o esposo de S10 tinha falecido, e supus que naturalmente S10 e sua filha se ligassem mais às cadelas. No entanto, o teor da entrevista não confirmou esta hipótese.

RELATO 10

E: - Me conta como é que foi que você comprou as cachorras?

S10: - ⁽¹⁾ Bom, em setembro de 1976 - elas estão fazendo 10 anos agora - passamos nessa casa de animais em Limeira, e... ⁽²⁾ a Nicole gosta demais de cachorro, e acabamos comprando...

E: - Me conta uma coisa... vocês passaram querendo ou foi acidente?

S/10. - Não, nós sempre passávamos nesse local, para tomar refresco, porque lá eles fazem um suco muito gostoso e tem uma lingüiça caseira também - por isso sempre parávamos ali - E... era um meio caminho... nesa ocasião estávamos voltando de Araraquara .. então era uma parada, não é? Então, parávamos ali, tomávamos refresco e prosseguíamos viagem... e sempre tinha cachorrinho, gato, passarinho... ⁽³⁾ e nesse dia falei para o Ailton: "Vamos comprar um cachorrinho para a Nicole?" ⁽⁴⁾ Foi "aquela" alegria no carro porque ela... ela não queria acreditar... ela abraçava... ria sozinha... "Mas é verdade mesmo?"... ⁽⁵⁾ Aí nós descemos e, antes de chegar perto das gaiolas dos cachorrinhos, ela falou assim: "Eu quero aquele branquinho". Aí o pai falou: "Precisamos ver primeiro se ele está também a venda, não é?" ⁽⁶⁾ Quando chegamos lá a moça colocou todos os cachorrinhos no chão, para que ela escolhesse o cachorrinho. E logo que ela viu o branquinho, ela disse: "É esse!..." E ele veio e subiu no pé da Nicole. Aí a moça falou: "É cachorra, não é cachorro". Meu marido ficou meio "assim" e a moça falou: "Não, é até melhor que seja cachorra por ser menina, não tem problema. O único problema é na época do cio, mas não

deixando ela entrar em casa não tem problema algum..."

(7) Ai... a Nicole falou: "Ah... mas eu quero é ela porque, ela também me escolheu e eu vou ficar com ela mesmo!" Ai o Ailton ainda falou: "Você não quer aquele ali?" E mostrou um que estava entre a ninhada da "Mocinha", um grande, bonito, vistoso... depois acabou ficando com a minha irmã esse cachorro... (8) Ai nós compramos a branquinha, e a Nicole deu-lhe o nome de "Boneca", dizendo que ela parecia uma boneca, e ficou com o nome de Boneca. No fim da semana viemos buscar essa outra que demos o nome de "Mocinha". (9) E ficamos com as duas em casa. Uma fazia companhia à outra e elas bricam sempre e... (10) fazem parte da família e... (11) como eu estava falando com a senhora: é que nós não entendemos os animais, nós não conseguimos entender o que eles falam para nós, (12) mas eles têm linguagem própria, se a gente observar com carinho, eles têm latidos diferentes e, eles entendem coisas que falamos sem ser "condicionalmente". (13) Parece, inclusive que eles estão raciocinando com aquilo que eles fazem, com o que a gente fala. (14) Mesmo mudando o nome das cachorras, porque uma chama Boneca e a outra Mocinha e... em ocasiões que a gente fala: "Dê para as duas... pega aquilo para ela... dê para as meninas..." elas sabem que é com elas, porque, por alguma razão, elas percebem que o que a gente está falando é para elas e não para as outras pessoas. (15) Porque se algumas colegas das minhas meninas estiverem em casa e dissermos: "Chame as meninas!", elas, as cachorras, não vêm, e não sei qual a razão. Elas sabem que é para elas. Então é nesse sentido que eu digo que os animais nos entendem; nós é que não temos o poder de entender os animais. A linguagem que eles querem transmitir as coisas para a gente. (16) E nós achamos, em casa, que elas entendem o sentimento da gente. Não é uma coisa só de instinto. Percebem quando estamos mais triste ou

mais alegre. ⁽¹⁷⁾ E, inclusive, quando a gente está mais alegre elas vêm brincar, procuram vários tipos de brincadeiras diferentes, não sabendo o que fazer para a gente... ⁽¹⁸⁾ puxam a gente para irmos brincar com elas. ⁽¹⁹⁾ Quando a gente está triste elas vêm e ficam quietinhas sentadas perto da gente. ⁽²⁰⁾ Então, em casa, nós temos esse pensamento: "Que... nós é que não entendemos os animais, mas eles nos entendem". ⁽²¹⁾ E para nós elas fazem parte da família mesmo, desde que nós compramos as duas... ⁽²²⁾ Meu marido já era uma pessoa que gostava muito de cachorro, principalmente...

E: - Como é esse negócio de fazer parte da família?

S10: - ⁽²³⁾ Porque, sabe? é uma família assim... por exemplo: eu não deixo as duas entrarem em casa. Eu não gosto de cachorro dentro de casa. Elas ficam no quintal... elas têm a casinha delas... ⁽²⁴⁾ A senhora sabe, quando elas eram pequenas eu cheguei a fazer, eu mesma a fazer um saco de dormir para elas. Não sei se a senhora se lembra... que elas entravam no saco de dormir... A senhora se recorda!... A Boneca destruiu esse saco de dormir, porque quando ela percebeu que tinha um zíper embaixo, ela abriu e rasgou toda a espuma... Ai ela ficou só com a casinha mesmo... ⁽²⁵⁾ A Nicole, na época do frio, como elas têm pelo muito curto... fez em crochet uma roupinha para cada uma, bonitinha, toda diferente; mas a Boneca estraçalhou a dela, e até hoje não deixa ficar nada em cima do corpo... ⁽²⁶⁾ A Mocinha deixa colocar roupa. A Mocinha fica sentada em cima de uma almofada. A Mocinha pode ficar dentro de casa porque ela fica comportada. ⁽²⁷⁾ Agora... a Boneca não... A Boneca continua sendo a menina de sempre, apesar de fazer quase 10 anos, ela continua brincando daquele jeito... Ela entra em casa,

ela não quer... se ela está em casa ela não quer ficar quieta, ela quer... correr, ela quer... rasgar, ela quer... brincar mesmo. Para ela o tempo não passou. A Mocinha não. A Mocinha é comportada e isso desde pequena. (20) Era a Boneca que... arrancava a roupa do varal. Era a Boneca que se escondia atrás da máquina de lavar roupa... né? (21) Era a Boneca que jogava bola... Jogava bola com o meu marido e a Nicole. Jogavam a bola e ela pegava e jogava para um, pegava a bola no ar... escondia a bola... (22) brincava com bacia, como se fosse um patinete, ela "emborcava" a bacia, depois colocava uma patinha na bacia e a outra do lado de fora, como se estivesse colocando uma pata num patinete e com a outra dava o impulso. Até o fim do corredor... Depois ela voltava. Trazia a bacia na boca, colocava aqui no começo do corredor, emborcava a bacia de novo e ia brincando. Isso foi uma brincadeira que ela aprendeu **sozinha. Ninguém ensinou.** Ela sempre fez isso, uma coisa que era dela, não é? (23) E o que nós falamos que é da família foi que... graças a Deus!!! nós três, eu, meu marido e minha filha, sempre fomos muito unidos; a senhora sabe disso e... sempre tivemos muita harmonia em casa... muita alegria... e as duas fizeram parte, porque elas se harmonizaram conosco... De tal forma que... nós nos demos assim... eu gosto mais dessa ou daquela ou ela gosta mais da gente... (24) Se bem que a Boneca, até hoje, ela é mais apegada à minha filha. E quando ela vê a minha filha ela faz tudo que pode fazer. (25) Foi como eu expliquei para a senhora: quando nós fomos para o interior, que a Nicole não vinha naquele determinado dia, ela não vinha à hora do almoço para casa, ela só vinha à noite, e chegava a hora do almoço a Boneca procurava a Nicole no carro... Ela ficava na ponta das patinhas e olhava para dentro do carro para ver se via a Nicole. Pulava, inclusive, para ver se conseguia vê-la... E à noite,

quando a Nicole chegava conosco... que... (34) ela via a Nicole... no carro... ela fazia tudo quanto era gracinha que ela sabe fazer, para a Nicole... ela mostrava os dentinhos, ela tremia, ela ficava nas duas patinhas de trás... Tudo que ela gosta de fazer para a Nicole rir e achar bonitinho, ela faz. (35) A Mocinha também é muito carinhosa, mas com a Nicole, a Boneca se afina mais, nesse sentido. (36) A Mocinha é muito carinhosa; a Mocinha reclama e, o que eu falo que entende a gente... é que quando, às vezes, eu fico brava com ela... eu falo com ela como se eu falasse com criança... (37) Se eu falo que ela fez uma coisa errada... "Onde já se viu você fazer uma coisa dessa?" (38) Ela discute comigo... ela retruca... ela faz: - "Bau! Bau! Bau!" - "Fica quieta!" - "Bau!" - "Fica quieta!" - "Bau!" - "Fica quieta, eu já disse. Eu não quero que você me responda!" Aí ela abaixa, põe as duas patinhas e fica me olhando por baixo dos olhos, feito criança... Ela discute comigo. (39) E a Mocinha discute mesmo... e às vezes a Nicole fala: "Eu não quero mais brincar com você agora, agora vou brincar só com a Boneca". E ela vai e puxa a Nicole... e então ela faz gracinha para a Nicole, e a Nicole diz: "Não fique com ciúme não, eu agora vou brincar com a Boneca". Aí ela vai de novo ou então ela se coloca no meio... (40) São coisas que criança faz... (41) Então a gente vê nessas cachorras que o animal retribui o amor do dono... porque como nós gostamos muito delas, a gente percebe que elas também nos retribuem isso. (42) É por isso que a gente diz que elas fazem parte da família. (43) A senhora percebe, quando a gente traz as cachorras para tomar vacina e tudo, a senhora percebe como elas são conosco, né? (44) Elas têm... não sei... um carinho pela gente, da mesma forma que a gente tem por elas. (45) Elas ficam comportadas... para tomar injeção... Elas não fazem... arte, não é?

Quando elas eram pequenininhas e começaram a trocar os dentes... a senhora se recorda que nós falávamos, que elas tomavam o cálcio na colher... delicadamente na colher... [risos] cada uma com sua colher... (46) Quando precisa tomar algum remédio... a Boneca é mais fácil, porque a Boneca é gulosa. A senhora sabe que até de regime ela já ficou, mas não adianta o regime, porque ela não mastiga. (47) A senhora se recorda que ela comia só à base de verduras e ela engordou do mesmo jeito porque ela não mastiga. O que se dá para ela é bom, agora... a Mocinha não... (48) a Mocinha revisita toda a comida e para a Mocinha fica difícil, inclusive, dar remédio. Em ocasiões em que ela ficou doente e eu precisei dar remédio para ela, eu colocava dentro de croquete... de bolinhos de carne... ela abria o bolinho, deixava o remédio e comia o bolinho. E quando ela percebeu que sempre vinha o remédio, ela parou de comer o bolinho. Passou muito tempo sem comer o bolinho e sem comer o croquete. Não comia. Podia mostrar o croquete mais gostoso na frente dela, abrir para mostrar que não tinha nada... Ela não comia. Então a Mocinha, nesse sentido, tem menos facilidade de comer alguma coisa que uma outra pessoa dê para ela... do que a Boneca. A Boneca primeiro... engole e depois ela vai querer saber o que foi. A Mocinha não, a Mocinha nesse sentido não; ela olha mesmo que seja eu que dê a comida para ela. (49) Elas são muito boazinhas conosco porque, mesmo quando elas estão comendo... Normalmente os cachorros avançam quando as pessoas vão mexer na vasilha... e conosco não... a gente chega lá, tira a vasilha, põe de novo, e elas ficam esperando.

E: - Elas sentiram a mudança?

S10: - (50) Elas sentiram, por exemplo, mudança de casa. Elas não gostaram de Valinhos. Nenhuma das duas.

E: - E vocês também não?

S10: - ⁽⁵¹⁾ Nós também não. Elas não gostaram, desde que nós chegamos na casa. Na primeira noite as duas choraram muito e... depois, elas tinham medo do lugar. Nós sentimos que elas tinham medo. Qual a razão nós não sabemos... ⁽⁵²⁾ Tinham determinadas horas do dia em que elas ficavam olhando para determinados lugares... tinham receio e a gente via que elas tinham medo. ⁽⁵³⁾ A Mocinha chegava a tremer... e a Mocinha que é a mais valente, é ela que... agüenta mais o repuxo, como a gente fala, não é, no sentido de avisar quem chega e avançar em pessoas que ela não gosta. ⁽⁵⁴⁾ Tem determinadas pessoas, conhecidas da gente, que até hoje ela não gosta dessas pessoas. As pessoas chegam em casa, elas não as aceitam, nem conosco. Então, são pessoas que não podem ir para o quintal com elas lá... ⁽⁵⁵⁾ E tem outras pessoas que elas gostam, deitam de barriga, já brincam, pulam, porque elas pulam muito... ⁽⁵⁶⁾ Mas tem umas 3 pessoas, conhecidas nossas que elas não gostam. Talvez elas enxerguem coisas que a gente não vê, não é? Não sei... e na casa também. ⁽⁵⁷⁾ A Boneca, desde que nós fomos para Valinhos, ela sempre ficou doente. A senhora se recorda que ela teve aqueles caroços, não é? e que depois sumiram... E ela teve uma alergia que não sumia, lá. ⁽⁵⁸⁾ Ai voltamos para São Paulo, em outra casa, com o quintal... mais ou menos semelhante com o que nós tínhamos quando elas vieram... para ficar conosco. Ai não teve problema nenhum e a Boneca ficou **totalmente boa**, não teve mais nada e... ⁽⁵⁹⁾ quanto ao que eu falei a respeito de sentimento, que elas percebem quando a gente está triste ou quando a gente está alegre, quando meu marido faleceu elas sentiram muito. Ficavam, em determinados dias, sentadinhas no quintal, olhando para a jane-

la do quarto... e... em determinadas horas, elas ficavam na porta esperando ele descer. E tem determinados dias, até hoje, já faz um ano, que elas ficam paradas, sentadinhas, olhando para a janela, da mesma forma que elas faziam quando ele estava vivo. (60) E nós percebemos que elas sentiam essa tristeza nossa. (61) É por isso que nós achamos que... elas têm sentimento; que os animais sentem o sentimento da gente e talvez...

E: - O que me preocupa é o seguinte: mudou alguma coisa na relação da senhora para com elas, ficando só vocês duas?

S10: - (62) Não, porque a Nicole, inclusive, brinca muito com elas... ficou do mesmo jeito. (63) Por exemplo: naqueles horários em que nós podíamos brincar com elas nós brincávamos... (64) A única coisa que mudou um pouco foi que eu não fico tanto em casa como eu ficava antes... Mas... esse ficar em casa como eu ficava antes é relativo porque eu não ia para o quintal... nesse horário que fico fora hoje. **Eu não ia para o quintal.** E como elas ficam no quintal, se eu ficasse nesse horário e estivesse sempre no quintal, aquele contato ali, indo e vindo, nesses horários normalmente eu não ia para o quintal.

E: - Quando você está em casa elas não entram? Só ficam no quintal?

S10: - (65) Não, eu abro a porta e elas entram até a cozinha... elas não vão da cozinha para dentro, não. Elas vão até a cozinha... elas entram... porque... (66) A primeira coisa que a gente faz quando nós chegamos é ir ver como elas estão... Isso é invariável... seja a hora que for... o dia que for... por mais cansadas que possamos estar, a gente vai... conversar com elas, não

é? Então a gente chega e abre a porta da cozinha, elas vêm, cumprimentam, brincam, pulam... a Boneca já vai perto da Nicole para ver se ela tem alguma coisa para ela comer... nem que seja uma casquinha de pão.

E: - E de noite elas dormem fora?

S10: - (67) Dormem fora. A gente fala: "Agora as meninas vão para a casinha que nós vamos entrar". E elas vão!

E: - Tranqüilas?

S/10. - Tranqüilas...

E: - Sem problemas nenhum? Sem resmungo?

S/10. - Ah!... não... sem problema nenhum... (68) Elas vão e, inclusive, ficam olhando para a gente e esperam a gente fechar a porta... (69) Elas fazem parte da família. Elas são amigas da gente. E... se a gente tem um pouco de sensibilidade a gente percebe isso no animal. (70) Tem gente que não acredita em determinadas coisas mas... sei lá... nós, em casa, acreditamos... que, inclusive... é a aura do lugar... das pessoas e... nesse sentimento que, já foi provado cientificamente que vem por ondas, eu tenho a impressão que são essas ondas que os animais captam na gente. Como a gente, quando gosta de uma pessoa, e a gente transmite coisas boas para essa pessoa, e isso é recíproco, a pessoa sente que a gente gosta dela. Se a pessoa é mais sensível ela sente com maior intensidade e eu acho que dessa mesma forma os animais sentem conosco.

Dados do sujeito (S11)

Sexo: masculino.
 Idade: 32 anos.
 Grau de instrução: secundário.
 Profissão: vendedor.
 Estado civil: casado.
 Núcleo familiar: o entrevistado, sua esposa, uma filha, Daniela, de 5 anos, e um filho, Luciano, de 2 anos.
 Tipo de residência: apartamento.
 Presença de animais: () sim (x) não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? (x) sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: residência do entrevistado.

Antecedentes da entrevista

Tive ocasião de conversar muito com S11 quando, como "cicerone" durante Congresso no Rio de Janeiro, me levou várias vezes ao Museu do Inconsciente em Engenho de Dentro.

S11 contou que tinha justamente combinado com sua mulher que iriam adquirir um cachorro, especialmente para os filhos, e pediu conselhos quanto à raça, cuidados, etc.

Foi neste contexto que, tecendo reminiscências sobre sua própria infância, contou o seguinte: que tinha um cachorro que foi envelhecendo e ficando doente, com problemas de locomoção, problemas renais e outros; que ele foi tratando, levando ao veterinário, prolongando a vida; que o animal como que correspondia, e, quando o dono chegava do trabalho, levantava, se arrastava, cumprimentava. Até que um dia levou o cachorro, junto com a noiva, para conhecer o apartamento que então estava montando. E, de volta à casa, o cachorro andou devagar até o lugar onde dormia e morreu naquela noite.

S11 deu a interpretação de que o cachorro viu que não era mais necessário; perguntou-me se estas coisas existem... Diante do gravador, S11 ficou inibido e encurtou as reminiscências.

RELATO 11

A gravação começa quando ele reconta como, um dia, foi o diálogo com Daniela, acerca da aquisição de um animal.

S11: - (1) Então um dia eu perguntei para a Daniela o que ela achava de a gente comprar um cachorro. Então ela disse:

D: - (2) "Um não. Dois."

S11: - "Mas por que dois?"

D: - "Não pai... tem que ser um pra mim e um pro Luciano. Imagina se eu quiser pegar ele numa hora e o Luciano quiser pegar também?!?! Tem que partir o cachorro no meio para cada um ficar com um pedaço!!!"

S11: - Aí eu falei: "Só que partir o cachorro, ele morre... Você vai querer que o cachorro morra?"

D: - "Não."

S11: - "Então... Você não pode ter dois cachorros, só pode ter um."

D: - "Tá bom... Então... você arranja um branco."

S11: - Acho que ela não soube continuar respondendo, acho que ela não tinha argumento... suficiente para continuar respondendo...

D: - "Então... você arruma um branco, mas cachorra, pai."

S11: - "Por que? Não pode ser cachorro?"

D: - "Não. Tem que ser cachorra... pra mim botar uma fita..."

S11: - "Mas cachorro também se bota fita... Ele não fica chateado que se ponha fita nele... é para enfeitar..."

D: - "Pai, é para enfeitar... bota duas fitinhas nele, uma de cada lado."

S11: - ⁽³⁾ "Aí passou. Mais tarde, conversando com minha mulher, ela disse que a Daniela viu na televisão um Foodle branco, numa novela... Não sei o que que é... com duas fitinhas rosa. Foi aí que descobri qual foi a intenção dela de ter o cachorro... Aí que comecei a explicar para ela que o cachorro poderia... ⁽⁴⁾ Nós teríamos o cachorro mas... como todo o ser vivo... ele nasce, cresce, envelhece e morre."

D: - ⁽⁵⁾ "Eu sei pai... Aí ele vai pro céu... Aí a gente arranja outro."

[risos]

S11: - ⁽⁶⁾ "Mas eu disse: 'Aí tem muita coisa... tem muita amizade, e a gente pode até sentir falta dele; mas isso eu quero que você saiba desde já, sabe?' ⁽⁷⁾ Mas eu tava falando para ela do cachorro que eu tive... quando era pequeno..."

E: - "Você contou pra ela?"

S11: - "Contei. Contei que quando eu era mais novo, devia ter uns..."

E: - "Contou ontem? Porque estava muito vivo..."

S11: - (9) contei que quando era mais novo, devia ter uns onze anos, queria ter um cachorro. Sei que consegui um cachorro! Uma vizinha... a cachorrinha dela deu cria e... ela me deu um cachorro. (9) Eu estava querendo passar para ela que eu cuidei do cachorro, durante o tempo que ele ficou doente. Um mês depois que eu peguei ele... ele ficou com uma pneumonia e eu fiz aquilo tudo. Não tinha dinheiro para levar no veterinário, não tinha dinheiro para pagar táxi, não tinha nada. Mas eu **consegui**. Tinha que me virar, pegar ônibus... (10) Consegui um veterinário que não me cobrasse nada... para poder tratar o cachorro. Depois o problema com medicamentos, eu... tinha um vizinho que trabalhava num laboratório farmacêutico e me arranjava os medicamentos sem eu pagar... e acabei cuidando do cachorro. (11) E eu estava contando isso pra ela; da amizade que ele tinha comigo; o tempo todo que ele ficou... Tinha 15 anos que ele ficou e que eu tinha medo deste momento de perdê-lo... Foi justamente junto com a conversa que a gente teve de nascer, crescer e morrer. Ai ela perguntou pra mim se ele morreu: (12) "Morreu sim, mas quando ele morreu faltava um mês e pouco para mim casar com a sua mãe... Então, o papai estava fazendo tantas coisas... montando o apartamento... já estava namorando a mamãe há muito tempo, mas então papai estava perdendo o cachorro mas a mamãe fez companhia pra ele... e o papai foi esquecendo aos poucos."

D: - "Você trocou o cachorro pela mamãe?"

S11: - (13) Eu falei: "Eu não... não troquei o cachorro pela mamãe... A mamãe me ajudou a esquecer... os sentimentos... a falta dele..."

Dados do sujeito (S12)

Sexo: masculino.
 Idade estimada: 30 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: arquiteto e criador de cães.
 Estado civil: casado.
 Núcleo familiar: o entrevistado, a esposa e dois filhos menores.
 Tipo de residência: casa. No imóvel funciona o escritório de arquitetura. No terreno foram construídos os canis.
 Presença de animais: sim não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? sim não
 Forma da entrevista: face a face por telefone
 Local da entrevista:

Antecedentes da entrevista

S12 é renomado criador de cães da raça Doberman. Telefonou-me preocupado, porque um cliente seu [sr. Erminio] havia-lhe comprado um Doberman macho ["Paquito"] havia cerca de 3 anos e fora atacado por esse animal. Durante o relato do problema, senti que S12, além de criar e vender cães, preocupava-se com o relacionamento entre o dono e o animal. Achei importante saber como ele, o criador, se colocava em relação a seus próprios animais. Durante a entrevista, comentamos, a meu pedido, o caso do sr. E. para que ficasse documentado.

RELATO 12

E: - O que é bicho para você?

S12: - Eu gosto de cachorro, ⁽¹⁾ pra mim eles são companhia. Meus animais vivem dentro de casa. Eles fazem parte da família. A parte de exposição é importante porque mostra o que a gente faz.... fui aos Estados Unidos ver como se cria Doberman lá... tenho animais importados... ⁽²⁾ O processo de mostrar o animal é alguma coisa independente daquilo que, para mim é gostar dos meus cachorros.

E: - Você sempre mexeu com bicho?

S12: - ⁽³⁾ é coisa de infância gostar de bicho. De solteiro, o tempo que eu morava sozinho no apartamento, não tive bicho... quando voltei da lua-de-mel, a primeira coisa que fiz foi comprar um cachorro... São companhia... ⁽⁴⁾ Você quer ver, eu acho que eles entendem tudo que eu falo.

E: - O que você conversa?

S12: - Bem, ⁽⁵⁾ conversa entre aspas. A gente sabe quando ele [o cachorro] quer determinada coisa. A gente diz: "Calma ai, eu sei que você está com fome... espera um pouco" ou "tá bem, eu levo você comigo." Mas eles também entendem o que a gente diz tipo: "Olha, a mãe está chegando; vamos subir assistir televisão; vamos tomar banho; vai fazer xixi..." ⁽⁶⁾ ou ainda: "Você é bonita, gorda, sem vergonha, gosto muito de você..."

E: - Quantos cachorros você tem no momento?

S12: - Tenho cinco. Dois machos e três fêmeas. ⁽⁷⁾ Quando a

gente viaja nos procuramos levar pelo menos um deles. Minha mulher agora está em Ubatuba... quando eu for descer amanhã [sexta-feira], um eu levo. A gente deixou de fazer muita coisa por causa desses cachorros, porque não tem quem fique com eles. (9) Eu me lembro um vez... não tinha jeito... não tinha com quem deixar. Botei num canil - até bom, sabe? do ponto de vista de higiene - mas no fundo eles são todos iguais. Têm um lugar de tomar sol - que eles chamam de corredor - um lugar fechado com um estrado para deitar em cima... só varia a higiene. Foram só quatro dias... mas o Don Diego voltou rouco, não latiu, ficou triste, desconfiado, "será que me vão enxotar de novo?" (10) Eu acho que cachorro que nem o meu, criado dentro de casa, tem uma constituição diferente, ele não aguenta a mudança... não aguentou o canil frio... parece que eles são mais sensíveis - que a maneira de criar alterou alguma coisa neles.

E: - Onde é que eles ficam?

S12: - (10) Eles não ficam soltos direto, porque aí brigam. A gente faz um cambiamento, solta uma parte e a outra fica presa. Os dois mais velhos ficam dentro de casa. Olha, em geral o Don Diego [o macho mais velho] fica aqui comigo enquanto eu trabalho. (11) Eu gosto muito deles... três deles eu tive antes dos meus filhos... quer dizer... quando eles nasceram os cachorros já estavam aí. O Don Diego me fez acordar para perceber o que é o Doberman. Ganhei ele já com sete meses... (12) precisei de colocar na linha... mas para mim ainda deu tempo... (13) Ele foi muito mimado. Quando ele ficava sozinho ele chorava. Na época eu ia em obra, ele ia no carro comigo. (14) Isso acabou quando arrumei a fêmea - já adulta - aí acabou, porque os dois se deram bem... um é companhia do outro, mas (15) o Don Diego

gosta muito de gente. Quando eu não estou ele deita perto da empregada. ⁽¹⁶⁾ Os outros tres são mais despreendidos, já vão em exposição, já não tenho tanto contato com eles como tenho com os dois mais velhos. Com eles não é a mesma coisa, a preferência minha é pelos mais velhos.

E: - Você sabe porque?

S12: - Sei, sim. é que... ⁽¹⁷⁾ com eles [os cachorros mais velhos] tive muito mais convívio. Estes aqui ficam mais no quintal... a gente manda pra exposição... às vezes nem vai junto. ⁽¹⁸⁾ A cadela mais nova... quando a mais velha está no cio... a mais velha vai para a casa da minha sogra. Ai, sim, a mais nova toma o lugar da mais velha, ela vem pra dentro, me faz companhia. ⁽¹⁹⁾ Mas isto... quando as duas estão juntas não dá certo, porque elas brigam, tem que separar elas e mesmo entre o machos às vezes dá briga e o que dá muita briga é com outros cachorros.

E: - E com gente?

S12: - Com gente?... ⁽²⁰⁾ Se a pessoa entrar comigo... tudo bem, eles até pedem agrado, mas se esta pessoa voltasse sozinha, eles não deixariam entrar. Mas deixa te contar do meu cliente, este que vai te telefonar que comprou um dos meus cachorros... faz uns três anos.

E: - Então vamos começar desde o começo, como é que é a história?

S12: - Bem... ⁽²¹⁾ ele tem uns cinquenta anos, filhos adultos, só ele e a mulher. Vive em apartamento e resolveu fazer num sítio que ele tem uma casa de campo. Ai, no meio da construção... meteu na cabeça que já era tempo

de ter um cachorro. (22) Veio na minha casa, comprou o Paquito e ficou com ele no apartamento... a casa de campo demorou mais dois anos para ficar pronta e neste tempo tá o Paquito lá no apartamento.

E: - E o cachorro ficava trancado no apartamento?

S12: - (23) Onde ele ia ele levava o cachorro. Ia pra Ubaituba... depois me telefonava: "Olha você precisa ver como o Paquito correu... fez exercício".

E: - E a família?

S12: - (24) Acontece que a mulher dele tem verdadeiro pavor do Paquito... tem e sempre teve medo dele, desde filhote. (25) O Paquito fazia... fazia "uma bolinha" dela, pegava pelo braço quando queria comida, mordida quando queria brincar, não atendia ela - (26) e sabe a impressão que eu tenho? que ele, o marido, gostava... ele gostava sim de ver que o bicho só obedecia a ele... uma sensação que eu tenho, sabe? (27) Minha experiência de vender filhotes - que se a mulher não gosta do cachorro, o negócio tem cinquenta por cento de chance de não dar certo... (28) Mas aconteceu um fato curioso, agora que eles estão morando no sítio, ela pediu um cachorro... uma fêmea. Talvez achando que dá mais certo. A verdade é que ela está dando mais atenção para esta fêmea. Mas continuando... (29) o Ermínio fez questão de adestrar o cão. Segurei o máximo que pude, que quando ele tinha nove meses ele já me telefonava: "Como é, você vai ou não vai me arrumar um adestrador?" Parece que ele botou ele no adestramento com um ano e meio... ficou lá no Abelardo em Salesópolis. O Abelardo tem ônibus. Cada quinze dias ele vem com os cachorros e deixa passar o fim de semana na casa dos donos. Ele é consciencioso, não bate, é um dos

melhores, o cachorro evolui aos poucos. (30) O Paquito deve ter passado por todos os treinamentos, inclusive o "treinamento com coleira na mão", isto é um tipo de treino de guarda, o cachorro é ensinado a guardar um objeto ou uma pessoa... ninguém pega aquilo, enquanto o dono não der a contra-ordem. Geralmente o objeto de referência [o objeto com o qual eles treinam o cão] é a própria guia. Estou te contando isso para você entender o que vem agora... (31) Quando a casa ficou pronta o Ermínio mandou fazer canis... como ele diz: "O canil mais bonito para o Paquito"... enorme, os menores para a fêmea e um outro filhote que ele tem lá. (32) E colocou o Paquito pra ficar no canil... o Paquito que lá no apartamento ficava no sofá, dormia na cama se ele quisesse, recebia comida na mesa... Aí ele começou a notar que o Paquito estava ficando cada vez mais bravo, a ponto de, se ele [o Paquito] estivesse fora da casa, ninguém podia sair.

E: - Ninguém como? Nem a mulher, nem o filho?

S12: - Ninguém mesmo, nem a cozinheira que ele ainda gostava mais ou menos lá no apartamento. (33) O Ermínio para contornar a situação soltava ele tipo assim meia noite, deu pra levantar de madrugada para recolher o cachorro no canil... antes que alguém saísse pra fora... se sacrificava... (34) Me telefonou dizendo que não sabia o que estava acontecendo, afinal ele tinha agora um canil tão bom... (35) Eu pensei comigo que é difícil quem estava acostumado a andar em Mercedes andar de Fusquinha... Na cabeça dele ter feito o canil é o suficiente, ele não quer ver o resto. (36) Acontece que ontem, quando ele foi desamarrar o Paquito, que ele tinha preso num poste, não sei porque, o Paquito avançou nele, não deixou ele mexer na coleira. O negócio ficou feio - (37) eu acho que foi o treinar

mento de guarda... o Paquito achou que não era para deixar o Erminio mexer na coleira - enfim, agora o Erminio está com medo... está muito preocupado. Já falou com deus-e-todo mundo... uns mandam matar, outros mandam dar surra, mandam voltar pro treinador... aí ele veio falar comigo e eu disse para ele falar com você.

E: Como está a agressividade dele com o resto do pessoal?

S12: - (38) Olha, ele tem dado suas mordidas, e pra mim quando isto acontecia... que nem com a mulher... o Erminio gostava... ele dizia: "Tá vendo como meu cão é bom, valente, bem treinado?..." Só que agora virou contra ele também. Sabe?... quando acontece alguma coisa comigo e com um amigo, que me chateio eu falo para minha mulher: "Bom mesmo é cachorro", (39) mas precisa saber educar. Cansei de ver cachorro medroso... cachorro que foge quando você levanta o braço... cachorro que tem medo de vassoura, porque apanhava de vassoura enquanto o dono trabalhava fora, que tem medo de trovão porque as crianças estouravam bombinha no ouvido dele. (40) Educar cachorro é que nem educar criança. Você prende a criança, você bate... só sai coisa que não presta... (41) A turma coloca aí como coisa de genética, que o Dobermann é bravo, que não adianta, mas bem que no início eles ficam até atijando. (42) O Erminio ele ficava contente quando ele podia dizer: "Não chega perto do meu cachorro que ele é... ele vai te atacar". (43) Hoje nem ele não pode mais com o Paquito, está com medo mesmo, pensando muito sério...

Dados do sujeito (S13)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 49 anos.
 Grau de instrução: secundário incompleto.
 Profissão: tradutora-intérprete.
 Estado civil: casada.
 Núcleo familiar: a entrevistada, o marido, um filho adulto.
 Tipo de residência: apartamento.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

S13 sabia que eu tinha visitado asilos de velhos nos Estados Unidos, como parte de meus estudos sobre o uso de animais como agente terapêutico em tais circunstâncias.

Ela é voluntária em determinado "Lar dos Velhos", onde dá palestras sobre viagens, arte, etc. Um dia me telefonou para contar o caso de como a presença de um cachorrinho modificou o relacionamento entre uma senhora de idade, bastante ranzinza, e a família. Um pouco mais tarde, convidei S13 para me visitar, e nesta ocasião ela concordou em me contar novamente o caso, desta vez para o gravador.

RELATO 13

S13: - Você vai me perguntar e eu vou contar? Eu não estou entendendo.

E: - A gente conversa, só que o gravador fica ligado.

S13: - Só?

E: - Só.

S13: - Ótimo. Então vamos em frente.

E: - Eu só quero saber uma coisa: eu quero saber como foi possível aquela senhora levar o cachorro para fazer uma visita.

S13: - Não sei... Deixa pensar... [ruídos, barulho de fundo, sem fala]

S13: - ⁽¹⁾ O cachorro era uma coisinha delicada, parecia uma bola andante de lã, branquinha. ⁽²⁾ O que ela conseguiu foi demonstrar o amor, o amor que todos nós temos dentro de nós, ela também conseguiu, finalmente, demonstrar amor, que todos nós temos dentro de nós, ela também conseguiu, finalmente, demonstrou amor. ⁽³⁾ Ficou **a-lu-ci-na-da** com a cachorrinha... ninguém esperava isso. Todo mundo achou que ela ia dizer: "Olha, não deixe ele andar prá lá, ele vai sujar o tapete; não deixe ele andar para o Synteko, que vai arranhar o Synteko; não vai para o banheiro que lá tem que ser higiênico!" ⁽⁴⁾ Nada disso. Ela brincou com o cachorro, e botou no **coolo** e se **encaaantou** e pediu à neta postiga de trazer o cãozinho muitas vezes. ⁽⁵⁾ Sabe? mas ela era uma pessoa tão chata e a neta é tão ocupada! ela é psicanalista e tal, e não tem paciência com

a velha. (6) Porque a reputação da velha já estava **tão** estragada, que nem este amor que ela mostrou no momento, este carinho que ela conseguiu demonstrar... não adiantou. (7) Eu não sei se ela foi mais vezes... mas a família se aproximou um pouquinho da velha... ligavam mais pelo telefone... (8) Porque você sabe, esta psicanalista não tem filhos, né? A cachorrinha aí também faz um pouco substituto de neném, tá? (9) E ele é uma graça para todos que vêem ele, né? Ele é **esper-tiíssimo**... ele é cão de guarda, embora ele é tamanho de um cruzado novo, você está entendendo? (10) Quer dizer que se isto tivesse acontecido há mais tempo, teria sido bem legal para a velha, sabe?

E: - Você acha que o cachorro aproximou?

S13: - (11) Eu **aacho**, eu **aacho**.

E: - Aquele único episódio?

S13: - Eu tenho esta impressão. Bem agora que você está me perguntando, nunca analisei isto dentro de mim... veja: ela visitou com o cachorrinho... mas a neta não é cega... (12) Ela viu a situação da velha... que a velha está mais cega que nunca... mais só que nunca, porque ela recebeu com tanto carinho o cachorrinho? (13) Porque ela estava **secaada**... sem amor, está entendendo? Ela estava **seeca**, **seeca** dentro de si, sem **viida**, sem **comiida**. Aquilo foi, sabe? eu acho... (14) Aí vieram o irmão da neta, o neto postiço... também às vezes ligava para ela. E a nora, a mulher do neto também perguntou por ela, pelo menos. Os netos perguntaram à mãe - que é filha postiça - porque ela não ia lá, então ela também foi sacudida, porque ela tinha deixado de visitar a velha, de tão magoadá que ela estava com ela. Ela não deixava emprestar um livro que

ela não podia ler... Ela era ruim, puxa vida. Aí a filha postiga tomou coragem, visitou mais **veezes** novamente. Porque ela visitava enquanto o pai estava vivo... visitava sempre porque era uma boa amiga da velha, esta filha postiga é uma pessoa soberba. (15) Mas depois quando o pai morreu, passou um ano, passaram dois anos... ela visitava **muito** poucas vezes. Teve época em que ela não deu mais apoio, não agüentou mais!!! Mas depois deste episódio, ela se deu um empurrão. (16) Pelo menos uma vez por semana... uma vez em quinze dias ela... ela... visitava, sabe? Entendeu?

E: - E você com seus cachorros?

S13: - Ah! eu tenho uma interessante história para te contar. (17) Olha, eu não fui criada com cachorro. Eu sou flor da cidade: teatro, cinema, gente, sofisticação... Nunca tive um cachorrinho na minha vida... (18) Minha filha me **exigiu** um cachorro quando ela fez 14 anos... O cachorrinho ficou comigo - você sabe que minha filha saiu de casa muito cedo - o cachorrinho, Dolly... nome da cachorrinha... uma Cocker Spaniel preta, uma **graaça, uma graaça.** (19) Amamos nossa Dolly, porque, você sabe, o amor de um cachorro é sem cobrança, é uma **maraviilha.** Você desce 5 minutos na rua, quando você volta ela te recebe como se você tivesse viajado 6 semanas. Então... Dolly foi muito querida por mim. (20) Eu ficava chateada porque ela nunca mais ficou limpa... mas com 8 anos ela ficou limpa... não fazia mais xixi dentro de casa, graças a Deus!!! esta alegria ela me deu... Até os 8 anos de idade ela pensava que os meus tapetes eram a grama de Teresópolis. Tudo bem.

E: - E você não ficava chateada?

S13: - (21) Naturalmente... Eu ficava chateada... o tapete ficou manchado, Fritz não é de comprar tapetes novos e... cada vez que ela fazia xixi... o ódio que eu tinha...

E: - E você nunca pensou em dar?

S13: - (22) Este não... mas... agora tenho um que quero dar, depois te conto esta história. Mas... quando - agora você me interrompeu, perdi o fio da meada - mas depois, de repente, não de repente, deve ter demorado meses, eu tive nojo de toda a sujeira de cachorro na rua, quando eu passeava. (23) Você sabe? eu moro numa cidade grande, grandíssima, onde eu tenho que passear com a cachorra. Também a única que descia com o cachorro. Ninguém me ajudava, e eu tinha que descer 4 vezes por dia, ou duas, três por dia, porque ela não aprendeu a fazer no lugar em casa... Isto teria ajudado. Minhas amigas fazem assim: elas têm um jornal e o cachorro suja nele, mas eu não consegui. É mais um fracasso meu, já tenho tanto na minha cuca. Então eu disse...

E: - Não, não, não vai levar muito a sério.

S13: - (24) Então eu disse, O.K., dokey, então eu resolvi: "Ah, eu vou levar ela para Teresópolis, porque eu não posso mais viver com este nojo na rua, e ela está ajudando de fazer xixi e cocô na rua. Mais uma que suja a rua". Eu levantava, botava num saquinho o cocô dela, depois eu disse: "Ah, chega, vou levar ela para Teresópolis." Isto para ela... não, eu levava, descia, levava, mas um belo dia deixei ela em Teresópolis, quando fui viajar para a Europa. Porque cada fim de semana eu vou a Teresópolis. Ela ainda foi muito bem... ela entrava na minha casa... fazia xixi... não abria mão

disso. (25) Você sabe, minha filha, quando ela foi envelhecendo, ficando... não sei... mais feia... mais doente... eu não amei ela mais tanto. Ela para mim era a perfeição, né? Ela era raça pura, ela era bonita, era a coisa bonita na minha casa, porque as coisas... eu, o meu marido, meus filhos não são perfeitos... mas ela foi aquilo que era puro, que foi bonito, um diamante limpo e quando ficou velha não era mais aquilo. (26) E um belo dia ela perdeu um olho. E a partir daquele dia eu não quis mais vê-la, tá? Não fui mais carinhosa com ela. (27) Queria que ela morresse! Mas como ela ainda comia bem... as funções dela eram mais positivas que os fatores negativos, dos quais não me lembro mais... mas eu sei que falei com o veterinário que está na hora de botar ela para dormir, ele disse: "Não, ela ainda gosta tanto da comida, e tanto de tanta coisa... Deixa ela ainda". Deixei. (28) E nós tivemos, nós temos um Pastor Alemão. Ele também foi um querido nosso... Ele ficava sempre em Teresópolis e deu muito trabalho, dá muito trabalho. A partir do momento em que ele também entrou na velhice e ficou doente eu também não estou conseguindo cuidar dele. Eu não olho mais para ele. (29) O.K., desculpe ter de confessar isso, desculpe, eu me sinto mal de revelar este lado ruim, mas ele está aí.

E: - É muito humano.

S13: - O caso está aí... é um fato, eu não sou de mentir. (30) O.K. Para substituir o nosso Titan, nosso Pastor Alemão, nós compramos outra vez um Pastor Belga misturado com Pastor Alemão, eu acho. Que não tem "pedigree", mas é puro, lindíssimo, de uma ninhada maravilhosa, nunca compramos um cachorro tão caro!!! (31) Mas viajamos dois dias depois de ter comprado ele... Quando nós voltamos - a caseira adorou ele - deixei

aquelas instruções, tudo bem cuidado, vou te contar, nós não conseguimos amizade com este cachorro. Ele... quando voltamos depois de dois meses ele cresceu **muito**, pulava toda hora em cima de mim, eu tenho um defeito no joelho, tenho medo que ele vai me derrubar. O outro Pastor nunca pulou. Mas meu marido agora criou uma artrose no fêmur, não se pode dar ao luxo de ser derrubado... e é ruim para a saúde dele, eu também tenho mais defeito no meu joelho, ele pula, pula, pula. (32) A gente tinha resolvido que este cachorro não ia entrar dentro de casa, e não dá para ter um cachorro que não entra dentro de casa, **para mim**. Não criei amizade. (33) Chamei um professor que fazia coisas com o cachorro estranhíssimas... buscava ele para uma aula às seis da tarde, voltava às onze da noite. A gente ficou preocupado: "O que que ele está fazendo com o cachorro?" Fritz disse também que não é possível, então fomos atrás dele numa chuva torrencial... Ele se ofendeu, não é legal, obviamente ele não era certinho da idéia, ele [Fritz] não quer outro professor. (34) Ele continua pulando... eu não tenho relacionamento com ele; eu quero **dar** este cachorro. Eu **não quero** este cachorro aqui! (35) Eu preciso um cachorro dentro da minha casa. Já pensei, e até meu marido também acha que a gente deveria dar... mas ainda não fez esse esforço, também não... (36) Mas ele está com vontade de botar um outro cachorro, um vira-lata. (37) Ah, nós tínhamos um vira-lata, que era **divino**, **maravilhoso!!!** que deixaram o portão aberto e ele fugiu. Nunca mais achamos ele! Eu estou cada vez com **muitas** saudades dele. E quando pegamos este preto precioso, eu nunca mais queria saber de cachorro no Rio, mas agora que os anos se passaram, estou com uma saudade da Cocker Spaniel! (38) Daqui a um ano, talvez daqui a alguns meses... vou arrumar outro cachorro para mim... porque não posso dispensar o carinho do cachorro. E aqui ter-

mina minha história. (39) Mas aquele pretão eu vou dar para alguém... vou achar alguém... porque ele não é legal para nós. Nós precisamos um relacionamento com o cachorro e ele vai derrubar alguém, vai quebrar o fêmur de alguém... Estou ficando mais velha, não vou me dar ao luxo de quebrar o fêmur, tenho outras preocupações. (40) E ele é lindo, carinhooso, mas não dou conta dele. E esta é minha história, querida.

Dados do sujeito (S14)

Sexo: masculino.
 Idade: 58 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: professor universitário.
 Estado civil: casado.
 Núcleo familiar: o entrevistado e a esposa.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: residência do entrevistado.

Antecedentes da entrevista

S14 me pareceu um sujeito ideal para ser entrevistado, dada, de um lado, sua visão etológica do mundo animal, e de outro lado, o amor, o cuidado que sempre teve com os animais de estimação de sua casa, vivências estas que acompanhei em parte como veterinária e, depois, como amiga, quando deixei de fazer clínica.

RELATO 14

E: - O que é bicho para você?

S14: - (1) De uma maneira geral... bicho é alguma coisa que prende os olhos... prende a atenção. é... intrigante... e também é puro... é... natural, espontâneo. Inocência, no sentido de que não procura enganar a gente. De uma maneira geral eu vejo isso... é toda emoção! Bicho para mim é isso.

E: - Por que você tem bicho?

S14: - (2) Bom, agora aqui têm explicações históricas. Em geral, eu herdo esses bichos. Embora se eu pudesse por mim mesmo...

E: - Você nunca comprou bicho?

S14: - Comprei... quer dizer, eu já dei para minha filha mas, eu acabo herdando dela. Geralmente vem da minha filha.

E: - E antes dela casar?

S14: - (3) Eu tive cachorro... tive gato... passarinho...

E: - Por que?

S14: - (4) Olha, cachorro porque... sei lá! alguém oferecia e, eu gostava, quer dizer, se dependesse de mim eu teria mesmo. (5) Mas... no geral a gente ficava temendo se ia dar trabalho para a esposa... a gente não tem empregada... então... sempre fica na dependência para saber se ela quer ou não. E quando ela quis a gente acabava aceitando. (6) Mas no geral, os bichos que a

gente tinha era por causa da minha filha que era pequena e a gente achava que devia dar para ela... Para dar um pouco de afeto, de companhia e distração também.

E: - Por que os cachorros?

S14: - (7) Bem... se fosse por mim mesmo, tendo uma morada fixa, eu gostaria de ter. Eu sempre quis ter um Pastor Alemão... é uma lembrança de infância, não é? Quando eu era pequeno... eu devia ter meus 12 anos... eu andava muito com um filho de um açougueiro, e esse filho do açougueiro fez amizade com um Pastor, não sei o porquê. Esse Pastor passou a acompanhá-lo. Isso é uma coisa difícil de ver em Pastor. (8) Ele era uma Pastor muito bonito! E durante os dias que nós andamos com esse cachorro através dos terrenos baldios, pelos bairros, pelo lado do aeroporto. Nós andávamos quilômetros com esse cachorro... Atirando coisas para ele pegar... chamando.

E: - Isso aconteceu no interior?

S14: - (9) Não, aqui em São Paulo. Porque eu vim para São Paulo com 9 anos de idade. Agora... minha experiência com bicho deve ter sido em fazenda... porque eu vivi até uns cinco anos de idade em fazenda. Depois então fui para a cidade e, cidade do interior a gente não tem muito bicho para ver, não é?

E: - Mas aí não é diferente?

S14: - (10) Bem, eu não sei de onde vem esse meu interesse por bicho, não é? mas... o bicho me prende os olhos... Eu gosto de ver... Pode ser um gosto, eu gosto de ver qualquer bicho... desde inseto até mamífero que é mais

complicado...

E: - Eu quero saber o que você sente com os bichos, ou com o seu gato?

S14: - Bom, tinha. Agora eu não tenho mais...

E: - Nem gatos?

S14: - ⁽¹¹⁾ Não, no momento não. Minha filha tem uma porção, porque ela tinha umas fêmeas e as fêmeas foram criando. ⁽¹²⁾ Agora é que ela começou operar essas fêmeas... Ela tem uma porção por causa das crianças, porque ela achava que as crianças gostavam de gatos, e gostam mesmo.

E: - Você tinha um amor especial por aquele gato?

S14: - ⁽¹³⁾ É, eu tinha porque... esse gato... minha filha o pegou na Cidade Universitária e ele tinha... fratura espontânea, ele sofria. Ele era um filhote ainda e andava assim meio de lado, aí de repente ele tinha uma fratura espontânea. Então dava uma pena ver o bicho gritando, e a gente começou a cuidar dele. Você ajudou bastante indicando o que a gente deveria dar: óleo de fígado de bacalhau... cálcio... e não sei o que mais. E a gente dava aquilo para o bicho, e cuidava dele e... ⁽¹⁴⁾ parece que ele reconhecia porque é um bicho que, geralmente, é bravo quando sofre dor, ficando intolerante, pondo a unha de fora e... ele maneirava um pouco esse mau humor, quando a gente cuidava dele. Ele era um gato desses comuns malhados e... com o tempo ele cresceu e ficou um gato grande por causa desse excesso de cuidados que ele teve e... começava a brigar com os outros. Gato manso, então a gente acompanhava. ⁽¹⁵⁾ E eu tinha preocupação porque eu morava numa casa

onde o gato podia sair para todos os lados e vivia machucado por causa de brigas com outro gato ou com cachorro e... uma vez, acho que você lembra, ele foi bastante ferido por cachorro, e deu uma infecção por baixo da pele e foi muito difícil a cura. Foi quando eu fui à veterinária e ela conseguiu curar o gato. ⁽¹⁴⁾ Agora, quando nós mudamos para cá... eu me dei ao trabalho de aumentar o tamanho dos muros para que ele não escapasse, a pedido de minha mulher, porque ela gostava muito do gato também e tinha uma preocupação **enorme**. "Onde é que ele está?" Antes de dormir a gente colocava o gato para dentro para que ele não sofresse riscos...

E: - Se você fechar os olhos e pensar... de quem você estava gostando mais naquele momento, do gato ou dos cachorros?

S14: - ⁽¹⁷⁾ Do gato. Eu acho que sempre gostei mais desse gato. Sempre gostei mais porque esse gato foi mais companhia, sabe? Ele... nós já tivemos uma vida, assim, mais em comum, porque quando nós iam ao sítio levávamos o gato e ele me acompanhava ao longo do sítio, andando mais devagarinho, 10 metros ou 5 para trás... Quando ele se perdia ele miava diferente; **mioou, mioou...** a gente voltava, pegava, ele dava uma vocalização de agrado; **room, room...** qualquer coisa assim... ⁽¹⁸⁾ Parecia que ele conversava com a gente. Rondava a gente de manhã... quando a gente passava por ele, tinha uma vocalização diferente. Toda vez que ele passava ou que ele vinha no colo da gente... vinha com a vocalização diferente. ⁽¹⁹⁾ Ele ia muito no colo da gente e... tinha o costume também de deitar na nossa cama. Ele puxava a colcha... e... se deitava por baixo não sei como! E ficava ali feito um travesseiro por baixo da colcha, principalmente nos dias de frio. ⁽²⁰⁾

A gente se acostumou com a figura desse gato, com a companhia dele... tratar dele... tinha a hora da comida dele... a sardinha dele eu que colocava... (21) Eu sabia que, quando a gente viajava era o bicho que mais sentia falta da gente. Ficava dias miando. Miando alto... aquele "mioou" mesmo de... um "mioou" assim... aflito. O mesmo que ele dava quando ele estava perdido... (22) Agora dos cachorros eu gostava sim... da inteligência, da esperteza deles, da vivacidade. (23) Primeiro eu tive esse Basset macho, e ele era da minha filha... ela que... havia ganhado esse cachorro e ele acabou ficando em casa. Também cuidei dele, ficou doente um tempo... Eu gostava dele mas ele era um pouquinho mau cheiroso e esse era um motivo para não gostar muito dele. Ele tinha um cheiro meio forte e desagradável. Mas é um cachorro espertíssimo, com muita vivacidade e saudava a gente quando chegávamos... corria de um lado para outro, dando "cabriola"...

E: - Ele nunca ficou doente?

S14: - Esse, ficou.

E: - Nunca tiveram trabalho com ele?

S14: - (24) Deu bastante trabalho também. Quando ele veio ele estava com... eu não sei bem o que era mas... ele mal podia andar... eu sei que nós tivemos que dar soro, e eu até procurei você porque formou-se uma bola na barriga dele de tanto soro... na pele dele... porque esse soro era aplicado sub-cutâneo. Então formou-se uma bola e, eu fiquei preocupado com aquilo e você disse: "Não, isso é do soro". Ele teve uma... parece que isso é próprio de cachorro... teve muito verme... no começo. E foi... foi... não comia mais... durante um certo tempo. Ele teve uma anemia profunda...

[o gravador é desligado].

S14: - (25) Agora, o Pastor para mim é especial...

E: - Ele não lhe deu tanto trabalho?

S14: - Esse é o Blitz. Ele... foi dado para a minha filha - filhote ainda - por um colega dela de escola, e era para viver no sítio. Mas como ele era novinho ainda... não sei se porque ele havia perdido a mãe, ele tinha que ser amamentado com... mamadeira. Então nós cuidávamos desse bicho... não, com a mamadeira não... Eu acho que a gente dava o leite normalmente. Ele já tomava o leite. (26) Eu o achava muito interessante pela personalidade dele porque... por exemplo, a relação dele com o gato... né? O gato dava patadas nele quando ele chegava perto... unhadas... mas os outros respeitavam o gato, porque ele era enorme, foi o maior gato que já passou pela clínica da Cidade... Universitária. Pesava 8 quilos e meio, quase nove e o Pastor o enfrentava... o gato quer dizer, ele levava aquele baque com o gato, mas em seguida ele acabava enfrentando e eu achei que ele tinha uma personalidade muito decidida. E, realmente, na relação com o gato ele era dominante... embora os dois sempre se deram muito bem porque ele veio novinho para cá. (27) Agora... com o tempo eu não tive coragem de deixá-lo no sítio, embora quando a gente viaja ele também fique no sítio. (28) Mas eu não gosto que ele fique lá porque ele fica maltratado acabando pegando verme, o caseiro deixa a ração... ficar velha. As vezes ele tem o problema de desinteria também... porque é muito frequente, não é? Então... eu não gosto que ele fique lá, eu gosto que ele seja mais bem tratado... (29) Agora, o que eu acho de especial nele? Sei lá! eu acho que ele, particular-

mente, é afetuoso. ⁽³⁰⁾ Ele é **braviíssimo** com os outros mas ele é **afetivo** comigo. ⁽³¹⁾ Eu vejo que ele coloca as patas aqui... no meu ombro e... move a língua, assim... sem me atingir... assim na altura do meu rosto, e eu vejo, assim, dentro dos olhos dele que ele é **bastante afetivo**. Interessado na gente e... eu acho que você tem razão nesse ponto, sabe? do contato com o bicho. Se a gente pode chegar na altura da cabeça, como o Pastor chega quando ele fica em pé... acho que a gente tem um relacionamento mais afetivo e mais efetivo também. ⁽³²⁾ E além disso, gosto também da capacidade de atenção que ele tem. Você não consegue jogar uma semente de uma laranja... por cima do muro - ele pode estar até dormindo, se você fizer o movimento de jogar a semente ele abre os olhos e vê. Se passar uma borboleta ou um balão, ele já está latindo, já está vendo... Então, ele tem uma capacidade de percepção notável. ⁽³³⁾ A energia dele... o vigor... a facilidade para correr... tudo isso para mim é impressionante. Juntamente, ele me parece assim com aquela potência toda... uma ingenuidade. é um bicho ingênuo... é um bicho, afetivamente bom. **Exceto** para os outros... para quem ele não conhece, mas é um aspecto, também, do afeto dele para com a gente.

[o gravador é desligado].

S14: ⁽³⁴⁾ Eu me lembro que minha mãe dizia que eu passava **hooras** a fio, sentado na calçada olhando para o chão. Eu acredito que foi nessa ocasião que eu comeci a prestar atenção em formiga... Naquela cidade **vaziia** de movimentos, de acontecimentos... cidade do interior... Então a gente tinha aquelas **loongas** tardes vazias e talvez a formiga ajudasse a passar o tempo. **Talveez** viesse daí. Eu sempre... acompanhei muito... sempre olhei muito esses bichinhos... ⁽³⁵⁾ Descoberta é en-

cantamento, dá ansiedade, apresenta um mistério para ser resolvido, um quebra-cabeça, trabalhar com bicho para o bem do ser humano.

E: - Ai tem uma relação com os outros animais? Você percebe que é diferente o que você tem...

S14: - Não, o "S." das formigas é o psicólogo.

E: - Por que você é um psicólogo de bicho? Você é psicólogo?... você é etólogo...

S14: - É, olha, como é que eu me tornei um etólogo também, se você quiser saber, isso pode ser até meio ocasional, meio forçado pelas circunstâncias de vida. Eu escolhi, para tese, trabalhar sobre formiga, por uma razão muito simples: eu deveria fazer um trabalho sobre motivação, mas eu achava muito complicado. Era um trabalho para o fim de vida... que exigia muita cultura... muita leitura... desde filosofia até psicologia... E... por uma razão ou outra, quando eu me voltava para a formiga o trabalho rendia. Não só rendia como... sabe? o meu coração batia mais acelerado... (36) Quando eu estava vendo formiga eu não via as horas passarem. Eu tinha até mesmo, eu sentia o coração bater na nuca de tão ansioso... de tão encantado que eu ficava com aquilo... e aquilo era um desvio, era alguma coisa que eu fazia assim... pecaminoso. Parecia pecaminoso. E tinha o sabor de um fruto proibido. (37) Mas a formiga me interessou... por esse aspecto: como é que um bichinho tão pequeno poderia ter uma individualidade... poderia ter uma interpretação do mundo, não é? quando todo mundo via essa formiga como uma máquina reflexa, como uma besta de instintos... (38) E eu estava vendo... a formiga... estava entrando na formiga pelo avesso dela. Todo mundo cos-

tumava ver a formiga como uma criatura... maquinal... reflexa... fruto de seus instintos. Eu estava vendo uma formiga que tinha uma experiência individual... que parecia colorir... de significado o ambiente dela.

E: - Algum outro bicho sem ser a formiga, que você tenha se interessado?

S14: - (39) Para estudo sim. Para estudo eu me voltei para... por gosto... Houve uma ocasião em que eu só me... ocupava da... formiga e só me interessei pelo animal... na medida em que me parecia que... eu podia fazer alguma coisa relevante para o ser humano. Para o ser humano na seguinte medida: se se negava a emoção ao ser humano, se a emoção era alguma coisa muito mais automática, envolvia muito menos um efeito de experiência individual, se eu pudesse demonstrar isso **na formiga**, com muito mais razão eu poderia aceitar isso no ser humano...

E: - Mas, você trabalharia a etologia no ser humano?

S14: - Não.

E: - Por que? Por que só bicho?

S14: - (40) Porque me parece que o ser humano é um ser basicamente, de meio de experiência, de cultura... e que essa parte de primata... é um pouco secundária, diante do valor que tem a cultura, a experiência e a educação. (41) Agora, por que que eu me interessei pelo bicho? Não sei mesmo dizer... eu sempre tive interesse por bicho... mas eu achava muito revelador... de um outro mundo, uma outra maneira de ver, de fazer as coisas. O animal tem uma outra maneira de ver as coisas. (42) Outra maneira de fazer as coisas. é muito

revelador até mesmo no homem, você ver que existem essas diferenças. Acho que em uma comparação, você fica mais perspicaz em relação às... propriedades do... homem, não só do homem... meu interesse não foi pelo homem... (43) Quando eu fiz etologia eu me interessei pelo animal. Me interessei pelo louva-a-deus, que eu estudei um bocadinho; pela aranha... olha, praticamente qualquer inseto que eu via e que eu pudesse acompanhar eu acompanhava um pouco. Acabei estudando vespa... andei vendo... alguns moluscos também... andei estudando o caracol, a lesma, mas eu... escrevi muito pouca coisa sobre essa etologia.

E: - Mamífero não?

S14: - (44) Andei observando cachorro vadio... cachorro doméstico... tanto no aspecto etológico, quer dizer, no aspecto de... padrões típicos da espécie, como naquelas características individuais que pudessem refletir experiência. Gato, também, andei observando um pouco... mas nunca fiz um estudo muito sistemático, não. Fora esses vertebrados eu andei observando... também passarinhos, como o pardal e tiziu. Entre os mamíferos eu tenho feito, também, observações casuais de gado... em fazenda...

E: - Como é que se deu o relacionamento com o gado? Porque aí você já é o terceiro... "S." você já é o... "S." fazendeiro.

S14: - (45) É todo um meio relacionado, também tem a ver com experiência de infância... (46) Uma coisa muito preciosa para mim é curral. Eu sempre tive muita atração por curral. Eu acho que eu quando era pequeno, eu estava sempre presente em curral, em fazenda... O cheiro de curral, para mim, é um perfume, assim, espe-

tacular. Eu gosto muito... curral molhado... terra molhada... para mim tem o cheiro espetacular. E... eu via muito gado em minha adolescência. Eu passei 3 meses em uma fazenda - aí, na verdade, eu já morava em cidade e muito raramente eu ia para uma fazenda - Nesses 3 meses eu podia acompanhar muito de perto essa atividade de curral. Eu ajudava o vaqueiro... saía junto... a cavalo... E eu achava bom... Eu gostava... Eu gosto do cheiro do gado, gosto do jeito dele, gosto do... comportamento dele, gosto de vê-lo... ele é atraente. Me fascina. Quando eu vou para a fazenda... na primeira oportunidade eu escapo e vou para o curral... para ver o gado e ver essa atividade... essa lida com o gado. Mas é só isso. Não é nada especial. Eu tenho uma fazenda que herdei do meu pai... E hoje, por tradição de família - porque na minha família o pessoal faz lavoura o suficiente para poder formar o pasto e ter o gado - E eu também, por conselhos dos outros e por tradição de família, também formei o pasto e estou com o gado.

E: - E na hora de mandar o gado para o abate?

S14: - (47) Eu não gosto, eu acho isso muito ruim... só que a atividade econômica força a gente... obriga a gente, né? Mas agora eu tenho tido um relacionamento muito esporádico com o gado, porque eu vou à fazenda duas ou três vezes por ano só. Então, eu não chego a ver esse gado crescer. Quando ele embarca... é um gado que eu não cheguei a ver, praticamente. Mas aquelas vacas, por exemplo, que a gente vê sempre... essas têm que morrer velhas... Eu não deixo vender...

[o gravador é desligado].

S14: - (48) Bem... eu estava falando sobre o gado... Minha



mulher tratava esse gato como a um filho. Então ela usava uma voz mais infantil para falar com o gato... e para falar com os cães, também ela usava essa voz. (49) Não sei se você sabe mas, eu tenho essa percepção, de que muito do comportamento afetivo... se faz numa expressão assim... "o que é não é". Você faz uma aparente agressão que não é agressão. Por exemplo: ela xingava o gato assim: "Oh! seu pata palicha..." era um mandar o gato à "ponte que partiu"... alterando de tal maneira que aquilo era um carinho feito para ele... Então ela xingava o gato mas xingava com voz afetiva... E isso eu achava gozado nela... Como ela faz também com os netos. Aparentemente ela está agredindo em alguma coisa, mas a voz é de agrado...

E: - Você falou, antes, que ela considerava o gato com um filho?

S14: - (50) Para ela era um investimento de amor que ela dava... a preocupação com o gato... "O gato, hoje, não está bom"... "o gato está meio estranho... meio esquisito... está na hora de dar isso para ele, está na hora de dar aquilo"... e ela tem preocupações assim com o bicho. (51) Agora minha mulher diz que ela não quer bicho. Ela não quer se prender, mas na hora de ir viajar... e é verdade! A gente viaja muito e existe o problema de saber com quem vai deixar, se vai ser bem tratado, ou não. Ela acha que o bicho sofre na ausência da gente. Mas também ela acha que prende... que dá um... trabalho excessivo. (52) Mas eu acho que o verdadeiro motivo pelo qual ela não quer bicho é por causa da hora da perda... (53) Porque quando ela perde ela sofre demais. O sofrimento dela com a perda desse gato... foi enorme. Ela chorou como se tivesse perdido um filho. E eu também senti. Na verdade, a gente passa dias lembrando... e quando lembra vêm lágrimas

aos olhos... (54) Um dia desses... ela viu um pombo na rua. O pombo estava mancando. Ela achou que algum carro havia atropelado o pombo... e como ela não pode ver um bicho machucado, ela... não quer nem ver a um cachorro morto na estrada... ela fecha os olhos... Mas, então, ela mandou a empregada recolher e cuidar do pombo. O pombo hoje está aí no viveiro... não posso soltá-lo... (55) E ele está bonito... e ela tem orgulho de ver que o bicho está bonito, conta para todos... (56) Um dos assuntos prediletos dela é falar sobre os cães e bichos... Assunto predileto assim... para as irmãs... para a família, e mesmo para as pessoas estranhas.

E: - Contar do bicho?

S14: - É... falar do bicho.

[o gravador é desligado].

E: - O que te dá ver bicho à noite?

S14: - (57) O que eu sinto? Sei lá! é um mistério da natureza. Você vê aquela coisa **vão complexa. é compleeexo mesmo**, não é? Ali, andando à sua frente. é alguma coisa assim... como é encontrar um diamante... eu acho que ver algum bicho ou ver mesmo uma planta, qualquer coisa da natureza... é uma criação, né? parece que são milhões e milhões de anos que estão ali atrás, que custou para gerar aquilo. Aquilo é um milagre vivo à sua frente. Então eu gosto de sair à noite na fazenda, para ver se encontro algum bicho. Mas num estado natural. Quando eu sei que estou sendo o primeiro a ver aquele bicho, melhor ainda. Ele não está contaminado, está num estado natural. é a natureza aparecendo para a gente. (58) Mas eu acho que eu tenho uma outra coisa

com bicho. Eu tenho dificuldade pra lidar com gente. (39) Agora, com bicho, não. Com bicho é mais fácil. É como você disse, eles suportam mais, eles toleram mais. O cachorro, por exemplo, suporta... entende... (40) Uma coisa que eu já lhe falei e que admiro demais no bicho é a espontaneidade dele. Para ele não tem diferença o Presidente da República ou o deputado ou... uma pessoa do campo. (41) O cachorro para o seu dono... quando... ele está com as patas sujas de lama, ele vem te suja a roupa, pula em você, te faz festa. Se ele fôôr novo, então aí... ele te lambe o rosto... (42) Eu acho essa falta de cerimônia neles, uma coisa tão bonita, como existe na criança também... é uma ingenuidade... é... o não estar estragado pela sociedade e pela convenção...

E: - O cão deixa de ser o elo com a natureza porque ele está muito mais humanizado. Daí ele não é mais o elo mas um ser da família, ele é elevado ao nível do humano. Aí ele deixa de ser bicho e deixa de ter a ligação com a natureza.

S14: - (43) É, eu acho que vai por aí... à medida em que ele acaba fazendo parte da família... ele acaba tendo uma experiência... ele acaba tendo uma personalidade... mas tudo isso muito influenciado pela vida da família da gente, ele perde um pouco de natural. (44) Sabe esses momentos de crise existencial? Nada dava certo... parecia que as engrenagens estavam trabalhando ao contrário. Eu estava paralizado, não conseguia produzir nada... (45) Eu sinto que o coelho, para mim, foi uma válvula de descarga... uma maneira de eu me reaproximar da natureza... Era um motivo para eu, inconscientemente - eu não sei se era consciente ou não - mas, eu acho que inconscientemente, eu estava me livrando das minhas dificuldades conceituais, das minhas

dificuldades profissionais, me voltando para o coelho... (66) Então, cuidar de coelho era bom, era agradável. Dar vacinas neles... curar o bichinho... ver o coelhinho filhote, ver como é que ele crescia, ver a coelha fazer ninho... colocar para acasalar... Tudo, isso me dava a oportunidade, tanto de ir para o sítio ver a natureza, plantar coisas para o coelho, como também para cuidar deles e para esquecer um pouco a vida profissional... O coelho entrou por aí.

E: - E acabou também?

S14: - (67) Acabou por dificuldades econômicas... e por me trazer muitos problemas. Começou a dar muitas doenças... morriam assim... muito fácil... houve um problema de ração que eu dei e morreram às centenas. Aquilo me aborreceu porque eu achava que não era justo estar tratando o bicho daquela maneira, e eu não tinha condições de resolver aqueles problemas. E como não era economicamente rentável e dava muito trabalho... eu parei.

[o gravador é desligado].

S14. - Eu tive uma relação importante com uma tartaruga - Eu devia ter ao redor de 12 anos - e eu não me dava bem com o meu pai... nunca eu me dei bem com o meu pai. Meu pai era muito severo. Quando ele entrava em casa ela fazia os filhos calarem imediatamente. Ninguém mais ria, ninguém mais fazia barulho, ninguém mais "piava"... Ele era extremamente severo. A gente sabia que ele fazia minha mãe sofrer também, porque ele era um homem que só tinha importância a vida dele, vida profissional, e os "outros". Mas era um homem importante, sério, conceituado, estimado por todos. Mas em casa a gente não sentia que ele... realmente...

amasse os filhos. A gente sentia mais como... a presença de um estranho. (69) E... nessa idade... eu tinha um relacionamento meio difícil com ele. Eu chegava ao ponto de detestá-lo. Eu o detestava tanto que eu chegava ao ponto de ir almoçar longe... no quintal. Pegava o meu prato e ia... para não comer na presença de meu pai. Minha mãe chamou a atenção dele para isso. (70) E foi justamente nessa ocasião, que eu andava com um amigo e nós entramos num terreno baldio e no meio... lá do capim... nós achamos um jaboti, uma tartaruga média. (71) E eu não conhecia aquele bicho. Talvez eu tivesse visto alguma vez mas acho que eu não conhecia direito. E eu fiquei intrigado de ver o jeito dela. Como é que ela colocava a cabeça para fora. Como é que ela guardava a cabeça. Fiquei intrigado porque aquilo era um mistério para mim. Aquele bicho era uma incognita para mim. (72) E eu desejei demais ter aquela tartaruga... mas o menino achou primeiro e... levou-a para casa. (73) Por sorte a mãe não quis a tartaruga... então... o menino me ofereceu e eu a levei para casa. (74) E fiquei aborrecido porque não via a tartaruga comer. Eu oferecia uma porção de comida para ela e não aceitava. Um dia... eu estava comendo uma banana e coloquei na frente dela... e ela saiu e comeu a banana quase que na minha mão. Fiquei encantado de ver aquilo, em ver que eu ia conseguir criar o bicho e que ele não iria ter dificuldades de sobreviver ali, já que agora estava comendo. (75) E quando eu fugia da mesa - para não comer ao lado de meu pai - eu ficava perto da tartaruga... sentava ali... e a ficava olhando. E... acho que meu pai tinha percebido que eu tinha uma relação especial com a tartaruga... ou deve ter percebido uma certa oposição... que era real, com ele. (76) Então... ele foi até o quintal... e disse-me; que eu teria que me livrar dela... que ele não ia admitir o bicho lá. (77) Eu sei que eu chorei... até hoje eu

sinto... estou quase sentindo aquela sensação... daquele momento... mas eu chorei tanto! porque ela era um **pedaço** de mim... Aquilo era muito importante para mim... ter aquele bicho. E a minha mãe explicou para ele, que o bicho era inocente... Que mal fazia ter uma tartaruga no quintal? Por que eu não haveria de tê-la? (77) E eu sentia aquilo como uma coisa... era um poder que... ele queria exercer mesmo... E eu tive que dar a tartaruga. (78) Eu já tive uma tartaruga grande aqui, mas também foi doada. Ela foi encontrada numa - uma senhora que minha mulher visitava sempre - foi encontrada lá numa construção, cheia de cal, então... ela nos ofereceu a tartaruga e nós a trouxemos. (79) Mas com pena dela, também... com todo aquele revestimento de cal na carapaça. (80) Estávamos com medo que ela não sobrevivesse. Mas... foi mais para atender essa senhora que não tinha onde guardar a tartaruga. (81) E táí... gosto muito do bicho. (82) Bicho... para nós... morreu... não vai para o lixo. Não pode ir para o lixo. Se é bicho da gente... temos que enterrá-lo... num canteiro, em algum canto. (83) Agora... quando é um bicho grande - como foi o caso de uma cadela que nós tivemos - minha mulher gostava demais dela. Eu também gostava dela mas... no final ela estava dando muito trabalho... (84) Quando ela morreu...tive que fazer uma viagem especial ao sítio... para enterrá-la. E o gato também... quando ele morreu, tive que viajar, especialmente ao sítio e enterrá-lo num lugar que já é mesmo o túmulo dos animais de casa. (85) Minha filha foi lá... fez uma cruz... colocou flores...

E: - Você chegou a conversar sobre a morte com alguém?

S14: - (86) Sobre a morte do gato? ... é ... a gente conta para os outros como foi que ele morreu ... Conta sempre com aquele sentimento.

E: - E eles entendem?

S14: - (97) Eu acho que sim. Eles entendem que a gente teve pena... que sofreu... que o bicho era especial para a gente. Eu acho que sim. (98) O momento da morte do gato... para mim... foi especial porque eu tive um pouco de sentimento de culpa, sabe? em relação aquilo. Eu estava muito ocupado, com provas para corrigir e o bicho estava meio caído... meio deitado... não queria comer e... estava meio arfante. (99) E eu disse para minha esposa que era calor... que estava calor demais. Ela... então... dizia que ele não estava bom e que devia levá-lo ao veterinário. Eu estava sem tempo, e ela me pedindo para telefonar para ... para o ... para alguém... E eu não me preocupei. (100) É... na verdade... no dia seguinte à tarde, ele começou a piorar... a arfar mesmo... muito... aí eu o coloquei numa caixa e disse: "Eu vou levá-lo mesmo que tenho muito o que fazer... me atrasar muito, vou passar a noite trabalhando, mas eu vou levar este gato". (101) E aí... eu fui procurar - era um domingo - A Drª... que estava viajando. Tentei localizá-la pelo BIP, também, mas não consegui. Nessa ocasião, ela estava tratando dele, pois o mesmo tinha machucado uma pata e tinha dado uma infecção na mesma e... eu estava pensando que pudesse ter alguma relação com isso... a gente estava tratando dessa infecção já havia algum tempo. (102) Então eu levei num outro veterinário particular - e quando eu estava indo, no caminho - o gato olhou para mim, fez uns ruídos diferentes, esticou as patas... e eu falei: "O que que é isso... seu?!" Eu vi que ele estava tendo alguma coisa diferente, queria fazer algo, mas não era possível. (103) Eu vi que ele estava pedindo ajuda para a gente. Ele estendia as patas, pegava na roupa. Eu estava dirigindo ao lado dele e aquilo, para mim, foi

muito doloroso... a impotência... pela impossibilidade de fazer alguma coisa por ele. (94) E eu fui depressa para o veterinário e... cheguei lá eu disse: "O senhor olha aí e, por favor, veja se ainda dá..." quando ele disse: "Não, ele já está morto". E eu não me conformava, porque...

Dados do sujeito (S15)

Sexo: masculino.
 Idade estimada: 33 anos.
 Grau de instrução: secundário incompleto.
 Profissão: cabelereiro.
 Estado civil: casado.
 Núcleo familiar: o entrevistado, sua esposa, uma filha, Regina, de 5 anos, uma filha, Priscila, de 3 anos.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: (x)sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: salão do entrevistado.

Antecedentes da entrevista

Durante os 2 anos que frequentei o salão de S15, fui objeto de suas "consultas", sobre a cadela "Kelly", que todos os clientes conheciam, confinada num minúsculo quintal. Depois, quando se mudou para uma casa maior, a família resolveu comprar outro cachorro, desta vez um Dogue Alemão. Após seis meses comprou um terceiro animal, novamente um Dogue, que era portador de uma doença de pele congênita e incurável. Este animal, após muita ponderação, foi doado a um serviçal. A família insistiu de novo e adquiriu outro Dogue. Ajudei a buscá-lo no canil, na data marcada pelo criador que, a pedido de S15, mandara cortar as orelhas do cão nessa oportunidade. Só sei que o animalzinho não se recuperou da anestesia a que foi submetido e faleceu na noite desse mesmo dia. Como se vê, um problema canino após outro... Cabe a mim opinar sobre aquisições futuras diante desses fracassos. Minha pergunta inicial: "Que é bicho para você?" gerou o depoimento que se segue.

RELATO 15

E: - Por que você tem um cachorro?

S15: - (1) Eu passei a ter cachorro, exatamente por causa da minha filha, não é? (2) Antes eu não tinha porque achava que era um desconforto.

E: - Um desconforto? Você nunca teve antes?

S15: - (3) Antes eu não tinha porque achava que era um desconforto... Tentei ter, mas minha mãe sempre foi contra o cachorro... tá? Ela achava que era sujeira, etc., (4) mas eu sempre me afinei com cachorro.

E: - O que você chama por se afinar?

S15: - (5) Eu sempre me dei bem... com... cachorros, não com gatos. (6) Com exceção daqueles cães excessivamente agressivos, porque... não é bem... o estilo de cachorro que eu gosto, tá? (7) Então... eu passei a ter cachorro por causa de minha filha, Regina. Regina escutava um latido de cachorro... (8) e a minha esposa cedeu... e quis comprar o cachorro... (9) e... então nós compramos.

E: - Aí ela quis a Kelly?

S15: - (10) É... nós compramos uma cadela, exatamente, por causa de problema de cio... (11) A cadela não tem aquele instinto mais animalesco quando tem necessidade de contato sexual, não é? A cadela já não avança tanto, ela fica no canto dela... fica esperando no canto dela; (12) já o cachorro não... é mais "ignorantão"! (13) Ter a Kelly não era um caso de segurança. Era um caso mais de... satisfazer um ego, não é? (14) A part

tir daí... depois daquele sacrifício todo... você passa a criar um amor, porque desde quando é filhotinho você passa a amamentar, você o aquece no frio... você escova, penteia... (15) o seu ego fica muito mais valorizado porque você está com um tremendo cachorrão na rua e... (16) a afinidade fica maior e aí você percebe que o cachorro tem... o poder de compreender você em determinadas horas. (17) Quando você tem afinidade com um determinado cão, ele percebe que você não está bem... quando você está agressivo. (18) é, falando da Kelly... porque o Dorf ainda é um filhote e ainda está meio bruto...

E: - Você não gosta tanto dele?

S15: - (19) Não, não é que não gosto tanto...

E: - Qual dos dois você gosta mais?

S15: - (20) Bem, eu tenho uma afinidade anormal com a Kelly. (21) Se bem que, com o Dorf aconteceu a mesma coisa que com a Kelly. Com os dois cães, quem cuidou os primeiros dias e, principalmente, as primeiras noites, fui eu... tá?... Passei acordado... esquentar... esfriar... é papinha, tudo... e, então... criou afinidade. (22) Mas, eu não gostaria de falar muito do Dorf, porque ele ainda está naquela fase... ele está amarrado... não é que ele não queira ser agradável mas, como você sabe o Dorf é um animal bruto, ele chega a machucar a gente. Se você não souber sair da frente, ele te machuca... é uma patinha e tanto!!!... (23) No caso da Kelly, por exemplo, que ela já está na maturidade toda, ela é incapaz de fazer qualquer coisa que possa te ferir, te machucar, te deixar nervoso...

E: - E quando a Kelly era filhote?

S15: - (24) Também ela passou por essa fase. Era uma cachorra bruta, era má... Eu lembro... ela fazia até buraco na parede. A gente achava que era problema de raquitismo mas não era nada disso, era inquietude mesmo. (25) Depois que ela alcançou a maturidade... quando eu falo com ela, ela sabe quando vai tomar uma bronca ou não. (26) Conforme o tom que eu chamo, ela já vem de orelha baixa ou de orelha em pé. (27) Ela chega ao ponto de **se esconder** quando a barra está suja para o lado dela. (28) É interessante quando você chega - às vezes eu chego de madrugada em casa - ela, praticamente, fica me esperando. Sabe, sobre o que você falou que a gente quer descobrir um amigo e entra o interesse do ser humano pelo animal em questão que é o cachorro... (29) É afinidade que a gente cria, sabe?... Tem outros animais inteligentes mas, cachorro é um "troço" diferente. (30) Ele sabe que você tem necessidade de ser protegido, (31) ele, na hora do perigo ele se torna um inconseqüente, ele vai até as últimas vias de fato para a defesa. (32) Nós que somos animais racionais, quando chega a um limite a gente pára. (33) Independente disso, se você está necessitando de um calor... depois que ele se afina com você, ele é capaz de ficar do seu lado e dar aquele calorzinho. (34) O tato do cachorro com criança é um "troço" que ninguém explica. O Dorf, ele é um monstro, tá?... é um... vamos classificar assim para as pessoas terem noção de tamanho, porque para mim ele me pula nos peitos e quase me joga no chão e, minha filha de 3 anos chega lá e bota a mão no focinho dele. Está explicado porque o cachorro é um "troço" interessante... (35) Ele cativa você, não é você que cativa ele, não. Você cativa quando ele chega na tua casa, mas depois ele te cativa. (36) Ele fala: "Não, ele me deu, eu vou dar". É uma troca simultânea que... você fica até meio bobo.

(37) Quando é filhote é bonitinho e tal mas, ele ainda não se tocou. (38) A hora que ele toma noção de local, existência, propriedade, o que é dela, o que não é dela, o que é dele no caso, é um "troço" anormal. (39) Agora eu vou ser franco, em... eu tenho uma afinidade muito maior por cadela. (40) Acho a cadela muito mais meiga, até no olhar. (41) Você percebe a cadela quando ela está te olhando com afeto. Ela já nem te olha de frente, ela te olha meio de "ladinho". (42) A posição da orelha, ela te indica, parece uma anteninha, de como ela está. Se ela está assustada com alguma coisa, ela desce ou toda a orelha ou fica bem em pezinha para saber o que está acontecendo. Se ela quer chegar pra você e pedir carinho, ela desce meia orelha. Se ela está meia espalhafatosa, ela inclina um pouco a orelha, fica meio aberta. É uma peninha, ela dá o sinal direitinho. Não com o rabo, tem cachorro que enfia o rabo no meio das pernas, no caso dela não. Ela é com a orelha. No olhar você sabe como é que ela está.

E: - E como é que você acha que ela sabe como você está?

S15: - (43) Ah... deve ser pelo olhar também, expressão...

E: - Sua orelha não mexe, não é?

S15: - (44) Mas aqui franze, não é? os olhos, a testa. (45) Basicamente, a partir disso daí, depois que eu mudei para esta casa eu tenho uma segurança maior, não chega ser extremada mas, sabe? a Bete [esposa] é excessivamente preocupada com segurança. Acho que isso leva mais a uma neurose, não é?

Dados do sujeito (S16)

Sexo: masculino.
 Idade estimada: 48 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: médico cirurgião.
 Estado civil: casado.
 Núcleo familiar: o entrevistado, a esposa e dois filhos adolescentes.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

Quem encaminhou S15 para meu consultório foi a médica veterinária de plantão de uma loja de animais (Agrodora). S15 estava procurando um cachorrinho para uma criança com moléstia grave.

RELATO 16

S16: - (1) Então foi aquela experiência lá, do Hospital de Niños de Costa Rica. Eu estava aí com um time de futebol e então achei que seria legal levar o time para visitar um hospital de crianças por lá. É, eu falei: "Bom, vamos deixar uma bola, vamos deixar isso, vamos deixar aquilo", enfim, deixamos a bola e uns uniformes. Daí a dois dias eu voltei... e vi aquilo pendurado por alguém mais... preocupado com... que aquilo fosse um troféu, né? e inclusive nós deixamos um troféu que nós ganhamos lá num torneio paralelo, né? de modo que ficou trancado. Então eu falei: "Mas pô! que sentido tem isto se nós viemos com uma idéia de que não era pra isto? Eu quero que mais eles amassem isto aí... que eles peguem..." (2) Essa idéia de sujar as coisa, né? Então as pessoas dizem: "Olha eu não tenho cachorro porque o pêlo dele suja minha casa, o gato porque mija aqui, porque...

E: - ...dá alergia...

S16: - ... porque caga aqui, porque dá alergia nos filhos da p..." Aí que... mas que alergia? (3) Então há uma fresquite aguda que generalizou-se, e atrás disso um comércio incrível foi se criando... com testes disso... testes daquilo... testes não sei de quê. Que na verdade é... uma indústria, **lamentavelmente** uma indústria que tira até de quem não pode. Então... os menos aquinhoados... eles acabam tendo que ir, porque eles sabem que a madame tal foi, então deve ser muito bom. Então ela vai guardar as economias que tiver que guardar, vai vender o que tiver que vender, pra fazer isso e depois saber que não pode ter um animal em casa, porque aquilo vai criar problemas tais e tais. (4) Então aí... eu fiquei imaginando se a gente pudesse

deixar algo vivo... que simbolizasse a nossa passagem... (5) Simultaneamente, ocorria de eu estar presidindo um outro hospital, onde tem um Centro de Rim de muita, muita importância, onde cerca de sessenta a oitenta pacientes... passam ali duas ou três ou quatro vezes por semana, cinco horas seguidas fazendo aplicação de hemodiálise, aquele monte de máquina que roda sangue... roda não sei o quê e eles não trocam uma palavra. (6) E não se encontrou até agora e nem se buscou, e eu tenho perguntado pro pessoal da área de rim: "Vocês não têm buscado alguma coisa que pudesse, por exemplo, esse pessoal... pudesse ter... pelo menos um tipo de... de comunicação, de contato... que fosse uma coisa comum ao ambiente: um animal por exemplo..." (7) Mais sabe como é que, imaginou um coelhinho, um não sei o quê, e me argumentam: "Mais esses bichos, sabe? precisa ter cuidado com isso, cuidado com aquilo, se não...". Mas cuidado com o quê? Você já imaginou quantos bichos você traz na garganta, traz na mão, traz onde tiver? Qual é o drama de um bichinho? (8) Ele passa a ser sim, pra esse pessoal que durante cinco horas procuram não se olhar, passa a ser uma coisa extremamente importante, porque cada um por dentro tá terrivelmente angustiado, e o bicho permitiria que pudesse ter esse tipo de troca de coisas, que... um tivesse um amparo no outro, porque eles estariam ligados por um elemento comum que seria o animal. Ao menos eu estou imaginando que fosse. (9) Você não consegue fazer com que o pessoal me entenda, nem o funcionário, nem o médico, e nem os doentes também. Eles não vêem motivação para mostrar alegria. (10) O doente se coloca ali como vítima, esperando terminar o horário, mas existe entre eles uma solidariedade muda, surda. Eles não se comunicam, embora se perceba neles uma solidariedade muito grande. (11) E os parentes, na medida em que esse paciente vai se definhando... O paciente re-

nal depois de um tempo ele vai se acabando, porque a hemodiálise, ela espolia o paciente, porque além de tirar uréia, tira um monte de outra coisa do organismo. ⁽¹²⁾ Eu vejo isto de perto, porque minha sogra faz hemodiálise agora há uns 8 anos, porque ela tem uma doença de rim congênita, então chegou-se a um ponto em que ela comentava comigo: "Puxa e aquele tal paciente e tal..." mas nunca queria nem ouvir a resposta. Porque o paciente deixou de ir à hemodiálise, às vezes até porque ele tinha mudado de cidade. Mas a idéia que se fazia, o quê? Aquele paciente tinha morrido. Então todo mundo tinha a sensação disto, sem comentar e sem perguntar, tá? ⁽¹³⁾ Então, aí surge a história de um gato, que ela tem assim uma afeição profunda pelo gato. Um desses gatos aí, comum, rajadinho, cinza, não sei o quê. Que seria um vira-lata no bom conceito de cachorro. ⁽¹⁴⁾ Mas ela passou assim o tempo todo a estar alisando o gato, e o gato às vezes ficava ali como se esperando ela chegar, e aquilo deu a ela um novo sentido, curioso assim, sabe? o humor dela, que tava assim arrasado... ⁽¹⁵⁾ e hoje ela está vivendo em função do apego a isto. ⁽¹⁶⁾ Ela nunca olhou pros peixinhos. Começou a olhar. O tal gatinho... ela tá preocupada muito mais com a comida do gatinho do que com o neto dela, por exemplo. Então isso daí é que eu acho que... não é por acaso... não ocorre, à toa, quer dizer, algum significado muito mais sério, mais profundo deve acontecer neste tipo de vínculo. Na minha casa mesmo eu vi aquilo que já disse: que no começo existe uma solidariedade inicial de parentes... que com o tempo aquilo vai... relaxando, esfriando... porque, enfim, cada um acha, ou pelo menos acha uma justificativa: "Eu tenho que ver isso, tenho que ver aquilo, tenho que... não sei o quê, etc". Minha mulher, por exemplo, passou a se dedicar a um negócio, a ponto de deixar a casa totalmente. Aquilo não podia dar nenhum

resultado financeiro, mas passou a ser um negócio que envolveu totalmente.

E: - Envolveu tua mulher?

S16: - Minha mulher. Então aquilo pra ela era uma razão pra ela estar lá.

E: - Em vez de cuidar da mãe?

S16: - Em vez de cuidar da mãe.

E: - Nessas alturas a mãe tem o gato?

S16: - Nessas alturas o gato vem... em função... daquilo que não tem da filha, que não tem do outro filho... Então o gato passou a ter um significado desta natureza. Por quê? Porque é um elemento vivo, que toca, que gosta de ser coçado, que gosta de carinho, que vem encostar, que vem... Então aquilo... é muito mais forte que qualquer tipo de medicamentos, de psiquiatria, psicoterapia, não sei do quê, enfim... Isso foi uma observação que vi pessoalmente e acompanhei assim durante esses 8 anos agora; que depois de quatro, cinco anos de hemodiálise o negócio é extremamente espoliativo, aí começou-se a falar na implantação de um cateter intra-abdominal para fazer uma diálise peritonial. É um negócio assim **extremamente chato**, porque tem que fazer de manhã, na hora do almoço e à noite, três vezes por dia, que ele é muito menos eficiente do que a hemodiálise. Mas o paciente não tem que estar no hospital, ele não tem que estar naquele ambiente, entende? Então ali, ela mesma, com a ajuda de alguém lá do hospital, consegue fazer uma lavagem da cavidade abdominal. Este processo não é tão espoliante, mas sendo menos eficiente ele é mais trabalhoso, porque você tem

de fazer três vezes ao dia, tá? Isto é custo altííí-
simo, porque além do custo material que pode existir,
que alguns podem suportar - outros nem suportam -
existe o problema assim... do comportamento da pes-
soa... que é o mais importante. Que se ele não sentir
que ele tem uma razão, que seja por um gatinho, que
seja por uma borboleta ou seja por algo que seja vida,
ela passa a não ter razão nenhuma para esperar o ama-
nhã. E então ela começou com o gatinho... Hoje está no
peixe, nas flores, nas plantas e faz muito bem tricot
e tarará, tarará. Então ela passou assim a quase ter
uma vida independente, tá? sem aquele aspecto assim de
depressão. Então acho isso muito sério. Ai nós fomos
prosseguindo com a idéia de se ter um animal e aí sur-
ge um pessoal com a "Sorrir", que trata de meninos -
não tem limite de idade - e que têm uma deficiência.
Que em casa é um peso, que o pessoal não quer suportar,
mas dizem que adoram o seu filho, ele perdeu as
pernas, perdeu os braços, ele teve uma lesão, traumas,
etc., que todo sacrifício é pouco, mas já vi caso de
gente com três carros na garagem não ser capaz de le-
var uma criança destas até a "Sorrir". Mas senti que
mesmo tendo condução, que elemento comum faria com que
eles pudessem chegar ali na entidade e falar: "Pô, va-
mos ver o nosso ratinho, o nosso gatinho, o nosso coe-
lhinho, olha, eu trouxe uma folha, essa cenoura". É
muito comum, em... pelo menos uma parcela de... meni-
nos que têm qualquer alteração neuro-motora e sensiti-
va, neuro-psíquica em que haja alteração do ponto de
vista afetivo... (17) é evidente. Primeiro, que além
da moléstia que pode levar a isto, eles sofrem dentro
da casa deles... um processo de marginalização total.
Então, a amizade que é mostrada quando vem uma visita,
tá? é mostrada entre aspas: que a mãe adora o menino,
que papapá, que papapá. E fica por aí, tá? (18) Então
este menino, na verdade, tá lá no quarto dele fechado,

escondido, e aí são os nossos chamados estigmas sociais que andam por aí. Se tem epilético, esconde: "Oh! porque epilepsia é um negócio, que tal..." Então precisa acabar com isto, entende? (19) Então o animal é um elemento que em casas... que eu vou, casas em que a gente percebe que eles têm e gostam de animal, não têm um só. Ele passa a ter dois, três, quatro cinco... Curioso isto... (20) E passei a ver que nessas famílias ocorria assim um tipo de... entrelaçamento muito maior, gozado. Por que, né? Então essa coisa começou a chamar atenção, atenção. (21) Aí um dia levei pra minha casa um cachorrinho... um vira-lata... é um Fox misturado com alguma coisa. E o afeto com esse cachorrinho... era... passou assim a unir todo mundo com todo mundo... porque até com os vizinhos era um cachorro muito, muito vivo, muito simpático.. (22) Então isso vai te levando a pensar que talvez fosse por aí o caminho... e... quando passei pela loja... de bichos eu pensei exatamente nisso, porque alguns dias atrás... nós tínhamos operado uma menina... de um câncer... e foi feita a esplenectomia, mais não sei o quê, uma série de coisas... Ela tá fazendo agora a segunda etapa, que é a quimioterapia, radioterapia... E o pessoal, no começo de toda moléstia, até você chegar a um diagnóstico... é uma coisa, na hora que você diz, por mais cuidado que você tenha, aquilo desaba. "Então minha filha está morta?" - "Olhe, sua filha não está morta, não sei se vai ser... se vai morrer... e nem sei quanto tempo que ela vai ter". (23) O que importa é que ela tenha o melhor possível em termos de amor. Quer dizer, não é dar presentes, não é trazer coisas da Estrela, último lançamento... a boneca que fala, que chora, não é nada disso que ela quer. Porque a gente percebe o que: no começo todo mundo vai, leva isso, leva aquilo e depois vira as costas e fim. Daí a pouco ninguém nem vai visitar. Bem, mas eu tinha um cachor-

rinho em casa, um... como chamam o nome do artista lá?

E: - Poodle Toy?

S16: - (24) Poodle Toy. Desses que não crescem muito, que é uma graça de cachorro, inteligente, vivo, gosta de carinho, gosta de fazer carinho, ele gosta de brincar, ele movimenta tudo, né? Tudo bem! (25) Um dia eu fui com ele lá no hospital... Essa menina viu o cachorro e o cachorro começou a lambar a menina e tal e aquilo ali, olha, foi um negócio assim, um quadro incrível, que eu nunca vi um parente chegar e despertar na menina alguma coisa... como o cachorro! Puxa aí... aí eu entrei em parafuso, lá? Comecei a pensar seriamente na coisa, falei: "Gente! será que aí tá a resposta?" Aí no outro dia eu passo lá, né? pra tirar o cachorro. Precisei dizer que o cachorro tinha que tomar vacina, tarará, tarará. Que depois ela ia ver o cachorrinho e tal, e aí ela falou: "Tio, não dá pra arrumar um cachorrinho pra mim?" Aí eu falei: "O tio vai ver se dá, tá?" Prometer para uma criança que você vai ver é um crime!!! mas dizer pra ela que você vai tentar arrumar alguma coisa, se possível, tudo bem. - "É, mais olha, precisa ser um pouco parecido com aquele..." (26) Aí ficou para mim que é um negócio evidente, é tão evidente, que mesmo para quem nunca tenha visto é perceptível demais. Esse processo afetivo que você reconhece no semblante da pessoa, da criança, aquilo, o bicho **muuda** completamente o doente. Então eu já tinha esse problema desse compromisso com essa criança, quando pensei em pegar um cachorrinho daquele ou um outro, treinado ou que a gente pudesse treinar, quando me surge um outro problema que é de um Centro de Convivência para quem tenha sofrido uma cirurgia de câncer. (27) Este Centro se destina a pacientes que foram operados de câncer e que não tiveram definitivamente cur-

rado o processo, e que vão ter uma sobrevida de um ano, dois anos, três anos, não se sabe... Existe uma casa, a despesa era cotizada e passavam ali todos os dias... e ali eles podiam... um olhando pro outro, se abraçar, se beijar e tal, uma festinha disso e daquilo, hoje é aniversário de fulano, faz um bolinho, entende? Porque na casa deles isso não existe. Se falou que meu tio, minha avó, minha mãe, minha filha, meu pai, tal, tá com câncer, parece que o negócio é colocado assim de quarentena. Então ali eles passaram a ter um convívio. Ai tô buscando agora uma outra saída pra este convívio. (29) Estou agora pensando também em ter uma criação, que seja do que for, mas que tenha vida! é planta, é animal e... Eles então passam a ter um sentido diferente. Então não é fazer peças de madeira, peça não sei do quê - pode até acontecer de ter alguém que goste de costurar, bordar, tricotar, tudo bem. (29) Mas eu acho que o elemento mais sério... pra... consolidar esse tipo de convívio, seja isto. Então... vamos plantar, vamos cultivar orquídeas, vamos cultivar flores e isso ou aquilo, porque eles vão todos os dias e... a primeira coisa certamente... que eles vão ver é aquilo que tá vivendo. (30) Que é exatamente aquilo que tá identificado com o processo que ele tá perdendo... que é o grande tesouro dele... que é a própria vida! (31) Uma flor, a hora que ela começa a desabrochar, puxa! aquilo pra ele tem um significado que é exatamente tudo quanto ele não pode! mas do outro lado há um além, pra ele saber que existe vida e com isso ele passa aceitar que ele pode... talvez... transferir para aquilo, seja uma flor, seja um animal, seja algo que tenha vida... (32) O animal é muito mais dinâmico no processo, porque ele bem adestrado, ele é capaz de saber até do que o tal velhinho gosta, ou do que aquela senhora gosta. Então ele vai começar a brincar... então você joga uma bola com ele, ele vai

buscar, joga isso, joga aquilo. Depois tem o: "Vem cá, vai dar suas voltinhas, vamos" Não porque precisa dar voltinhas, entende? Porque isso estreita o processo. (33) Então, tem um paciente que teve uma lesão de coluna cervical, ele não se movimenta, a não ser a cabeça e fala muito mal. Então no começo os filhos: "Olha, pode deixar, a cada quinze dias eu me dedico tanto tempo", e o outro: "Não, pode deixar, eu..." até brigam no começo para olhar o pai, porque o pai é uma grande figura e tal. Passa um mês ou dois, ninguém mais vai ver o pai.

E: - Ele passa da primeira página pro meio?

S16: - (34) Então tem um paciente que faleceu, e ele tinha um cachorrinho, o... Esse cachorrinho só faltava só trocar a roupa dele!!! E ficava do lado dele assim, vinte e quatro horas por dia... lambendo esse infeliz que tinha tido uma lesão irreversível... que iria pra morte.

E: - Paraplégico?

S16: - Paraplégico, não, **tetraplégico**. Não tinha movimento nenhum pra baixo do pescoço, braço, membros, nada!

E: - Falava?

S16: - (35) É falava e tinha assim... falava com alguma dificuldade, mas falava... e conseguia movimentar um pouquinho os olhos e fazer algum sinal com o olho, que o cachorro aprendeu a ler. Bom, de repente o cachorro ia lá e puxava alguém da família pra ir, porque sabia que ele precisava de alguma coisa, que ele não poderia fazer.

E: - Mas você sabe que hoje em dia dá pra se ensinar isso pro cachorro?

S16: - (36) Bem é, minha experiência nisso é zero. Eu... observava aquilo... e fiquei imaginando coisas, eu acho que por aí a gente poderia imaginar alguma coisa. Porque você toma consciência de um assunto e desperta praquilo, depois você fala: "Bom agora eu tenho que tomar uma atitude, qual é a atitude mais conveniente?" (37) Seria, bom, eu arrumo um cachorro para a menina com câncer, outro lá para o Centro de Convívio e até logo, que significado ou sentido teria isso? Nenhum, tá? Vamos supor, lá no Centro de Diálise, que a gente adote ali uma cachorra que vai ter, que vai procriar ou tal, e depois eu não vou estar ali, pelo menos pra ajudar em alguma coisa, porque você não vai fazer por eles, eles vão despertar pra isto. (38) Um problema é o seguimento depois que eu tenha visto um resultado. Esse "feedback" é muito importante. Porque com quem já conversei, ninguém nunca me disse nada mais do que: "Olha, dá vacina, dá isso e tal, segue isso, segue aquilo e ponto final".

E: - Olha, o embasamento teórico para este tipo de coisa existe: A gente tem todo o "know how". [segue-se toda uma preleção sobre conceito e prática de terapia mediada por animais, foram mostrados livros, impressos, etc., parte essa não gravada].

S16: - (39) Eu não imaginava, assim, que alguém tivesse é... é claro que hoje depois que a vida vai te ensinando, né? Nós vamos aprender que ninguém inventou nada, sabe? nos últimos tempos. A hora que nós achamos alguma coisa, alguém já fez, já pensou antes. O nosso problema, hoje, é saber aonde buscá-lo primeiro e se é confiável ou não, depois experimentar aos poucos, por

que eu não tenho o direito hoje, de simplesmente, porque um dia observei ou imaginei na minha vida de prática médica tais e tais coisas, então eu vou fazer isto, sem que eu tenha uma preocupação mínima com o "feedback" ou "follow-up" ou com coisas desse tipo, entende? Então não vai servir de nada, basicamente, a não ser que eu me proponha a considerar isso como coisa séria, senão não tem sentido.

Dados do sujeito (S17)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 58 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: médica veterinária aposentada.
 Estado civil: solteira.
 Núcleo familiar: a entrevistada, o pai, uma irmã mais velha (Verônica) e sua irmã caçula casada (Bia).
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: sim não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? sim não
 Forma da entrevista: face a face por telefone
 Local da entrevista:

Antecedentes da entrevista

S17 é minha colega e amiga desde o tempo de faculdade. Vou amiúde à casa dela e vejo o pai (aposentado) tratar dos seus animais. Especialmente com a prolongada doença e falecimento da esposa, ele passou a conviver cada vez mais com seus pássaros, alojados num quartinho dos fundos, e com os aquários de peixes, instalados na sala. Acompanhei vida e morte de uma sucessão de "Neons, Acarás Bandeira e Guaramis". Os peixes que mais duraram foram os Lebistes de Cauda de Véu; quando estes morreram, apareceram os Molinésias Pretos, coincidindo com um caso de luto na família de S17.

RELATO 17

S17: - A Verônica contou que a mãe da Madalena, a dona Ana, faleceu e ela foi cremada. Então a filha, a Madalena teve que vir da Suíça e não tinham mexido no apartamento e coube à filha então decidir sobre o destino de tudo que tinha lá ⁽¹⁾ E nesta procura, nestes acertos todos, ela encontra uma caixa com ossos de cão e pêlos de cão. Não sei de que cão se tratava ou não... ⁽²⁾ E como a mãe tinha sido cremada, a filha pegou esta caixinha, ela pegou e trouxe para o cemitério para ficar junto na... no túmulo da família, onde tinha sido enterrado o pai dela, etc. ⁽³⁾ Eu achei, assim, uma coisa de muito respeito, né? pelo fato também da mãe ter conservado os ossos e os pelos de um bicho que ela deve ter amado muito. Pelo visto ossos e pêlos são assim indestrutíveis, né? Me parece que isto também tem um fundo religioso. Me lembra que tem alguns povos que guardam, mantêm... corta-se um pedaço de cabelo da pessoa e guarda-se como lembrança.

E: - Que raça eram? Italianos?

S17: - Italianos, europeus. É uma coisa deles.

E: - Uma coisa que faz tempo que estou querendo saber é a relação do teu pai com os bichos. Quer dizer, por que os bichos na tua casa?

S17: - ⁽⁴⁾ Isso já vem desde criança. A minha mãe, ela sempre teve bicho, e nós tivemos também cachorro desde pequenas, né? ⁽⁵⁾ Embora a gente tivesse muita restrição de espaço, nós sempre tivemos bichos em casa.

E: - Sim, mas agora vocês têm bichos que a essas alturas eu chamo bicho que você quase não toca. Eu chamo de

bicho de observação, bicho que você não toca.

S17: - Não, mas...

E: - Eu quero saber por que esses bichos.

S17: - (6) Esses agora, eles, aquilo, digamos foi continuando, né? Nós sempre tivemos cachorro, gato e depois que eu entrei na "Água Branca" nós começamos a ter peixe. Tivemos aquário por um longo período de tempo.

S17: - (7) Do tempo que eu comecei a trabalhar na Faculdade, veio o papagaio. Ele vivia inicialmente na torneira da cozinha. Isso era o poleiro dele, e daí então ele tinha uma convivência mais próxima. (8) Mas aí, ele começou a se tornar mais agressivo, no sentido de bicar as pessoas. E aí ele passou a viver em gaiola. É por isso que agora ele está em gaiola fechada.

E: - E ele não sai nunca mais?

S17: - (9) Não, aí ele ficou. Aí ele atraiu, não sei por que cargas d'água, quando nos mudamos pra essa casa, então apareceu um outro papagaio. Que é o Sheik. Então os dois viviam assim em gaiolas adjuntas e atualmente eles vivem em gaiolas separadas, mas fechadas que eles são agressivos. (10) Bom, daí então, sempre por uma necessidade, não sei qual, de ter coisa viva em casa, a Bia, à medida que ela foi fazendo Biologia, então ela sempre foi muito ligada em bicho, também foi trazendo bichos. Então a família toda sempre se interessou por bichos, né? quer dizer nós eramos ligados e transferíamos para os outros... (11) Agora, pelo fato de, digamos ter morrido a Gueixa, o Bocage e o Jumbo [gatos e cachorros], que eles vivem um período muito longo e então você se afeiçoa e eles ficaram, eles vi-

vem, eles são como um outro indivíduo da família, eu sei que nesta casa a gente não está mais querendo este tipo de bicho, acho que é porque a gente sofreu muito com a morte deles. ⁽¹²⁾ Então, eu nunca deixei os bichos sozinhos. Eles realmente de uma certa forma cercavam a tua liberdade, né?

E: - é por isso que agora então você tem estes bichos que não dá para manusear?

S17: - ⁽¹³⁾ Só tem aquários e tem os passarinhos, né? e esses passarinhos realmente, o meu pai fala que ele tem os passarinhos para continuar a viver. ⁽¹⁴⁾ Criou-se assim, nele, uma obrigação de tratar dos bichos, então ele se dedica, perde o dia, a manhã inteira, parte da tarde, cuidando dos bichos. Isso pra ele é uma motivação, sabe? uma necessidade que ele tem de cuidar de alguma coisa, né? Naturalmente ele deve ter a sua recompensa. ⁽¹⁵⁾ Então digamos, não é desejável que você tenha uma criação de periquitos, né? Então os periquitos ficam aumentando aqui, por falta de espaço acabam indo pra casa da Bia que pôe os bichos no viveiro. Lá também ela não tem espaço, mas por enquanto todos eles estão bem. Não sei se te contei, um negócio gozado, te falei da pomba?

E: - Não.

S17: - ⁽¹⁶⁾ Então, na Bia tem uma areazinha pequena e nesta área está o viveiro com os periquitos, os Tuins e os Manons, uma coisa assim. E aí tem um espaço lá em que pareceu um pombo, né? E esse pombo, branco, com umas manchinhas pretas, esse era o macho, ele veio, ficou lá, se assentou lá. Daí um pouco, né? apareceu, talvez ela tivesse vindo pelo que sobra na gaiola, aí veio uma pomba, e esta pomba está lá e tem dois ovinhos,

né? ⁽¹⁷⁾ Então é muito interessante que eles não estranham absolutamente pessoas que chegam por ali. No sábado passado nós fomos lá comemorar o aniversário do Gerson e tava lá os bichinhos em casa. Então você entrava, vinham os outros parentes, tudo e a bichinha lá. Teve um espaço aberto, livre pra ela sair e a bichinha está lá, entendeu? ⁽¹⁸⁾ Quer dizer, aí eu acho que é uma questão assim de afinidade, né? Não sei como é que a gente pode qualificar. ⁽¹⁹⁾ Pra Bia se ela for, digamos, se ela chegar numa exposição e ela puder levar o cavalo, ela leva, tá entendendo? Não mede se tem condição de ter ou não ter, tá entendendo? Acho que é uma coisa assim, eu acho que é uma questão de educação, né? Aqui a gente já teve tudo quanto foi espécie de bicho, né?

E: - E os peixes?

S17: - Ah! Os peixes, foi do tempo que eu tava na "Água Branca".

E: - Por que você gosta? ou por que vocês gostam?

S17: - ⁽²⁰⁾ é que, é uma coisa que, acho que tem mais assim um sentido de vida, né? apesar de que às vezes é uma coisa que restringe um pouco e que você não tem todas as condições necessárias e suficientes pra cuidar direito. Mas sempre tem, né? ⁽²¹⁾ Então teve uma época aqui, nós passamos da outra casa para cá, a Bia tinha pelo menos uns cinco, como é que se chama aquele bicho comprido? Não é siri, é aquele... sabe qual é? Não sei se você chegou a ver aqui em casa?

E: - Bicho comprido? Girino?

S17: - Não, é um camarão branco.

E: - Fitu?

S17: - Fitu, isso. Você chegou a ver, não chegou a ver?

E: - Não sei, não. Mas, espera aí, eu quero saber o seguinte: os peixes, eles morreram, né? agora nessa última epidemia?

S17: - Hum, o que é que tem?

E: - Morreram?

S17: - Ah! sim.

E: - Certo. Ai você compra peixe novo debaixo de que critério? Como é que você escolhe?

S17: - A...

E: - Que fator, que fator influencia?

S17: - <22> Hum, digamos, o tamanho do bicho que pode ser colocado aqui, a quantidade que pode ser colocada, não sei, no sentido de você não ter assim um desequilíbrio de população.

E: - Sei.

S17: - Isso já é mais de caráter técnico, antes a gente tinha os Lebistes.

E: - Mas por que de repente esses Molinésias pretos?

S17: - Por que esses Molinésias pretos?

E: - É.

S17: - (23) Porque eles podiam, digamos, conviver pacificamente com os Paulistinhas, entende?

E: - Sei.

S17: - Os dois Espadas eram porque cabiam no aquário. Eles morreram.

E: - Eu sei. Mas por que você os escolheu?

S17: - (24) Aquilo já vem desde o início, do tempo da "Água Branca". Eu comecei com Lebistes, porque eles têm um tempo de gestação curta, então você pode fazer uma seleção tremenda, né? Então a primeira vez que tive Lebistes, eu tinha aí mil e quinhentas idéias, garrafas, potes, etc., etc., pra ver o que que dava, que tipo de seleção você podia fazer, você está entendendo?

E: - E teu pai? Não trata dos peixes?

S17: - (25) Trata. É dele, é, é, dele. Digamos, toda a parte de bicho é dele, entendeu?

E: - Hum, hum. Com finalidades educativas?

S17: - (26) Não. De distração. De... de distração das outras atividades que ele tem, né? a de ler e de cuidar dos bichos. Entendeu? É isso aí.

E: - E funciona?

S17: - (27) Ah! funciona! Funciona, às vezes ele reclama, mas funciona, né? funciona. (28) Os passarinhos... realmente não vejo que haja uma necessidade deste, di-

gamos, desse cuidado diário, né? Se você conseguir sistematizar, você pode tratar em vez de todo dia, três vezes por semana, e dispor o outro seu tempo para outras coisas, né? (??) Na cabeça dele é absolutamente necessário tratar dos bichos todo dia. Você quer ver, quando a gente quer sair eu falo: "Pai, não precisa mexer, os bichos já têm comida suficiente, deixa", e ele responde: "Não, mas eu preciso pelo menos trocar a água", entende? Acho que é uma espécie de compromisso, né? e que no fundo mantém ele ligado em alguma coisa viva que depende dele. Uma... é uma coisa assim que ficou, ficou transferida pra ele, e ele aceitou.

Dados do sujeito (S18)

Sexo: masculino.
Idade: 38 anos.
Grau de instrução: superior.
Profissão: advogado.
Estado civil: casado.
Núcleo familiar: o entrevistado, a esposa, um filho de 6 anos (Rodrigo) e uma filha de 4 anos (Melina).
Tipo de residência: casa.
Presença de animais: () sim (x) não
Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim (x) não
Forma da entrevista: () face a face (x) por telefone
Local da entrevista:

Antecedentes da entrevista

S18, como que para me provocar, um dia disse que não tinha animal de estimação e que dele não sentia falta; fiquei curiosa. O resultado de minha curiosidade é um vislumbre de ritos atávicos, tendo como centro o porco, e do relacionamento do ser humano com animais em ambiente rural.

RELATO 18

- E: - Bom, por que vocês não têm bicho em casa?
- S18: - (1) Bom... Nós não temos bicho em casa porque... há alguns anos, pelo menos uns seis anos pra cá, a gente havia optado por... passar os fins-de-semana fora de casa.
- E: - Explica o que quer dizer este "passar o fim-de-semana fora"
- S18: - (2) É. A gente ia passar o fim-de-semana fora, já na sexta feira mesmo, logo depois de sairmos do serviço, a gente pegava o carro, punha todas as tralhas dentro do carro, e só voltava no domingo à noite. Então pra gente ter bicho em casa...
- E: - Não é possível.
- S18: - (3) Não é que a gente não goste de bicho, mas... acho que... judiava do... animal se a gente fizesse isso. (4) Ou então... dar encargos pra vizinhos ou parentes pra tomar conta do... bicho enquanto ele ficava em casa. (5) Agora as minhas crianças gostam muito de bicho. A minha sogra tem... o meu cunhado tem... um casal de Dogues... Alemão e o meu garoto não sai de lá, o Rodrigo, tem uns cinco anos. (6) Ele pinta e borda com esses cachorros.
- E: - Deixa eu perguntar uma coisa: você falou que a sua mãe também não tinha cachorro?
- S18: - (7) A minha mãe teve cachorro, mas muito recentemente. (8) Porque também... na minha casa... a casa era pequena e não tinha condições... pra... manter ani-

mais. ⁽⁹⁾ Então nós nunca tivemos nenhum tipo de animal. ⁽¹⁰⁾ Agora ultimamente, já depois dos filhos dela todos casados... ela chegou ter um cachorro... ⁽¹¹⁾ mas depois esse cachorro morreu e ela não adquiriu outro.

E: - Sei. Ai agora, ela não quer mais?

S18: - Esse tipo de animal, né? Porque na verdade...

E: - E por que ela diz que não quer?

S18: - ⁽¹²⁾ Eu acho... Ela também tem esse problema... Ela precisa sair nos fins-de-semana. Eles compraram uma chácara, e todo fim-de-semana precisam sair... e... não fica ninguém em casa pra cuidar do animal...

E: - Sei.

S18: - ⁽¹³⁾ Agora... quando vim de Portugal eu praticamente fui criado no meio de bicho: vaca, cavalo, galinha, porco... porque lá a gente tinha uma vida inteiramente rural, né? ⁽¹⁴⁾ E todos os bichos... todos esses animais... pra fins de alimentação: leite, carne de porco, de frango, ovos e tudo... era tudo tirado de lá, da casa do meu avô, ⁽¹⁵⁾ mas nós, na casa do meu pai, da minha mãe... nós éramos em quatro filhos... nós não tínhamos nenhum tipo de animal...

E: - Mas vocês moravam na cidade ou no campo também?

S18: - Não. A gente morava perto do campo.

E: - Sei. E vocês não tinham bichos?

S18: - Não, animal doméstico nenhum.

- E: - E animal de criação, vocês tinham ou era tudo do teu avô?
- S18: - (14) Animal de criação... era tudo do meu avô.
- E: - Sei.
- S18: - (17) Agora, quando viemos pro Brasil, viemos morar na cidade, né? E... na cidade a gente não... tinha condições.
- E: - Tenta lembrar um pouco. Você tinha alguma relação com esses bichos aí do teu avô? Você gostava de que jeito?
- S18: - (18) Meu avô tinha uma mula velha... e... o que eu fazia era... uma vez por dia, montava na mula, e ia dar água pra ela na fonte. Ia até a fonte, ela já sabia o caminho... e depois voltava. Aí ela ficava na cocheira, ou então quando os meus tios iam usar para ir atrás do gado com ela... tudo... mas a única coisa que eu fazia era isso.
- E: - E o resto, vaca era vaca?
- S18: - (19) Vaca era vaca. Uma vez inclusive, eu era muito pequeno, eu devia ter uns quatro anos, e eu vi uma vaca dando cria, né? parindo. E eu fui correndo chamar meu avô, meus tios, pra ir socorrer a vaca [risos] que tava dando cria. (20) Mas... fora isso... animal doméstico, que fica dentro de casa, nós nunca tivemos, não.
- E: - Deixa eu perguntar uma coisa: e a parte de... digamos, você via aquelas vacas todas... e quando era pra

matar, quem é que levava? Como é que era isso lá em Portugal?

S18: - ⁽²¹⁾ As vacas que o meu avô tinha eram todas pra... fins de... obter leite, né? ⁽²²⁾ De vez em quando eles faziam algumas festas... eles matavam o boi... e faziam aquela festa... tudo, aquele churrasco... convidavam os amigos... vinham... tudo na casa do meu avô, porque ele era muito popular, né? Na verdade faziam festa. ⁽²³⁾ Agora... os porcos... quando iam matar os porcos, a gente assistia tudo. E assistia com naturalidade. ⁽²⁴⁾ Inclusive meu pai... tinha habilidade pra matar porco... com a faca comprida, e... eles... introduziam... essa faca no local próprio... e o animal não sofria muito, não. Em poucos minutos ele já estava morto. ⁽²⁵⁾ E também era por ocasião de festa, porque eles pegam porcos... bem gordos, e esse porco ficava na sala da casa do meu avô, pendurado, né? Pra escorrer o sangue direitinho...

E: - Na sala? Com uma bacia embaixo?

S18: - Tinha alguma coisa embaixo.

E: - Um tacho?

S18: - ⁽²⁶⁾ E ali se reuniam todos os filhos do meu avô, os meus tios, os meus primos, toda aquela moçada. Então era realmente a festa por volta do fim de ano, né? perto do natal.

E: - Sei. Espera... Temos porco, vaca, galinha pra ovo ou pra comer?

S18: - ⁽²⁷⁾ Pra... ambos.

E: - Ambos. E aí também... nenhum galinha especial, nenhum galo especial?

S18: - (28) Não, nada.

E: - Era tudo coisa utilitária?

S18: Agora, eu me lembrei de um fato muito... muito pitoresco... que numa época que meu pai ficou no meio do mato, cortando lenha... o... proprietário havia cedido uma área pra ele fazer corte de lenha - porque o meu pai era tamanqueiro, ele fazia tamanco. E, nós fomos ficar morando uns três meses no meio do mato... numa casa... uma fazenda mas praticamente abandonada, né? (29) E lá minha mãe tinha galinha, também pra fins de alimentação, ovos e tudo mais, né? (30) Agora, esse gato, parece que era da casa... tá? E um dia, eu... muito pequeno ainda - devia ter uns quatro ou cinco anos - e a minha mãe se lembra muito bem disso também... eu persegui o gato...

E: - Gato?

S18: - (31) É o gato, o bichano... pelo meio do mato. E na perseguição, acabei encontrando o esconderijo do ninho dos ovos da galinha. [risos] E aí fui contar pra minha mãe... e minha mãe foi lá pra recolher os ovos.

E: - Sei.

S18: - Quer dizer... mas esse gato não era nosso. Era um gato da casa mesmo.

E: - Da casa de quem?

S18: - Da casa do proprietário que cedeu... a área pro meu

pai fazer corte de árvores pra fins... de fazer tamanco.

E: - Espera aí. Então vocês estavam na casa e lá tinha o gato?

S18: - Tinha um gato.

E: - E como é que vocês sabiam que a galinha estava escondendo os ovos?

S18: - Porque ela aparecia de vez em quando, mas não...

E: - Nunca...

S18: - ⁽³²⁾ Não sabia onde ela estava pondo os ovos, né? E um dia eu... perseguindo o gato, o porquê, não sei... acho que eu não gostava muito do gato... e aí eu corri atrás do gato pra bater no gato - eu era garoto, né? Acho que eu não entendia as coisas direito.

E: - Não, não. Você não precisa se desculpar, não.

S18: - E perseguindo o gato, acabei encontrando o escondido da... galinha, onde ela colocava os ovos. Esse é o... foi a única oportunidade em que tinha um gato que andava lá por dentro de casa. Daí foi muito temporário, acho que foi uns três meses...

E: - Você acha que português é mais ou menos apegado a bicho que brasileiro?

S18: - ⁽³³⁾ Aí a gente precisa separar. Existe o português do campo... que eu conheço... que eu sou português do mato. E existe o português da cidade... Eu acho que o português da cidade é igual ao brasileiro da cidade...

E: - E o português do campo?

S18: - (34) O português do campo deve ser também, deve ter... os mesmos costumes... o mesmo comportamento. Quer dizer, a pessoa que nasce no campo... ela vê o bicho como... uma coisa da natureza... e que é pra servir o... ser humano, né? no que diz respeito a transporte, alimentação, né? (35) Então são coisas naturais, como se extrai os gêneros alimentícios: as batatas, o arroz, o feijão e tudo o mais...

E: - Quer dizer que daí bicho aqui na cidade não te faz falta?

S18: - (36) Olha eu confesso que... por mim, por mim, não faz falta.

E: - Isso que eu quis saber.

S18: - (37) Agora eu vejo muito também nas minhas crianças... Elas gostam muito de animal.

E: - Sim, mas vê, as suas crianças não têm a...

S18: - (38) Eles não se preocupam.

E: - Não, mas eles não têm o passado que você tem... de roça, não é?

S18: - Não, não têm.

E: - E eles pedem?

S18: - (39) Pedem. "Compra um cachorro pra mim?". "A Angra vai dar cria... pega uns... A vovó falou que vai jogar

todos os filhotes fora... pega um pra nós"... (40) -
 "Olha, filho... não dá tempo pra gente cuidar de ani-
 mais." [o gravador é desligado].

E: - E ficou nisso?

S18: - Na verdade, não. Teve outros episódios de pedidos,
 mais difíceis.

E: - Daria para você contar?

S18: - (41) Na verdade, o "camping" onde nós passamos os
 últimos dois anos... era uma fazenda... e parte dessa
 fazenda o proprietário destinou a fazer "camping", on-
 de se coloca "motor-home", ou "trailer", né? Até barr-
 raca de "camping" havia. E toda infra-estrutura de um
 clube de campo, né? Mas na parte que permanece ainda
 fazenda tem gado, tem vacas pra leite, e tem... **pelo**
menos uns trinta cavalos e que parte desses cavalos
 pertencem aos próprios campistas. Então o campista vai
 pra passar o fim-de-semana, sexta, sábado e domingo e
 ainda anda a cavalo pelo meio do "camping", da fazen-
 da... (42) E quando meu filho descobriu que alguns de
 seus colegas, o pai havia comprado um cavalo pra
 ele... e que ele podia usar esse cavalo no fim-de-se-
 mana... ele veio pedir pra mim pra comprar um cavalo:
 "ô pai, compra um cavalo pra mim? A gente deixa ele
 aqui... no "camping"... e quando a gente vier no fim-
 de-semana, a gente passeia a cavalo". E eu tive que
 convencer ele que não dava pra comprar um cavalo.

E: - Por quê?

S18: - (43) Porque... além do custo ser caro... depois tem
 a manutenção, tem que alimentar esse animal, e tudo...
 E além de alimentar tem que dar... tem que tratar da

saúde desse animal, né? (44) Daí ele está sempre procurando bicho. Agora ele está em casa de minha sogra, ele tá lá! Aliás, ele foi ontem à noite, foi o casalzinho, o Rodrigo e a Melina. Foram dormir lá... na casa da minha sogra e até agora permanecem lá. Já são onze horas e eles ainda estão lá.

E: - Mas não é só por causa dos bichos, é?

S18: - (45) Olha... ele fica... a gente até se irrita com ele, porque ele pega no cachorro, ele monta em cima do cachorro... depois quando chega em casa, tem que ficar trocando a roupa dele, dar banho nele... porque ele já vem com aquele cheiro do cachorro, cheiro de pelo do cachorro. (46) Então... ele... sei lá! Não sei como é que o cachorro tem paciência de aguentar aquele moleque...

E: - Que cachorro que é?

S18: - (47) O Doque. Tem um azul e a Angra é preta. Inclusive a Angra deve ter dado... cria já... Era pra essas duas semanas. Acho que já deve ter dado cria. Mas eles levaram pro canil, né? pra dar cria no canil. Pra ter assistência, né? A gente não tem infra-estrutura...

E: - E lá na tua sogra, onde ficam esses cachorros? dentro de casa?

S18: - (48) Não dentro de casa... Se deixar eles entram... Tem um banheiro sem uso, onde eles dormem lá... no banheiro... Um banheiro fora de casa...

E: - Aí teu filho brinca com eles fora?

S18: - (49) Não. Aí eles ficam no quintal. À noite eles já

entram nesse banheiro. Fecham, minha sogra fecha a porta e eles ficam lá dentro.

E: - Uma coisa... Alguém passeia com ele, não?

S18: - (50) No fim-de-semana, o meu cunhado vai levar... leva no veterinário, né? (51) Não, passeio assim de botar uma coleira no pescoço e leva pra passear. É difícil. Eu não tenho visto isso, muito.

E: - Nunca? Não se faz?

S18: - Eu vi uma vez só. Que eu saiba eu vi uma vez só.

E: - E quem dá comida?

S18: - (52) Minha sogra, porque os proprietários dos cães... eles não param em casa.

E: - Sei...

S18: - (53) Então é um encargo que eles arrumaram pra minha sogra.

E: - Quer dizer: então os cachorros não são da tua sogra, são dos filhos?

S18: - É. Cada um de um filho. A Angra é do José. E o Platão é do Carlos Alberto.

E: - Sei.

S18: - (54) Os dois são solteiros. Mantêm os cães em casa, vão namorar, vão trabalhar, vão estudar e a minha sogra é que tem que dar alimentação pra eles... limpar... (55) Nos fins-de-semana eles cuidam. Eles

levam ao veterinário, dá remédio...

Nota: Dois dias após ter sido feita esta gravação, S18. telefonou-me tarde da noite para contar que a cadela, Angra, tinha morrido no canil, antes de ter dado cria. A menina Melina [4 anos] estava sabendo porque, disse S18.: "- (56) Tinham telefonado para minha mulher e ela começou a chorar no telefone. Aí a menina queria saber porque a mãe estava chorando e a mãe disse: 'A Angra morreu'..."

Mas o pai não sabia como contar para o Rodrigo que já estava dormindo e queria se aconselhar comigo. O pai resolveu deixar o menino dormir e contar ele próprio de manhã... mas a história foi outra como ele relata um mês após o ocorrido:

S18: - (57) Acontece que a Melina é muito linguaruda, e então eles foram os dois para o meu quarto de manhã e a Melina disse que sonhou com a Angra, que ia ter cachorrinho e que morreu. (58) O Rodrigo não acreditou, disse que era mentira, que a Angra não tinha morrido, que a Melina era boba, que a Angra não podia ter morrido, aí ele pediu confirmação pra mim e pra Debora. "É verdade papai, é verdade mamãe que ela morreu?" e a gente teve que confirmar. (59) Aí ele não se conformou... mesmo assim ele não acreditou. Em seguida telefonou para casa da minha sogra pra perguntar se ela tinha morrido mesmo e confirmaram que ela morreu. Aí ele começou a chorar...

E: - E o que vocês falaram para consolar o menino?

S18: - (60) A gente falou que era normal que ela morresse, mas que ainda tinha o Platão, que ele podia brincar com o Platão quando ele quisesse... E ele falou que

ele não queria o Platão, que ele queria a Angra. (41) Ele ficou uns dez minutos encostado num canto assim da sala, sem conversar, e depois pediu para ir para a casa da avó, talvez ainda no intuito de saber se a cadela tinha morrido ou não. (42) Ele faltou à escolinha nesse dia e passou o dia inteiro na casa da avó dele. A noite ele já pediu para alugar um filme de videocassete, comprar doce, carrinhos de banca de jornal e dormiu assistindo o filme.

E: - E depois, agora? [faz um mês que a cadela morreu]

S18: - (43) Ele está indo muito menos na casa da avó. Praticamente ele pede para levar na casa dos amiguinhos da escola, mas antes ele queria ir toda hora na avó, não queria sair de lá. Agora quer ir na casa do Leandro, do Antonio Carlos, dos primos. Eu acho que o atrativo era a cadela mesmo.

Dados do sujeito (S19)

Sexo: masculino.
 Idade estimada: 52 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: economista.
 Estado civil: solteiro.
 Núcleo familiar: o entrevistado.
 Tipo de residência: apartamento.
 Presença de animais: () sim (x) não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim (x) não
 Forma da entrevista: () face a face (x) por telefone
 Local da entrevista:

Antecedentes da entrevista

S19 é velho conhecido. Nunca teve animal de estimação; mostrou sempre até certa aversão em ter. No entanto, tem muito interesse em plantas, jardinagem, sítio. Dizia que o seu não-ter-animal se devia a fatores de ordem pessoal e fatores relacionados ao animal. Procurei mais detalhes, como sói acontecer, num péssimo dia do ponto de vista dele. Foi um dos poucos com quem tive que insistir para falar.

RELATO 19

E: - Me diga uma coisa, teus pais tiveram cachorro?

S19: - Tiveram.

E: - Tiveram? Na Alemanha ou aqui em São Paulo?

S19: - (1) Lá, na Alemanha. Foi dado pra minha irmã, a Sandra.

E: - Como, dado?

S19: - (2) Foi comprado para ela. Foi o cachorro dela.

E: - Sei, lá em R. [cidade na Alemanha onde S19 vivia]

S19: - (3) é, é. Era um "August"...

E: - Como é?

S19: - August [ênfase]. Era um nome cômico.

E: - é...?

S19: - E houve vários "August".

E: - Sei... Era sempre a mesma raça?

S19: - (4) Sempre.

E: - Basset comum?

S19: - Sim.

E: - Ou era aquele outro que você quer?

S19: - Não, não, pêlo curto. Pêlo curto, tamanho padrão.

E: - Sei.

E: - A Sandra cuidava do cachorro?

S19: - Cuidava, ela era criança, não?

E: - E ela cuidava do cachorro?

S19: - (5) Eh, não.

E: - E você não brincava com ele.

[pausa]

E: - Você não se relacionava?

S19: - (6) Não. Era da Sandra. (7) Eu gostava também dele...

E: - Com as devidas reservas?

S19: - Não, não, sem reservas. (8) A única pessoa que não era muito cinófila era minha mãe. Em compensação era a única que tratava dele.

[risos].

E: - É lógico. Isto emerge claro e cristalinamente de todos os meus dados.

S19: - (9) Minha mãe não gostava muito de cachorro, mas tinha pena dele.

E: - E quem comprou o cachorro, foi teu pai?

S19: - ⁽¹⁰⁾ Acho que foi... É, é. [pausa] Ela não ia comprar, não.

E: - E aí, no Brasil, teus pais não tiveram o cachorro oficial?

S19: - Não, não, minha irmã pegou sim, ela teve outros "Gustos".

E: - Mas eram Bassets? Eu me lembro do Cocker.

S19: - É, mas em solteira e em recém-casada ela teve vários Bassets sim... Todos chamados "August".

E: - Sei, certo. E daí, outro dia você disse que se você pegasse um cachorro você escolheria um Basset-Hound, confere?

S19: - ⁽¹¹⁾ Eu acho que não. Porque é muito difícil, éee, um cachorro mas não é, não é tão rústico, não.

E: - Hum... Mas estes anos todos que eu te conheço você está feliz e contente sem cachorro.

S19: - [pausa]. éee...

E: - Sem bichos, sem peixes. [risos]. Sem os peixes. Me lembro da tua piada de peixes: "I just flush them down the toilet..."

S19: - Ah, sei, sei... é, é... isto foi um amigo meu nos Estados Unidos que... quando perguntaram pra ele o que ele fazia com os peixes quando viajava, deu esta resposta.

E: - Deixa perguntar mais uma coisa: você disse que tinha motivos teus para não ter animal... motivos particulares, coisas suas e motivos relacionados ao bicho. Respeitando o não falar de motivos seus, nas minhas reflexões me lembrei que você tinha bicho lá no sítio... Me lembro de umas vacas quando fui lá pela primeira vez e quero saber: por que você acabou com aquilo?

S19: - (12) Porque era uma besteira. Eu precisava de 4 vacas para ter um litro de leite por dia!... Desse jeito acabava caro demais...

E: - Sei...

S19: - (13) Além do que elas pisavam nas minhas plantas enquanto elas eram pequenas.

E: - Sei...

S19: - O resultado era que minhas plantas morriam... Eu acho que havia uma incompatibilidade natural entre gado com plantas... com tenras plantas... Agora não sei se esta incompatibilidade serve como parâmetro para não se ter animal em sítio.

E: - Lógico, claro, por que não?

[gravador desligado]

S19: - é muito pouco provável que eu usufrua das vantagens que a posse do animal normalmente oferece. Não vai funcionar, esta é a conclusão...

E: - Não, não, a conclusão é você se privar da vantagem, por que? Não seria justo.

S19: - Não é nada disto, não é nada tão nobre assim, não.

E: - Então explica de novo.

S19: - (14) Eu sempre disse que eu não... não me vejo capaz de produzir as condições em que o animal dá o rendimento... promete o rendimento que eu realmente desejo. Isto é muito diferente dos... eh, das considerações, embora muito nobres que você está me atribuindo.

E: - Sei...

S19: - Eu não me vejo com o rendimento desejado. Não me vejo capaz de produzir condições para o rendimento desejado.

E: - Do bichô?

S19: - É.

E: - Mas é a mesma coisa que eu estive falando.

S19: - Não, porque a motivação é outra. Você me atribuiu sentimentos melhores do que o são na realidade. Muito obrigada para começar. [risos] Mas, eh, não é... isso vai entortar a sua pesquisa...

E: - Não, não, de jeito nenhum, imagina! o mundo não é preto e branco...

S19: - É, mas o meu caso é cinza escuro.

E: - Não é, não. Mas eu não entendo o que você quer dizer com rendimento.

- S19: - (15) O funcionamento como cachorro de guarda, que conhece o dono. (16) O meu não conhecerá direito o dono
- E: - Mas aí você está falando do sítio...
- S19: - É claro.
- E: - Mas eu estava falando de São Paulo...
- S19: - Não, não, eu não moro em São Paulo exclusivamente... Eu passo quase metade do tempo fora.
- E: - Sei...
- S19: - (17) Eh, eu teria que levá-lo constantemente...
- E: - Sim.
- S19: - (18) E aqui eu não preciso dele. Eu cogito de ter um, porque eu preciso de ter um cachorro no sítio...
- E: - Sei...
- S19: - Oh, as premissas, os resultados ficaram um pouquinho enredadas, não ficaram?
- E: - Não e sim. Vê, eu te perguntei, pensando no apartamento e interpretei tua resposta em relação ao sítio como sendo do apartamento, para o cão de cidade.
- S19: - (19) Não, não, não, não. Aqui seria um luxo, uma coisa agradável... mas lá, eu preciso: esta é a diferença.
- E: - Sei.

S19: - (20) E como as coisas da minha vida têm estes dois aspectos, eles não são conciliáveis.

E: - Hum... Esquisito, isso.

S19: - é, é...

E: - Eu sei que voce não gosta quando categorizo, mas vejo dois tipos de animal, o cão de serviço no sítio, e aqui o animal de companhia. É isto?

S19: - Não vou tão longe assim não, sabe? É uma pesquisa um pouco peculiar, digamos.

E: - A minha?

S19: - é, é...

E: - Pegar os melhores amigos e perguntar porque não tem bicho... é realmente...

S19: - (21) Oh, como é que eu vou dizer. [pausa]. Vou ser um pouco franco demais. Eu não tenho companhia portante [que porta ou leva consigo] e sempre, não é um cachorro que havia de ser! Não vou, não vou substituir ou suprir a companhia portante, afetiva, com um cachorro, não. Não está na ordem das coisas, não é?

E: - Eu acho ótimo! O seu ponto de vista é muito salutar de um certo modo...

S19: - Muito bem, mas muito diferente daquilo, do conceito que estava sendo feito...

E: - Também.

S19: - é, é. Não é em mim querer derrubar... ah, ah, os dados de sua pesquisa, de uma tese, mas eu estava... se eu deixasse de dar esta informação, se eu deixasse como estava, eu estaria falseando a sua tese.

E: - Não, acontece que há mais gente pensando como você, que o cão ou qualquer animal não possa ser substituto para companhia humana e até criticam os que se dedicam demais... mas eu acho que sem querer fui indiscreta.

S19: - Não, se achasse indiscreto isto, eu não faria cerimônias, silenciaria.

[gravador desligado].

S19: - (??) Mas eu continuo cogitando do assunto em termos de cão de guarda.

Dados do sujeito (S20)

Sexo: feminino.
Idade: 27 anos.
Grau de instrução: secundário incompleto.
Profissão: datilógrafa.
Estado civil: separada.
Núcleo familiar: a entrevistada e um filho de 2 anos.
Tipo de residência: apartamento.
Presença de animais: () sim (x) não
Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? (x) sim () não
Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

S20 vinha datilografando algumas transcrições de entrevistas constantes deste escrito e, à medida que os lia, crescia seu entusiasmo. Começou a contar da infância, da mãe que hoje está doente, por falta, segundo S20, de ter com quem se ocupar. O dia em que ela se lembrou de contar a história da "araponga maldita", não resisti e resolvi entrevistá-la.

RELATO 20

E: - Tenta contar o que você lembrar da tua vida com bichos.

S20: - Quando eu tinha 12 anos... para não casar, eu fugi da minha madrasta e fui morar com minha mãe.

E: - Sei...

S20: - (01) E lá na mamãe tinha... só eu e meu irmão mais velho. Minha mãe morava com meu padrasto que era **vi-draado** em passarinhos. Ele tinha nessa época nada mais nada menos que 40 gaiolas de passarinhos!!!

E: - Me conta... quem tomava conta de tudo isto. Ele não tinha mais nada que fazer na vida?

S20: - (02) Então, ele trabalhava à noite dando plantão. Ele era policial. Quando ele chegava em casa a primeira coisa que ele fazia era cuidar de **todos** os bichos. Cuidava, depois ele almoçava e dormia. A noite, às vezes, ele tinha folga, porque eles tinham uns turnos de não sei quantas horas por quantas horas.- (03) E a minha mãe tinha - teve uma época em que ela tinha: codorna, era uma gaiola assim, várias codornas uma ao lado da outra, devia ter umas dez mais ou menos, tinha galinha, o galinheiro era imenso, era um galo só, mas eram várias galinhas, teve pato, teve porco, teve coelho, teve preá - fora os cachorros, né? (04) Cachorros ela sempre teve. No início era só o Totó, bicho de estimação, a gente adorava ele, mas ele morreu, aliás ele teve que ser sacrificado... Ai ela foi adquirindo outros Pequinês, sempre Pequinês. Eu sei que ultimamente, quando meu padrasto morreu, ela só tinha cachorro... Ela tinha 15 cachorros, - mas um absurdo eu

achava: ela comprava carne especial para os cachorros, ela... (05) Era aquele lance mesmo de substituir filho, os filhos nunca foram criados por ela, então ela substituía mesmo. (06) Ela chamava os cachorros de filho, "vem com a mamãe", dava beijo na boca, era um amor **incrível**.

E: - Igual com todos ou tinha algum que ela gostava em especial?

S20: - (07) Tinha a Kelly. A Kelly era preta... também, estava velha a última vez que vi ela... esta era a preferida dela e do meu padrasto. Era a Kelly. Depois a Kelly morreu, veio a... (08) eu chamava ela de "Papita", porque ela, sabe na embalagem da ração? tem um cachorro que era a cara dela.

E: - Como é que ela conseguiu tanto cachorro?

S20: - (09) Eles iam dando cria... Ela ficava com pena de dar ou de vender e iam ficando...

E: - Sempre a mesma raça, então?

S20: - (10) É. Teve a Papita que era mestiça de vira-lata com a Pequinês. A maioria foi Pequinês...

E: - Ela nunca foi de recolher cachorro?

S20: - Ela não podia ver cachorro na rua que ela levava pra casa. Se estava doente, lavava... cuidava... passava remédio nas feridas, dava leitinho. (12) Eu lembro uma vez tinha um filhotinho que ela pegou na rua, ela dava mamadeira, como se fosse um bebê, sabe? pegar no colo. Tinha uma luz, um "abat-jour", uma luminária e ela colocava cobertor na caixa de madeira, e ela deixava es-

ta luz acesa em cima do cachorrinho. ⁽¹³⁾ Ela fazia a mesma coisa com pintinho. Fazia tipo de uma estufa. Ela dizia que aquilo era estufa, que era pro bicho ficar aquecido... ⁽¹⁴⁾ que ficava com falta da mãe, não sei o quê... Ih! era um nove horas... Eu sei que na minha casa tem mil histórias dos bicho. ⁽¹⁵⁾ E a minha irmã quando casou, teve uma época que ela morava com a minha mãe, meu cunhado, a bronca dele, até hoje com minha mãe, é que ela, a minha mãe, tratava melhor os bichos que eles, até o próprio neto. ⁽¹⁶⁾ Ela só vinha em casa assim periodicamente a cada dois dias só para ver os bichos, para ver se os bichos estava sendo bem tratados e fazia comida... o arroz ela fazia na hora...

E: - Espera um pouco, você falou que ela ia periodicamente na casa de quem?

S20: - ⁽¹⁷⁾ Porque quando meu padrasto morreu, ela se desfiz dos pássaros, da maioria dos bichos. Ficou só os cachorros. Ela foi morar, hummm, com um namorado dela, que ela tinha... Ela estava morando lá num outro bairro. Só que onde ela morava não tinha como ela acomodar tanto bicho. ⁽¹⁸⁾ E a minha irmã foi morar nesta casa, que era do meu padrasto, né? era da minha mãe, para tomar conta da casa e dos bichos.

E: - Hummm, sei.

[gravador desligado]

S20: - Onde é que eu parei?

E: - Você parou que tua irmã foi morar na casa de tua mãe para tomar conta dos bichos.

S20: - É, quando meu padrasto morreu ela arrumou este namorado e foi morar com ele. E minha irmã ficou nesta casa onde ela morava, só pra cuidar dos bichos... porque minha irmã estava numa situação difícil também... não tinha como pagar aluguel, então foi morar lá, ela e o marido. (19) Só que a minha irmã não era muito chegada nos bichos e meu cunhado muito menos... e maltratava... E a minha mãe sabendo disso ela vinha de vez em quando. Ela dava umas incertas para fiscalizar. (20) Ela chegava, a primeira coisa que ela fazia era ver os bichos, dar banho, tratar, ver a comida especial, trazia carne especial pros bichos... e... meu cunhado ficava louco da vida com isso! (21) As vezes minha mãe nem ligava pro neto, não fazia um carinho. Minha mãe não é muito chegada em criança, o negócio dela é bicho. (22) E ela trazia carne, **carne mesmo**. Não pensa que era carne de segunda, bofe - era fígado, carne, ela mesmo aí fazia o picadinho, misturava o arroz ali e dava. (23) Os bichos ficavam numa alegria quando ela aparecia, era um ciúme... Tinha o Kidde, era um Pequenez também, imenso, parecia um Pastor de **tão grande** que ele era, mas ele morria de ciúme dela. (24) A gente não podia chegar, abraçar minha mãe que ele chorava, ele mordida a gente... (25) Ela chegava, sentava, ele vinha em cima dela, todo carinhoso, aquele **deengo**... Parecia uma criança dengosa ou então ficava ali. (26) Quando ela não estava em casa ele ficava na janela do quarto dela, olhando para fora para ver se ela não aparecia. Eu achava interessantíssimo... Ele tinha uma relação com ela que nem eu mesma não tinha... de ciúme, de espera... de ansiedade, né?

E: - E onde dormia esta bicharada?

S20: - (27) No quintal. Mas durante o dia as portas ficavam abertas, eles entravam, saíam...

E: - Os quinze?

S20: - (28) Os quinze. Eles tinham acesso à casa. A noite era uma agonia pra por tudo pra fora e poder dormir. Engraçado que nunca teve pulga em casa... Estranha coisa... tinha barata, das grandes, mas pulga...

E: - E que fim levaram estes cachorros?

S20: - (29) Ah, ela teve que dar... Ela chora, até hoje quando ela lembra ela chora, ela teve que dar - a maioria acho que foi dada, não vendeu nenhum, não. (30) E tinha uma tal de D. Maria, que morava assim, umas cinco casas mais adiante, o apelido dela era "A Solteirona" e no bairro inteiro ela era conhecida como a "Maria dos Cachorros", ela tinha uma quantidade. (31) Eu lembro, nessa época eu tinha uns doze anos, ela me contratou pra ficar lá tomando conta dos bichos dela, que ela trabalhava pra fora. E eu ia. Saía da escola ia pra lá e ficava lá... (32) E ela tinha leite em pó pra dar pros cachorros e eu comia o leite em pó e não dava pros cachorros... [risos] (33) E ela descobriu e me mandou embora. Eu comia toda a lata de leite... [ri]

E: - O que quer dizer tomar conta?

S20: - é fazer companhia...

E: - Pros cachorros? De que jeito? Você tinha que ir pro quintal?

S20: - (34) é, ficava só lá, tomando conta, pra ver se não brigavam... se ninguém entrava pra roubar... porque tinha uma época que lá eles invadiam as casas, pulavam

os muros das casas pegavam os cachorros pra vender carne...

E: - Sei...

S20: - (35) Os marginais, lá, ficavam judiando dos bichos. Então ficava lá tomando conta. Criança, né? Se tivesse que entrar alguém entraria, mataria eu e os bichos, né?

E: - é, é.

S20: - (36) Mas tinha que dar comida, tinha que dar o almoço deles e ela chegava tarde. Aliás, nessa época ela tava dormindo no emprego... é, à noite eu saía e já deixava janta pra eles... leite... trocava água porque o calor que tava tinha que trocar água toda hora, colocar na tijela pra eles...

E: - E que foi dos passarinhos?

S20: - (37) Os passarinhos, meu padrasto antes de morrer ficou muito doente. Então ele foi se desfazendo, foi vendendo... soltou alguns... se desfez. (38) Eu lembro tinha uma araponga, maldita araponga! oh! araponga! [risos] Ela ficava - a gaiola dela ficava assim bem debaixo da janela do meu quarto. De manhã ela ficava: **péun, peiin...** (39) E um dia eu estava na cozinha com minha mãe e eu comentei: "Mas um dia eu mato essa araponga". Meu padrasto entrou e falou: "Se você matar um bicho meu, passarinho meu, eu mato você". E ele me deu uma surra de cassetete... Aí fiquei com mais ódio ainda da araponga. (40) E um belo dia a araponga amanheceu morta. Eu só sei [risos] que eu fugi de casa - eu não tinha nada a ver, ela morreu porque tinha que morrer, não sei se ela comeu alguma coisa... (41) Eu fi-

cava com raiva da araponga porque eu queria banana e ele não me dava banana, dava pra araponga. É, ele comprava, minha mãe ia pra feira comprava alface e era banana, e tinha uma outra fruta que não lembro, não sei se era manga, não, manga não comprava... tinha o pé lá no quintal... Tinha uma outra fruta que era pros pássaros, mais é banana. E minha mãe comprava pouca pra gente e bastante daquelas mais maduras, mais baratas pros bichos. Eu lembro o dia que eu queria banana pra levar pra merenda da escola e não tinha e eu queria pegar dos pássaros, ele não deixou, que era pra araponga. Fiquei revoltada... (42) Como é que pode deixar de dar banana pra mim pra dar pro pássaro? Foi daí que eu falei que matava a araponga e ele ficou revoltado. (43) Aí quando a araponga amanheceu morta, eu fiquei tão apavorada que só de eu ter mencionado aquele meu desejo ele já me deu aquela surra, olha, se ele desconfiar que fui eu... puser na cabeça que eu matei a bicha... ele vai me matar. (44) Eu lembro que eu fugi. Fugi. Fui pra casa de uma amiga, depois eu fui morar sozinha, minha mãe levou minha roupa... nunca mais apareci em casa de tanto medo.

E: - Você gostava do padrasto?

[pausa]

S20: - Olha... se eu disser que não, estou mentindo... se eu disser que sim, também. Eu gostava dele, às vezes, mas na maioria das vezes... (45) ele maltratava minha mãe, ele batia nela... ele era muito rígido... por ser policial, sabe? Aquele negócio, machismo, ele achava que ser policial era o orgulho maior da vida dele.

E: - E os bichos ele tratava bem?

S20: - (44) Os bichos ele tratava.

E: - E tua mãe?

S20: - Judiava.

E: - E os cachorros?

S20: - (47) Ele achava que cachorros serviam só como vigia da casa. Então tinha o Totó que ficava preso o dia inteiro e a noite ele soltava para vigiar a casa, para espantar, né? Era um vira-lata, não ia fazer mal a ninguém, só para latir e avisar, né? (48) Aí depois que minha mãe pegou a Kelly, o Kidinho, e os outros ele foi pegando amor. Tanto que quando a Kelly morreu, ele chorou muito...

E: - Chorou?

S20: - (49) Chorou. Ele chorava. Ele tinha uma emoção. Desfile de 7 de Setembro, aquela parada militar, ele assistia pela televisão... ele chorava por causa dos cavalos que desfilavam e por causa dos cachorros, aqueles cachorros da Polícia Militar, ele chorava. Ele adorava ver os desfile por causa dos animais! Chorava parecendo criança... Então achava assim - quer dizer eu acho agora, que era meio contraditória a posição dele em relação a certas coisas da vida e... de repente o cara chorava por causa de um bicho... de ver um bicho sofrer.

S20: - (50) Porque bandido... ele contava histórias de bandido, que ele batia, fazia, o que acontecia, era ruim mesmo... Com a gente ele era ruim, e com bicho não. Com bicho ele chorava. Ele não podia ver um animal, da casa dele, que morresse, ele **choraaava**, parecia crian-

ça! das lágrimas escorrer. ⁽⁵¹⁾ Quando ele teve que sacrificar o Totó, ele teve que sacrificar, ele tinha o revólver, ele estava meio doente... Aí ele pegou um belo dia, ele chorou - tinha um rio que passava perto da casa então ele e meu irmão levaram o cachorro até este rio, ele atirou no cachorro e foi jogar. ⁽⁵²⁾ Ele voltou pra casa chorando. Meu irmão era criança... também chorava... Meu irmão adorava o cachorro, ficava ele chorando de um lado, meu irmão do outro. O que me ficou que achei estranho um homem bruto daquele chorar feito criança. ⁽⁵³⁾ E dos pássaros também. O dia da araponga, a minha mãe contou, né? que ele chorou feito criança, e eu perguntei: "Ele não vai me matar mãe? Acho que ele vai vir atrás de mim e vai me matar". E ela falou: "Não, ela morreu não sei de quê". Ela inventou uma coisa qualquer aí e eu fiquei calma... Ela morreu de morte natural, não sei se ela foi envenenada, alguma coisa tipo morte natural... ele sabia... ele nem desconfiava que alguém tivesse matado, mas eu morria de medo, tanto que eu nem voltei pra casa.

E: - E tua mãe tem bicho agora?

S20: - ⁽⁵⁴⁾ Não, inclusive é uma coisa que eu acho que... se ela arrumar um bicho... que depois que meu padrasto morreu ela teve que sair da casa, depois eles perderam a casa... Aí teve que dar os bichos... Aí ela foi, ela começou: fez uma operação de pulmão, depois começou a sofrer de pressão alta, de problema de reumatismo... Apareceu um monte de doença nela, assim bem coincidindo com a época... e eu... estes tempos eu tenho pensando se não tem alguma relação. ⁽⁵⁵⁾ Eu acho se eu arrumasse, se ela arrumasse, se pudesse ter um bicho onde ela mora, porque tem um cachorro lá - não sei que raça que ele é - um cachorro enorme preto, não é Fila, é uma outra raça... não conheço bem, que é da dona da casa e

ele é também assim, cão de guarda. E ela trata bem do cachorro, mas não é dela, ela não trata do cachorro, ela não cuida, não alimenta. Eu acho que se ela tivesse um animal que ela pudesse cuidar, alimentar, eu acho que ela esqueceria as doenças dela...

E: - Ela está vivendo totalmente só, agora?

S20: - ('24') Não, ela está vivendo com o português... mas o português não dá trabalho pra ela. Ele sempre morou sozinho, solteirão, almoça fora lá perto do trabalho dele. Ele almoça lá, jantar eles não jantam, eles comem uma fruta à noite, os dois lá comem melão, presunto, tal, uma refeição leve. Então... roupa eles mandam lavar fora, ela não lava um lenço!!! uma cueca, um par de meia dele, porque ele tem pena porque ela está doente, então ele não quer dar trabalho, a casa não tem o que arrumar, porque nem é casa. É um quarto, é isso aqui [mostra o tamanho do meu consultório], cabe uma cama de casal e o armário, e tem um fogãozinho destes de acampamento de duas bocas pra ela fazer o café, ferver o leite... ('27') Então, quer dizer, ela não tem o que fazer, não tem um bicho que cuidar... não tem o que fazer da vida, quer dizer, fica se martirizando, tanto que quando ela vem aqui pra casa, periodicamente, uma vez por ano, duas vezes por ano no máximo, ou então quando um filho adocece ela costuma vir... aqui em casa tem mais, minha vida é mais ativa... aí ela acompanha, faz uma coisa, faz outra, dificilmente ela reclama que dói, que tem que tomar remédio, ela esquece de tomar remédio. Agora lá, não. Lá ela fica: "Ai, tá doendo", e fica... e vai no médico... faz perícia, é médico de não-sei-o-quê, é cardiologista, é médico de... A semana toda ela fica na fila do INPS, sabe? não faz outra coisa na vida a não ser enfrentar fila. E eu acho que isto tem relação.

E: - E o tempo que ela tinha bicho ela estava boa?

S20: - Nunca vi minha mãe reclamar de uma dor! mas nem de dor de cabeça... Minha mãe tinha... era assim muito tranqüilona...

E: - E os bichos de consumo que vocês tiveram?

S20: - (30) E eu não sei se foi com intenção de fazer criação... Mas eu lembro - o que eu lembro direito - é que tinha o porco, e o bicho tava crescendo, tava engordando, tava um **monstro** e só a comida de casa não dava pra alimentá-lo. (31) E saía eu e meu irmão, o meu padrasto fez, pegou uma lata de 5 quilos... pôs um pau no meio da lata, pregou e a gente saía com aquela lata... ia de porta em porta, quer dizer, o pessoal já sabia... guardava todos os restos de alimentos, e no dia seguinte a gente passava e recolhia e era a lavagem pro porco. E era uma **nojeeeira** danada, **fediiia**. Eu sei que meu padrasto misturava com não sei o quê e dava pro porco comer aquela lavagem... (40) E no fim do ano vinha meu tio, que era oficial da marinha e era o único que sabia matar o porco. Ele vinha em casa, eu lembro que ele: "Vocês põem a criançada toda pra fora", e a gente ia pra rua brincar e eles ficavam lá e matavam o porco. E quando a gente chegava já estava tudo consumado, né? (41) Eu lembro que eu ouvia o grito do bicho, era um grito horroroso, a gente ouvia o bicho gritar, mas eu não lembro, eu não sei como se matava. Nunca mais vi, nem faço questão de ver, morro de pena!!! (42) Galinha matava também, porque era obrigada na casa da minha madrasta. Naquela época não tinha galinha morta... a gente comprava viva e matava, mas o bicho demorava uma hora pra morrer e eu morria de pena. [risos]

E: - Mas bicho teu que você tivesse que matar?

S20: - Bicho meu?

E: - Da tua mãe, sei lá.

S20: - ⁽⁶³⁾ Não. Eu lembro que tinha assim as galinhas davam cria... os pintinhos morriam... mas naturalmente, né? Eu lembro que eu **chorava**, porque toda vez que nascia pintinho a gente dividia, "esse é meu, é meu, esse é seu" **todos** os meus morriam, **todos**, meu irmão conseguiu criar um. Mas era muito difícil! Minha mãe fazia estufa, tal, mas era muito difícil! ⁽⁶⁴⁾ E tinha os preá, né? porco da índia, que era um meu, outro do meu irmão. Mas era assim, né? Eram da minha mãe, minha mãe falou: "Este aqui é seu, este é do seu irmão, vocês cuidam". E a gente, tinha o rio, pegava capim barba-de-bode pra dar pros preá.

E: - E eles ficavam em gaiola?

S20: - ⁽⁶⁵⁾ Ficavam soltos no quintal... que o quintal era **enooorme**, era o tamanho da tua casa, mais... pra você ter uma idéia, tinha dois pés de manga, tinha abacate, tinha três de goiaba...

E: - E você brincava com estes bichos?

S20: - ⁽⁶⁶⁾ Não. Só brincava com o Totó. Depois quando tinha os Pequinês...

E: - O que você fazia com a preá?

S20: - ⁽⁶⁷⁾ Nada. Eu pegava e alimentava. Ia lá, pegava o capim, jogava o capim pra ela... Eu não tinha muita

relação com bicho. (68) único bicho que eu tinha relação, eu tinha 18 anos... eu engravidei, e... tava no quinto mês de gravidez e perdi o filho. Aí tinha aquele negócio. Morava com minha madrasta, aquele negócio de resguardo e então fiquei um período lá que não podia por a cara na janela, que fazia mal você olhar a paisagem. Então ficava em casa, trancada e... Eu lembro que o primeiro dia que eu saí, eu saí com minha irmã, era véspera de dia de Cosme e Damião, e a gente tinha ido pegar umas balas de coco que a madrasta tinha mandado fazer. Ela falou: "Você vai lá na casa de fulana, pega as balas de coco que encomendei". E nós fomos... (69) E na ida, tinha assim ummm terreno baldio que o pessoal jogava lixo. E havia um filhotinho de cachorro, filhotinho pequenininho no meio do lixo, comendo lixo, procurando alguma comida e tal. Fiquei com pena. E peguei aquele cachorro e falei: "Vamos levar pra casa, né? Aí que bonitinho, vamos levar". (70) Levei e minha madrasta ficou revoltada porque era apartamento... (71) "Não, que não quero bicho aqui em casa, de jeito nenhum, tal. Amanhã vocês vão dar fim neste cachorro." (72) Eu sei que... o cachorro foi ficando, foi ficando, foi ficando... (73) A minha irmã pôs o nome nele de Micki, por causa do Mike Jaegger, que era músico dos Rolling Stone e ficou o cachorro, Micki tal... (74) Pra mim o cachorro era meu filho... a minha madrasta era vó, era assim uma coisa de substituição do filho que perdi... (75) Então minha madrasta chamava: "Vem com a vovó, Micki... vem aqui com a vovó." (76) E eu: "Aqui com a mamãe", e minhas irmãs eram tias. (77) E ficava, o cachorro ali era um nenê, né? (78) Este cachorro a gente brincava, tinha muito amor por ele. (79) Só que aí eu vinha pra São Paulo e o cachorro ficou lá... (80) Minha madrasta tinha um amor por este bicho, incrível. Eu lembro que quando eu ia visitar, eu chegava, parava na porta, o cachorro

já sentia o cheiro. Lá no terceiro andar ele começava latir, ele fazia uma festa, eu chegava ele me derrubava no chão... tanta festa que ele fazia! Ele ouvia o barulho do carro, sentia o cheiro, não sei o que era, sei que ele fazia uma festa, tanto que minha madrasta sabia que eu chegando, que o cachorro fazia escândalo, né? ⁽⁹¹⁾ E eu lembro que a minha madrasta saía, e a gente virava pro cachorro e falava: "Micki, cadê a vovó?" Ele ia lá na salinha onde ela costurava... cheirava a máquina de costura... a cadeira dela... cheirava... depois ia pra porta e chorava, **choraava, choraava...** Dava a impressão que ele chamava: "Vovó, **vovóóó**" [faz uma voz aguda, imitando o choro do animal], chorava, dava uma peninha dele. A gente sempre fazia isso. Toda vez que ela saía a gente fazia, pra ver a reação dele... ⁽⁹²⁾ E outra coisa: ele não fazia nenhuma sujeira no apartamento. Ele ia pra porta... ou então chamava a gente, arranhava a porta, a gente abria a porta, ele descia, andava toda região, fazia o que ele tinha que fazer, depois ele chegava, arranhava a porta, a gente abria e ele entrava.

E: - Que jóia!

S20: - É, eu achava assim **super impressionante**. ⁽⁹³⁾ Depois dele eu tive o Vadinho. Também foi aqui em São Paulo, no Viaduto do Chá... Os caras vendendo no Viaduto do Chá. Eu achei um **crime** o bichinho ali, eu sei que peguei dei cem cruzados - na época era cem mil cruzeiros - dei pra ele e levei... ⁽⁹⁴⁾ que ele era pequenininho, bonitinho e tal, aí que gracinha no meu apartamento... ⁽⁹⁵⁾ E o bicho foi crescendo, crescendo, numa área de serviço de um metro quadrado. Acho nenhum metro quadrado tem a minha área. E eu criei o bicho ali. ⁽⁹⁶⁾ Ele ficou **tão enorme, tão imenso** e aí eu tive que dar, também. ⁽⁹⁷⁾ Mas até hoje eu vejo as foto dele, eu

chooro. Também criei amor, né? Foram esses os únicos animais que eu lembro ter tido amor, os outros...

[gravador desligado].

E: - Pra quem você deu o Vadinho?

S20: - (08) Primeiro queria soltar ele no Pacaembu... Tem muitas casa ali, falei: "Vou soltar ele, alguém vai ver, vai ficar com pena e vai recolher, né?" Só que eu não tive coragem... Eu soltava ele... ele vinha correndo atrás do carro, eu chorava: "Vai, Vadinho, fica, eu não posso ficar com você." (09) Já tinham me dado ordem no prédio pra me desfazer, né? (10) Aí, um dia eu conversando com o vigia do prédio, ele falou que morava em Pirituba, que tinha uma casa e que ele aceitava o animal. (11) Primeiro eu fui lá pra ver onde ele morava, se estava de acordo, né? Ele tinha uns filhos pequenos, eu falei: "Bom, criança geralmente gosta de animal, vai cuidar" e deixei ele lá. Todo dia eu perguntava, agora passa um mês, mas eu pergunto: "Oh, seu Antonio, e o Vadinho?" - "Tá bom, tá ficando verinho." (12) Mas diz que tá bem, que tá cuidando bem. Diz que fica preso o dia todo e só à noite que solta.

E: - É você soltando no Pacambú, não te dava uma, uma... insegurança muito grande?

S20: - Tá, então, foi uma coisa assim meio sem pensar. Foi alguém que me aconselhou: (13) "Você vai lá no Pacambú, lá é um bairro que só tem casas, todo mundo tem bicho, então de repente alguém vai ficar com pena e recolhe o animal, o animal não vai ficar na rua". Eu falei: "Bom, boa idéia" e fui... (14) Mas não pensei, não medi as conseqüências... Eu lembro do meu sacrifício de tentar colocar o cachorro em cima de um muro...

Era um muro alto, e eu empurrava ele, e o cachorro caiu, tentava de novo, desespero... Ai eu falei: "Não dá". Enfiei o cachorro dentro do carro, fui lá pro prédio... Tinha saído pra dar o cachorro, voltar com o cachorro... ninguém ia entender.

E: - Espera aí, você estava num prédio que não permite bicho?

S20: - (95) Não permitia bicho. Quer dizer, hoje em dia eles permitem, mas na época em que eu fui morar o síndico não permitia. Hoje em dia eles estão permitindo, tem cachorro, tem gato, pássaros, tem de tudo...

Dados do sujeito (S21)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 28 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: jornalista.
 Estado civil: desquitada.
 Núcleo familiar: a entrevistada e um filho de cinco anos.
 Tipo de residência: apartamento.
 Presença de animais: () sim (x) não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim (x) não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

S21 veio a minha casa fazer uma entrevista para a Folha da Tarde. É profissional bem preparada, e tinha obviamente refletido sobre a matéria da entrevista. Como costuma acontecer, a maneira de entrevistar deixou transparecer as idéias do entrevistador que, neste caso, foram questionamento, ceticismo, críticas. Ai, eu resolvi inverter os papéis e perguntei os motivos dessa postura.

Infelizmente, a entrevista ficou um tanto truncada por motivos técnicos. Perdeu-se parte do final.

RELATO 21

E: - Conta o caso da tua irmã com o papagaio.

S21: - (01) Ela tratava o papagaio, porque ela não tem filhos; ela não pode ter filhos; ela perdeu as esperanças... fez várias operações e sabe que não pode ter filho. (02) Ela casou... Primeiro... arrumou um papagaio. Ele veio filhotinho, tratava dele como uma criança. Papinha, e não sei o quê, não sei o quê lá... todo aquele mimo e não sei o quê, tratava como filho. (03) Ai de repente arrumou dois cachorros, Cocker Spaniel, também trata como filho.

E: - O que quer dizer isso pra você?

S21: - (04) Eu acho um excesso. Tem certos excessos, sabe? eu vejo ela fazendo coisas, a educação, por isso te perguntei aquela hora, a educação poderia ser comparada à educação que se dá a uma criança?

E: - O que que ela faz?

S21: - (05) Vejo ela fazendo coisas que faço com meu filho, entendeu? ou qualquer pessoa faz com sua criança, o tipo de educação, né? Pense quando faz alguma coisa... (06) tenta colocar o cachorro numa educação, certo? estilo ser humano, como se fosse uma criança. Ela bem substitui, isso. Eu acho que ela substitui o não-filho... (07) Eu já vi caso de cachorro que come na mesa como se fosse uma pessoa, o dono chama de filho: "Vem com papi, vem com o papai, vem com a mamãe", sabe, aquelas coisas? (08) Eu acho uma coisa muito estranha, né? Tem essa coisa do dono mesmo... pra mim o dono é meio doente... (09) Então, ela tá lá com o papagaio, com os cachorrinhos. E o papagaio tem uma gripe. Tava

um calor na casa dela, calor... o papagaio teve gripe... A primeira coisa que ela fez foi colocar o papagaio no quarto dela. Tava um calor, falei: "Vamos abrir um pouco a janela, está muito quente". - (10) "Ah! não, não pode abrir a janela senão o Romeu tosse. O Romeu está com gripe, ele pode ficar com pneumonia..." Aí eu comecei a pensar, isto daí é um papagaio, que vive solto... (11) vive solto, não é um animal domesticado... Se lá ele ficar com gripe, ele morre. Tem toda questão do habitat, do meio ambiente, e tal, mas eu acho, eu acho um pouco de exagero. (12) Aí o papagaio tá com gripe, cuida do papagaio e tal. Uma afetividade **enorme**, toda a afetividade dela jogada em cima daquele papagaio e dos cachorros.

E: - De quem ela gostava mais, do papagaio ou dos cachorros?

S21: - (13) Acho que ela tinha mais ligação com o papagaio, que com os cachorros.

E: - E o marido?

S21: - (14) Que o papagaio era bem tipo primeiro filho.

E: - Primeiro veio o papagaio. E o marido?

S21: - O marido é mais... os dois são psicólogos, né? pra início de conversa. E o marido...

[gravador deligado]

E: - Este papagaio deve ter morrido há pouco tempo.

S21: - (15) Não faz muito tempo. Aí um belo dia ela estava em casa, diz que não sabe o que ele tinha, que ele

caiu, foi correndo, ligou no veterinário, sabe? saiu voando, eee... não teve jeito... morreu. ⁽¹⁴⁾ Diz a minha mãe que ela ligou pra casa dela e os dois estavam assim aos gritos de tanto chorar porque o papagaio tinha morrido. Até hoje você fala, você cita o nome do papagaio perto dela, o olho dela **eeenche** de lágrimas.

E: - Hoje é depois de quanto tempo?

S21: - Acho que faz uns 7 meses e ela está agora só com os cachorros.

E: - Mais alguma coisa da tua irmã e do papagaio?

S21: - Eu acho que é um apego, assim, tudo bem a gente chora, quando o bicho morre, sabe? você se apega.

E: - Ela vai querer pegar outro?

S21: - ⁽¹⁷⁾ Não, até minha outra irmã diz que ia comprar um papagaio pra ela, mas ela diz que não quer.

[gravador desligado]

S21: - ⁽¹⁸⁾ Lá na praça... sempre encontro uma senhora de idade em volta da meia noite, andando com cachorro. Achei estranho, depois comecei a pensar: acho que é a companhia dela... ⁽¹⁹⁾ A pessoa que mora com ela, se você está comigo eu digo: "Vamos passear, vamos junto", é certo, é a mesma coisa. Então tem toda esta relação de você poder extravasar afeto, em vez de você se tentar relacionar com outro, com outras pessoas, fazer uma tentativa, sabe? de ter mais amigos, de se relacionar com as pessoas, ter atividades para conhecer mais gente, você se apega a um animal, você se limita a esta relação. Você e o animal. ⁽²⁰⁾ Que é muito

mais fácil lidar com o animal, dar afeto pra ele, ele retribui pra você, ele não questiona... ele não fala... não diz que você está errada... se está bom ou está ruim, do que se relacionar com uma pessoa. Isto basicamente não seria uma fuga?

E: - E é uma fuga.

S21: - Isto é bom pra pessoa?

E: - É bom em termos de, você tá carente de uma coisa...

S21: - (21) Mas não é o primeiro caso que vejo de pessoas que não tem filho, certo? se apegarem demais a animais... Eu queria saber se na sua opinião isto existe, se realmente há esta transferência. Que eu acho que existe, que as pessoas que eu já conheci, parece que há uma transferência...

Dados do sujeito (S22)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 26 anos.
 Grau de instrução: secundário incompleto.
 Profissão: do lar.
 Estado civil: solteira.
 Núcleo familiar: a entrevistada (Isis) e o companheiro (Heinrich).
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

Este casal frequenta minha casa há mais de três anos. São amigos de meus filhos. Eu sabia que eles tinham gatos e um dia contaram que vieram diretamente do asilo de gatos da prefeitura, mas não tinham encontrado o gato que queriam. Esta maneira de entrar na posse de gatos chamou minha atenção e convidei a moça para uma entrevista.

RELATO 22

E: Conta... por que você gosta de gato?

S22: - Olha. Desde os cinco anos de idade... Os meus irmãos gostavam de cães, sabe? Eu já não. Eu já era fascinada por gatos, felinos desde pequena! E minha mãe tinha, antes de eu nascer, porque ela demorou muito tempo, cinco anos pra me ter. Em tratamento, tudo. (1) E ela tinha um Angorá, né? um tal de Mimi. Só que não era Mimi. Não era macho. Era fêmea, só que ela não sabia. Ela veio a saber depois, né? E aquele gato era o xodó dela. Era o filho que ela não tinha tido, antes de eu nascer, né? (2) E no que eu nasci, o gato ficou enciumado... o gato me arranhou! E mesmo assim ela não deu o gato, não se desfez, por coisa alguma do mundo, sabe?

E: - Quer dizer. Os teus irmãos nasceram depois? Você é a mais velha?

S22: - Isso. Sou a mais velha.

E: - Você puxou a fila?

S22: - Isso. Meus irmãos, sei lá. Tem uma que gosta de gato, tudo. Mas, assim pra ter não. Eles preferem cães, né? Lá em casa só eu mesmo que sou apaixonada por gato! (3) Eu não sei... Eu sei muito pouco a respeito de gatos. O gato vem da mitologia grega, se eu não me engano, né?

E: - Não. Gato... Todo bicho vem da mitologia...

S22: - Olha. Eu acho fascinante o gato. Eu não posso ver... (4) Esses dias ainda, "puts!" eu trouxe um gatinho pra

casa, que eu encontrei na rua, sem raça também. Mas ele era tão fofinho, tinha um carisma tão grande, muito simpático, né? Eu trouxe ele pra casa. Ele ficou dois dias lá e, eu dei alimentação pra ele. Tinha que dar na seringa, né? Porque mamadeira, eles não conseguem, né? Pegar o leitinho, né? (P) Minha vizinha me chamou de louca [ri]. "Como é que você pode? Você já tem dois aí, né? E dão um trabalho..." (4) Eu falei: "Eles não dão trabalho. Se fosse uma criança, eu acho que daria mais trabalho, do que um animalzinho". Você concorda comigo, não? Você concorda?

E: - No que? Criança dar mais trabalho do que bicho?

S22: - Isso. Eu acho. Se bem que eu gosto de criança. Mas eu prefiro gato. Eu adoro gato. Acho que gato não dá tanto trabalho.

E: - Você está morando sozinha?

S22: - Não. Com o Heinrich. Há quatro anos.

E: - Sei. E vocês dois, são felizes donos de dois gatos?

S22: - Isso. De um casalzinho. Michel e a Pâmela. São sem raça, mas são uns amores.

E: - Michel? Casal? Macho e fêmea?

S22: - Isso. Não é. São que nem irmãozinhos, né? Mas, casal assim só maneira de dizer, porque um é amarelo, tipo... a gente apelidou ele de Lince, né? Um amarelinho, o outro é branco e preto sem raça também. (7) A Pâmela, achei ela numa caixinha de sapatos na escola. Eu tinha prova inclusive naquele dia, e eu levei ela pra sala de aula. Fui repreendida até pelo professor,

porque o professor falou: "Isis, na sala de aula não é pra trazer seus animais". Porque ele sabia que eu tinha gatos, né? - "Você não consegue ensinar eles em casa, do que trazer eles pra escola?", mas eu falei: "Mas acontece que esse daí é um órfão... acabei de encontrar ele na rua [ri]... 'e' O pessoal do colegial tava, sabe? chutando, jogando a caixinha. Eu fiquei penalizada com aquilo ali. Não aguentei, né? Peguei, levei pra sala de aula o gatinho. O gatinho! mas é uma gata que está lá em casa... vai fazer dois anos agora em dezembro..

E: - Essa é qual?

S22: - é a Pâmela.

E: - Sei. E por que você deu o nome de Pâmela? Eu tô colecionando nomes. Por que Pâmela?

S22: - Eu não sei. Eu gosto de nomes diferentes pros meus animais. São sempre nomes diferentes. O primeiro gato que nós tivemos, foi o Tomy, Charlie. Posso citar os nomes?

E: - Não. Tudo bem.

S22: - Tomy era uma gata ceguinha, né? Aquela era o meu xodó.

E: - Peraí. Você tinha uma gata cega?

S22: - Ela ficou cega depois de três meses em casa. A gente já sabia, porque a gente levava ela no veterinário e ele deu pouco tempo de vida pra ela, né? A qualquer momento... Ela durou, um aninho e pouco só, em casa. '9' Mas também ela teve de tudo. Tudo que eu pude fa-

zer. Carinho, amor - alimentação não - ela ia sozinha no pratinho dela, ela fazia a alimentação dela sozinha. Ela era bem independente nesse ponto e ela procurava onde tava o sol, assim no jardinzinho. Era bem independente, a Tomy. ⁽¹⁰⁾ Daí tive o Charlie. O Charlie era um gatinho lindo! Mas também morreu. Também era doente. ⁽¹¹⁾ Sabe porque? Me corta o coração de ver que volta e meia a gente vai no gatil, que tem do outro lado da cidade. Não sei se você já viu falar no gatil da Ponte Pequena?

E: - Não.

S22: - E eu fico apaixonada com aqueles gatinhos de lá! Foi... fazem umas duas semanas atrás... ⁽¹²⁾ Ah! deixa eu terminar primeiro a história, que eu começo e não termino. Esses gatos que a gente teve lá em casa, que nós perdemos doentes, e doenças que não tinham jeito, que você sabe, tuberculose. ⁽¹³⁾ O Tomy, Tony, Tomy... é... o Tomy morreu de tuberculose, não tinha cura, né? Ficou um gato lindo, não tinha cura. Vieram do gatil. ⁽¹⁴⁾ Acontece que lá tinha uns gatinhos bons, tinha uns gatinhos saudios. Eles se misturaram lá, com os gatinhos doentes, porque eles não têm uma alimentação adequada, né?

E: - Aquele gatil é da Prefeitura?

S22: - Isso. O ruim, sabe o que acontece? Eu já comentei com o Heinrich.

E: - E você vai lá pegar gato?

S22: - Eu ia antigamente. Só sobrou o Michel, que tá lá em casa. Esse não tem doença nenhuma. Porque a gente fez... olha o que nós gastamos na época... só pra ver

assim, de exames de laboratórios, sai muito caro, né? pra ver se não tinha o tal do... doença que os outros tinham - porque todos quase praticamente tiveram, ⁽¹⁵⁾ na mesma época. Todos os gatos a gente pegava de lá, e, a gente... cortava o coração, sabe? ver aqueles bichinhos lá, comendo... passando fome, sem abrigo, porque lá é tudo fechado, mas eles não têm abrigo.

E: - E como é que você escolhia?

S22: - Ah! eles chegavam assim, sabe, né? Tipo assim, me leva, me leva, me leva. Quando ele [Heinrich] via, ele, já tava com três, quatro em baixo do braço, tudo... dentro do carro.

E: - O Heinrich pegava três, quatro e você também?

S22: - E eu também. Aí o Heinrich falava pra mim: "Isis! você é louca de pegar tanto gato assim. Nós já temos tantos em casa, e a gente veio pra pegar só mais um. Pra proteger esse, salvar esse, de morrer, né? De ter uma vida legal". Mas eu não conseguia. Pegava três, quatro de uma vez, botava no carro e levava embora. ⁽¹⁶⁾ Levava no veterinário. Daí mandava isolar, pra ver que doença que tinha e tudo, pra não passar pros meus gatinhos sãos, né? ⁽¹⁷⁾ Daí, foi isso. Por isso que eu perdi treze, quatorze gatinhos.

E: - Há quanto tempo?

S22: - Cerca de dois anos, mais ou menos.

E: - Assim, últimos dois anos?

S22: - Isso. A gente chegou a ter cinco de uma vez, lá em casa, eu e o Heinrich.

E: - Cinco gatos?

S22: - Cinco, assim de uma espécie diferente. Quer dizer, eram todos sem raça, mas cores diferentes... cinco.

E: - E como é que vocês fazem, quando vocês viajam?

S22: - Nós levamos junto... junto com a gente. Que geralmente quando... não pra praia, não é possível, porque daí, praia não dá. ⁽¹⁰⁾ Quando a gente vai pra praia, que é muito raro a gente ir, a gente... o pai do Heinrich toma conta pra gente. Que ele adora gatos. Não é que toma conta, ele alimenta. Ele vai em casa e dá - a gente já deixa preparadinho o alimento deles, o fígado. ⁽¹¹⁾ Ah! por falar nisso, uma pergunta que eu queria te fazer sobre excesso de vitamina "A", prejudica o animalzinho, né?

E: - Pode prejudicar, sim.

S22: - A minha gatinha sofreu isso daí. E o nome mais interessante que eu tive...

E: - Pera aí. Eu tenho mil perguntas que eu quero te fazer. Eles ficam fora de casa ou dentro de casa quando você sai? Você deixa alguma coisa aberta? Aonde é que eles dormem?

S22: - Eles têm a caixinha deles, é de papelão, com cobertor. Cobertor bem baratinho que a gente compra por aí. Mas é cobertorzinho mesmo de nenê, chales, esses negócios, né? a gente deixa na caixinha... Agora, eu vou ser bem sincera pra você...

E: - E onde é que fica a caixinha?

S22: - Fica na lavanderia, mas... é protegida, né? do sol, de chuva, essas coisas tá? Michel.

E: - é casa?

S22: - é casa, isso, sobrado, né? sobradinho. É o seguinte: O Michel fica fora, porque ele não é muito higiênico, né? Agora a Pamelazinha, ela tem "pipi house" dentro de casa, fica atrás da porta. Aquilo é trocado todos os dias, né? Ela é super higiênica! E ela tem um defeito...

E: - Ela suja no "pipi house"?

S22: - Só. Pra tudo! Ela não solta pêlo, porque eu escovo ela. Depois eu vou te mostrar a foto dela, que eu trouxe dela aí, a Pâmela. É panzinha, é tudo. É o xodó. (20) E, ela é ótima. Ela só tem um problema: ela não pode ver móveis, que ela adora. Ela pula pra todos os lados... geladeira ela adora. Eu não posso nem chegar em frente à geladeira que ela não...

E: - Ela pula em cima da geladeria?

S22: - Ela fica em cima da geladeira e brincando com você assim, com as patinhas pra baixo. Ela fica brincando, fazendo charme... pra lá e pra cá. Ela já foi operada, tanto ela quanto ele.

E: - Ah! bom, isso é que eu tava...

S22: - Ela foi operada, mas ela precisou, sabe porque? Acontece um negócio... sabe o que o veterinário falou? Ela tava com oito meses, sete pra oito meses de idade, e ela entrou no cio, e em seguida ela engravidou e tu-

do, daí o veterinário nos avisou, né? Se essa gatinha tiver os filhotinhos, ela ia morrer no parto. ⁽²¹⁾ Daí ele falou assim: "Olha, seria legal pra vocês se vocês consentissem numa operação. Ela perderia os filhinhos, né? os filhotinhos, mas, pelo menos ela sobreviveria, né?" Aí a gente deixou operar ela. Mas foi horrível, né? porque femeazinha sofre mais do que macho, né?

E: - E o macho? Tudo tranquilo?

S22: - O macho... Michel tudo bem. O Michel, nossa é a coisa mais simples! No segundo dia, ele já estava andando tudo normal, tudo! Agora fêmea não.

E: - E o Heinrich concorda?

S22: - O Heinrich concordou... ele é que quis. Eu não queria de jeito nenhum a operação. Porque ele já tinha me falado, o veterinário também: "Olha, vai ficar tantos dias, um dia, praticamente um dia e meio drogada, por causa da anestesia, e vai ficar chorando, gritando, na hora de dormir à noite, por causa do corte na barriguinha". Eu falei: "Tudo bem". Passou. ⁽²²⁾ Ela está ótima, engordou, não tem problemas de saúde. Quer dizer, ela teve um pequeno problema agora aí, excesso de vitamina "A", o veterinário nos falou. Ela não gosta de carne, ela só gosta de fígado de boi. E o veterinário cortou, qualquer tipo de fígado, né? pra ela, mas está ótima. ⁽²³⁾ O veterinário... começou a dar um negócio no bracinho dela. Eu falei: "Será que essa gatinha está com reumatismo? é impossível!" A patinha dela estava deformando... a mãozinha direita... a patinha. E ela mancava, ficou uma pernetinha. Daí a gente levou no veterinário, e ele medicou, uma série de remédios pra ela, só que não fez efeito. Durante cinco dias e outra treze dias. Daí nós voltamos lá outra vez, né?

(24) Daí ele perguntou da alimentação dela. Aí eu falei: "Só fígado". Daí ele matou a charada, né? e a gente parou, né? agora fígado só uma vez por semana, pra ela. Porque ela não consegue.

E: - Você tem sempre o mesmo veterinário?

S22: - Sempre o mesmo, porque eles são ótimos. Eles... olha, você tem que ver... eles são tão humanos! Eu acho bonito o que vem escrito no papel deles, o... como é que fala?

E: - O receituário?

S22: - Isso. Vem escrito assim: "Hospital dos Bichinhos Cães e Gatos. Porque nós acreditamos em Deus, em salvar vidas dos bichinhos..." Tudo isso daí. (25) E nós tivemos uma experiência no começo, a gente era muito ingênuos no começo, a gente não tinha muita prática de ter gatinho assim, e a gente tinha muito gato em casa. (26) A gente levou uma vez no veterinário, e o veterinário sentou, ele soube cobrar bem, né? lá em Santo Amaro. E daí... ah! no dia seguinte, ele foi atendido, o nosso gatinho, foi o Charlie. Não, Charlie não! O Tony. Foi. Era meio mesticinho de Angorá, esse Tony. (27) Era uma gracinha. Pegamos do gatil também. Só Pâmela que não é do gatil... Daí então nós voltamos no dia seguinte, levamos o gatinho morto lá, né? Daí esse médico veterinário falou: "Eu sabia que ele ia morrer", desse jeito. Mas, por que ele não nos avisou? por que ele não nos falou que doença ele tinha? Não fez uma autópsia, porque a gente queria saber que doença que ele tinha. (28) Mas ele falou com um ar de ironia, sabe? A gente sentiu aquilo lá. Ele não queria me ver. Ele olhava assim, nos olhos do gato, ele não medicava, não fazia exames assim, sabe? de laborató-

rio, nada. A gente ficou muito sentido com aquilo. (29) Então ficou assim... já uns dois anos mais ou menos, esses veterinários lá perto de casa. São ótimos! Um é de Campinas, se formou em Campinas, agora o Dr. H. S., eu não sei de onde ele é...

[gravação interrompida]

E: - Conta, vai. Eu quero saber da tua infância. Então, tua mãe...

S22: - A minha infância foi ótima! Porque meus gatos!...

E: - Foi criada com gatos? Foi rodeada de gatos?

S22: - Isso! Minha mãe tinha uma gata, era fêmea, mas só que a gente não sabia, quando ela era pequenininha... o tal do Mimi. (30) Então minha mãe tinha problemas, ela não podia ter filhos, né? no começo. Ela demorou cinco anos pra me ter, né? (31) Então ela tinha um gato, o tal do Mimi. Um Siamês, Siamês não, um Angorazi-nho branco. Ela adorava aquele gato, era o tudo dela. Pra lá e pra cá. Eles iam passear, ela levava junto. Ela e meu pai, né? (32) Meu pai não gostava de gato, mas ele respeitava... não judiava, né? (33) Daí eu nasci. De repente eu nasci. Só que o gatinho não gostou, porque ele tava acostumado a tudo, né? E minha mãe parou de dar atenção pra ele, pra ela... (34) De repente... eu tenho uma marca desde criança aqui no rosto. E mesmo assim minha mãe não quis saber de ficar sem o gatinho, né? ela ficou com ele, tudo... só que depois ele morreu de velhice, o Mimi...

E: - E que idade você tinha?

S22: - Eu tinha cinco pra seis anos, eu tinha. Depois eu

voltei a ter... eu ganhei, duma amiga da minha mãe, três gatinhos... filhotinhos Angorás... eram três brancos. Só que eu não sabia porque eles eram tão parecidos! Eles... eram irmãos, eles eram como se fossem trigêmeos. (35) Então, eu não sabia... eu era criança na época, né? Eu tinha o que? uns nove, dez anos, uma coisa assim... Naquela época era bom, porque a casa era enorme, tinha jardim... aí então, eu brincava com eles, sabe eu adorava, mas eu não judiava. (36) Eu fiquei pensando comigo... criança, né? São três irmãozinhos, eram três fêmeas. E, só que um morreu logo, logo. Tava doente também... Era Suzi, Suzana e Suzete, eu sabia distinguir quem era quem ali. Minha mãe não acreditava [ri]. (37) Aí meu pai: "Muito gato, né? porque faz mal, né? e dá asma". Esses negócios assim, né? Eu nunca tive bronquite! nunca tive asma! nunca tive nada! E eu sempre... (38) um desses gatinhos... a Suzete, porque era a mais ativa, né? ela sempre dormia no meu quarto, mas assim... ela não entrava, assim nos pés da cama, né? ela ficava... Era um amor essa gatinha, foi a última que sobreviveu... ela durou sete anos. (39) Os outros dois... um morreu muito jovemzinho... não sei que doença teve... eu era muito criança, não lembro agora. E a outra, a minha mãe deu - daí eu fiquei só com a Suzete - a Suzete morreu com sete anos de idade.

E: - Por isso você gosta de gato?

S22: - Ah, eu adoro! Eu não sei, eu adoro gato! Eu também vou ser sincera com você. Eu já gosto de gatos, né? E eu já fiz uma pesquisa com as pessoas por aí [ri]. (40) É incrível, é impressionante! O pessoal tá com dez, quinze, vinte filhos por aí, quer ter mais filhos, mas preferem passar todas aquelas dificuldades com filhos... não que eu não goste de crianças, mas

preferem aquela... sabe? aquela dor de cabeça com filho. Porque não é fácil ter um filho, eu acho. Na minha opinião, hoje em dia, no mundo que nós estamos, né? tem tanta coisa absurda, eu acho isso. E você pergunta... Esses tempos atrás, eu tava... eu vou te dar até o que aconteceu comigo. (41) Eu entrei numa papelaria - eu me dou muito com a dona da papelaria - e ela tem o Mick, que é um Siamês, que é a coisa mais linda! "Cadê o Mick?", eu perguntei pra ela, né? - "Ah! eu vou buscar ele pra você, que ele tá no banheiro, porque lá é mais arejado", aquelas coisas todas. (42) Mas é lindo! aquele Siamês, aquela coisinha fofo!... só que eu não gosto de ter de raça, eu acho bonito, mas eu gosto de ter assim... os abandonados, os órfãos. Daí, então, ela trouxe o Mick lá, pra mim ver e tudo. De repente entrou uma cliente lá, aí, como repriminou, como falou mal! "puts"! e era um gato de raça, tudo! - "Você não tem nojo?" Eu falei... só que eu não vou dar, eu não vou falar o que eu falei pra essa "Senhora" [ri]. Eu falei que existe tantas coisas mais nojentas na vida, eu falei porque um simples de um gatinho. Porque o gato é inofensivo mesmo. - "Não, porque gato é traçoeiro, porque ele te pega desprevenido, já tive casos de gato que matou um ser humano", não sei o que... (43) Eu falei: "Isso aí é um absurdo", eu falei, "não tem pé nem cabeça um negócio desses". - "Não, porque o gato é muito traçoeiro, solta pêlos, não sei o que". Eu falei: "Não, gente, eu... depois eu prefiro um gato porque eu tenho dois em casa." Eu falei pra essa cliente, e a dona da loja ouvindo. Porque aí, isso me fere tanto! porque eu respeito tanto! a opinião das pessoas. Mas eu respeito demais. Mas ao fato de gato eu não respeito. Eu fico louca [ri]. Daí eu falei: "Você quer ter uma idéia, né?", eu falei pra ela, né? Porque ela entrou, ela tava com um nenem no colo, outro no chão e outro no ven-

tre, né? Daí então eu falei assim: "Você quer ter uma idéia?"... eu falei... (44) A vizinha ao lado também não se conformava porque que eu tinha tantos gatos e eu preferia gatos a criança... a ter filhos, né? Eu falei pra ela, né? Porque minha vizinha me enche tanto o saco, minha vizinha, agora parou. Mas ela enchia tanto... meus gatos não iam pra lá, porque eram operadinhos, então ficava em casa, tinham comidinha, só ficavam em casa. (45) E ela... porque minha vizinha via eu bajular meus gatos pra lá e pra cá. Então minha vizinha implicava toda vez que ela me cumprimentava: "Ah! mas porque que vocês não têm filhos? Vocês vão ficar velhos, não sei o que *nhem nhem nhem...*" Uma vez eu dei uma resposta pra ela também, eu fui bem curta e bem breve... daí nunca mais ela falou mai dos meus gatinhos. Eu falei: "Você quer saber, Angélica? De uma vez por todas, porque eu prefiro gato a crianças? é um exemplo de você aí... meus animais não me mand..." (46) Ai, desculpe, posso falar? é um palavrão [ri]: "Meus animais, não me mandam tomar no cu, como teus filhos te mandam". Ai... eles já são grandes, quinze, dezesseis anos! E eles gritam bem alto e isso é falta de educação, né? com os pais. Eu falei: "Meus gatos não me mandam tomar naquele lugar como teus filhos te mandam a todo instante, porque eu acho ridículo isso", eu falei... São duas mocinhas e um rapaz de dezoito anos. (47) Meus bichinhos não fazem isso comigo. Eles vêm brincar, a gente brinca de bolinha no jardinzinho, porque nossa casa é isso que você tá vendo, é bem pequena nos fundos. E não tem um pedacinho que dê pra plantar, assim um verde pra eles, não tem... eu levo... (48) Comprei coleirinha agora pra eles, de vez em quando passear, mas num lugar que não tenha cães, porque senão é arriscado. Nunca mais, Angélica, essa tal minha vizinha falou. Porque ela perturbava: "Mas vocês precisam ter filhos ao invés de gatos, não sei o

que". Eu falei: "Mas eu adoro crianças, não é que eu não..." - "Você tá preparada?" Eu falei: Não, eu estou preparada pra ter gatos; pra ter filhos não." Porque eu tô realizando uma paixão minha que é antiga, desde criança eu tive gatos, né? ⁽⁴⁹⁾ mas eu sempre queria ter, ter e ter mais. Naquela época eu era criança. Agora não... agora eu quero... se eu pudesse analisar... às vezes eu consigo até... O que passa na mente de um bichinho tão pequenininho e tão peralta ao mesmo tempo, que é um gato. O gato é demais; eu acho.

E: - E o que você falou pra mulher lá da papelaria?

S22: - Ah! Eu falei um negócio bem chato [ri]. Não, porque eu fico... sei lá, quando eu vejo as pessoas falando mal... Chovendo, que bom! tá ótimo, tava muito calor... Daí então, né? porque eu olhei pra ela e vi... eu reparei... Eu não acho errado, eu acho bonito crianças, eu gosto de crianças também, mas eu prefiro ter meus gatos do que filhos, sinceramente. ⁽⁵⁰⁾ Daí então eu falei pra ela: "Você pensa bem, por que existe coisas muito mais nojentas do que um gato"... Eu falei pra ela: "Na vida..." - "Me cite um exemplo." Daí eu falei, eu fui específica. [ri] Eu olhei bem pra ela, "Você tem três filhos?" eu falei. "O que que você acha de uma relação a dois?" eu falei... só que eu falei outra coisa. é que eu tô com receio de falar. ⁽⁵¹⁾ Daí então, né? ela ficou assim... me olhando, ela ficou bem cabreira, não entendeu. A mulher... eu sei que ela não falou nem tchau. Ela perdeu o rumo, tudo, né? Não, mas eu não gosto, eu não gosto mesmo. ⁽⁵²⁾ Porque eu vejo o gato de casa onde moramos. Sempre aparece gatinho abandonado... Ah! deixa eu contar uma história, dum negócio bem interessante, sabe? mas é triste ao mesmo tempo. Tem uma casa bem perto à nossa lá, então, foi bem no comecinho quando nós viemos morar pra

lá, uns dois meses, eu ia lá na casa de carnes, pra comprar carne pros meus gatinhos, né? Eu passava numa rua e eu via um Doberman, e tinha uma gata Angorá, uma gata Angorá branca, era linda também naquela época. E quando passava gente, andava sempre na calçada, passava gente, ela **tchibum** de baixo das pernas do Doberman, né? Eu pensei comigo: "Foram criados juntos. A gata... Angorazinha, com o Doberman". E ele protegia ela; abria os braços e ela em baixo, ficava olhando, esperava o pessoal passar, pra ela pular pra rua de novo. ⁽⁵³⁾ E essa casa foi duas vezes assaltada e eles se mudaram... o pessoal de lá, essa família se mudou... Você não sabe, você não acredita, mas aconteceu! eles levaram o Doberman mas, a gata eles deixaram na casa. A gata ficou um tempão lá. A casa tava vazia. Essa casa ficou um ano, aproximadamente um ano vazia. E a gata lá. Eu comentei até com o Heinrich: "Heinrich, aquele pessoal, você se lembra? aquele pessoal que foram assaltados, você se lembra, tai pá pá pá." - "É... coitados..." Eu falei: "Não, pensando bem eles não são coitados porque eles aprontaram. A gente não deve fazer isso com ninguém, muito menos com um bichinho". Eu falei: "O bichinho não sabe falar, pedir ajuda". Por isso que eu... tudo bem eu ajudo, sei lá, quando posso, uma criança pobre... mas a criança sabe falar, sabe se defender, o animalzinho não... o animalzinho só é chutado, principalmente o gato. ⁽⁵⁴⁾ Eu falei assim: "Não tenha pena deles porque eles foram embora. Fizeram sua bela mudança, porque sobrou, tudo, né? e eles deixaram a gata Angorá aí, e a gata não sai da casa. Fica andando à noite tudo, triste". ⁽⁵⁵⁾ A gata tá a coisa mais... Consegui pegar ela uma vez só, eu e o Heinrich. Porque ela é enorme e demos banho nela, porque ela tava toda machucada, começou a brigar na rua, ficou um andarilho, né? coitada. Agora ela não sai da casa. ⁽⁵⁶⁾ Ela vem fazer um boquinha lá em casa, toda

noite. Vem ela e vem mais uma gata preta, que também não tem dono. (57) Ainda outra noite, nós estávamos vendo televisão, né? a gente ia no cinema, programa barato, né? Daí a gente... eu falei: "Ah! Heinrich, vamos voltar pra casa, né?" Daí, eu não estava passando bem por causa do meu problema no ouvido, né? Voltamos. (58) Daí, então, a gente abre a janela da sala e já deixa o banquinho assim, porque daí os gatos já vêm [ri]. Fomos direto pra cozinha, perto do fogão - cada um tem o seu prato, que os meus gatos têm os seus pratinhos. (59) A água que eu tenho que trocar a todo instante, porque se não eles não bebem, se tem um pelinho, eles não bebem... quer dizer, a Pâmela. A Pâmela é fresca. Agora o Michel, não. (60) Daí tem os pratinhos lá. Então, eles sempre deixam um pouquinho de comida, né? E aquilo que resta os outros gatos vêm comer e eu ainda reponho, né? uma outra comidinha é simples, mas sempre tem comida. (61) Deixo fora de casa porque a nossa casinha não tem portão lateral, né? eu deixo lá, tudo assim... (62) De fora não dá pra ver porque tem o carro, né? E eu vejo que os gatinhos vem lá. Agora, tem uma que é tão cara de pau, uma pretinha, eu não sei se ela foi abandonada também, ou se ela, o que que aconteceu, que ela vem toda... (63) E ontem o Heinrich riu, mas ele riu tanto! Ele não aguentou. Porque ela vinha antigamente, fazer a boquinha dela lá em casa, né? Porque ela tava magrinha! A gente tem pena! Bem magrinha, abandonada, não tem jeito de comer, de beber uma água, né? E ela veio lá em casa e deu um sinal de vida. Ela deu um alô, como quem diz: "Oi, estou aqui, posso entrar?" Ela chegou na sala, na janela, e olhou pra dentro assim, né? (64) Eu falei: "Heinrich, não se mexa, deixa ela entrar, deixa ela... vamos prender ela aqui pra fazer carinho?" Eu falei: "Não, porque eu tenho medo que ela não volte mais aqui". Fiquei com medo, né? "E ela pode te arrar

nhar". E aí ela miou, mas ela deu um miado tão bonito! - ela é fêmea, mas é sem raça também... vira-lata, uma preta. (46) Mas ela é tão sem vergonha, que ela passou bem perto da gente, foi na cozinha, foi no prato. Daí eu falei: "Puts! Será que tem comida?" - "Não, mas você não colocou presunto?" Tinha brigado comigo, né? porque de vez em quando, eu dou presunto pra Pâmela... picadinho pra Pâmela. Ela adora presunto... azeitona, eu tenho que tirar os carocinhos, então dou uns pedacinhos pra ela assim de vez quando. Quer ver ela feliz, dá azeitona pra ela. Então eu dei só presunto porque o presunto tá caro e tudo, né? Eu dei presunto porque não tinha figado e ela precisa de alguma coisa salgada no organismozinho, né? (46) Michel, não, ele não liga... tendo carne ele está feliz. Ele só gosta de carne. Daí eu lembrei que tinha presunto lá. (47) Eu sei que ela ficou, quer ver, uns vinte minutos lá dentro e nós na sala, né? assistindo nossa televisão. - "Eu vou pegar ela e fazer carinho". - "Não! Fica quieto aí onde você está", eu falei pra ele. De repente ela sai toda, toda, feliz e satisfeita, olhou pra nós assim... e "Tchum", deu o pulo dela e foi embora. Mas tava bem, sabe? bem alimentada [ri]. Então eu brinquei com ele, né? "Você viu? Ela saiu bem melhor daqui". Nós comentamos: "Coitada, ela está tão magrinha, judiação."

E: - E cachorro, não?

S22: - Cachorro, não. Primeiro... eu não sei... eu gosto de cães, eu adoro também. Mas você sabe qual é o problema ali, pra gente ter cães? Sabe qual é o mais grave? é um sobradinho... é tudo lajota... sei lá como é que fala. Eu não sei se é cisma minha, mas eu tenho a impressão que o animalzinho, com o tempo ia crescer com as patas deformadas, porque não tem um pedacinho de

terra. Eu não sei se é impressão minha. Não tem jardim, não tem nada... a não ser que a gente levasse pra passear todos os dias, né?

E: - O que que o gato dá pra você assim? Por que gato?

S22: - Ah! ele dá tanto amor, nossa! Ele me faz feliz! é difícil eu estar na fossa, né? mas quando eu tô na fossa... As vezes acontece, é muito difícil meu astral abaixar. Mas quando abaixa, e... "puts!" meus gatinhos são tudo pra mim. Eles me entendem, eu sei que eles me entendem, como eu entendo eles. Eles representam tanta coisa pra mim, nossa! É sei lá... É o amor vai crescendo... eu não sei. (69) O Heinrich acha que foi isso que... porque eu sempre comentava com o Heinrich: "Escuta, Heinrich, você já parou para pensar... tudo bem, é uma questão de opinião. A gente não discute isso daí, mas tem gente que não gosta de gato, não gosta, falam mal à beça... tudo bem. Agora eu acho que todo mundo deve respeitar os sentimentos dos outros". (70) Eu tenho um amigo que tem o que? é lagarto? é... é lagarto no apartamento. E eu não gosto, mas eu achei ele até bonito, sabe? Ele é meio assim... né? Quando você chegava, assim... vê aquele lagarto, assim... Ah! Mas ele andava solto pelo apartamento. Eu falei: "É, que barato" [ri]. A gente estranha, né? Mas cada um, cada uma. (71) Mas tem gente que não, sabe, não tem os seus limites assim não sabe respeitar os outros. Ele chega, já logo fala: "Porque é traçoeiro, porque não presta, por que não sei o que." Tá?? (72) Daí... e aquilo parece que o meu amor foi crescendo cada vez mais, ainda depois disso... porque onde eu moro... (73) Ah! deixa eu te contar um outro negócio que aconteceu também: uma época nós fomos pro Embu dar um passeiozinho, no final da tarde. A gente tomou um chopinho, né? no Embu. A gente não foi comprar nada, só fomos dar uma

olhadinha lá nas coisas que tinha lá... só pra dar um passeiozinho, né? Daí, então, a gente parou, eu falei "Heinrich, pede umas, alguns petiscos aí." Aí ele entendeu logo porque que eu queria os petiscos - salami-nhos, queijos, essas coisas assim. (73) Tinha um cachorro, um Pastor... Não, não, não era um Pastor, era um cachorro sem raça... você pode perguntar essa história pra ele. E daí até falaram pra gente, os caras do bar: "Esse cachorro foi abandonado há pouco tempo". Eles perceberam que a gente gostava de animais, não sei o que. Daí o Heinrich: "Não, não, não... eu tenho muitos gatos grandes lá em casa e não ia dar certo esse negócio, né? Daí eu comecei a alimentar ele, porque ele ficou paradinho, na nossa mesa ao ar livre. Mesinha assim, pequenininha, ficou parado e olhando e, eu alimentando ele, né? (74) Bom, o Heinrich não fica mais cabreiro, porque ele já está acostumado... porque onde eu tô, eu paro, eu paro pra dar alimentação, e que seja cachorro, seja gato, pomba. (75) Agora deu pra aparecer pomba lá na minha casa... só que eu não tenho milho, esses negócios. Então eu comecei a jogar pão, farelo, essas coisas pra eles - porque eu acho lindo pombos também. Daí, olha, só que isso daí é cruel demais...

E: - Você gosta de dar comida, é isso?

S22: - Adoro, adoro. Ah! se eu pudesse contribuir [em tom de emoção] qualquer... sabe? Depois eu vou voltar ao assunto do gatil... o problema lá do gatil, lá de doenças, também. E a política que gera em torno daquilo ali, sabe? São mulheres que têm boa vontade, trazem comidas, isso, aquilo, tudo. Mas eu acho que primeiro de tudo, a pessoa deve agir mais e falar menos...

[interrupção].

E: - Repete isso... do gatil. Como é que são as condições lá?

S22: - São precárias! Nossa! é horrível! Tudo bem... é fechado em torno, né? Mas acontece que o pessoal lá de dentro, eles deviam ver aquilo lá. Tem gatinho lá que "puts!" Ah! Da última vez que nós estivemos lá...

E: - Como é o negócio do muro que você falou agora?

S22: - Isso. Tem um córrego lá, pertinho, né? um córrego. Agora não sei se liga daonde aquilo lá... então, tem um córrego. Uma vez uma garota, uma auxiliar lá dentro, uma voluntária, ela falou pra nós: "Ah! se você soubesse o que já morreu de gatos aqui". Eu falei: "Eu acredito que nessas situações, né?" Eu falei: "E esse muro aqui aberto?" Quando olhei pra baixo eu vi o córrego, né? Daí ela: "Por isso mesmo", mas eu falei: "Escuta não tem condições de improvisar uma gradezinha. Não sai tão caro fazer uma vaquinha, né?" Eu falei: "Um pouco que cada um colabore... já vem tanta gente pra ajudar aqui". - "É, mas acontece que a gente acaba discutindo, discutindo, brigando, porque todos querem mandar, mas fazer que é bom, nada, né?" Que atitude, né?... então eu falei assim: "Mas tem que parar com essa política aí." Eu e o Heinrich já levamos até veterinário - esses nossos veterinários pra lá. Daí eles falaram: "Olha, do jeito que está isso aqui, precisa separar os gatos doentes, com a mesma doença, cada um, isolar os bons, né? Os sãos de um lado, os doentinhos do outro. A comida devia ser em pratos separados, não do jeito que está aqui acontecendo", o nosso veterinário falou. Eu falei: "Eu também concordo". Mas, eu sozinha, não vou conseguir mudar aquilo ali. (76) E a última vez que nós tivemos lá, há umas

duas semanas atrás, parou uma Caravan, né? Então tinha um homem com um moleque dentro. Eu já falo moleque logo. - "Ah! vocês aceitam gatos?" E deu Cz\$ 500,00 pelos... quantos gatos? Três. - "Não, a minha gata deu gatinhos em casa, tal e não sei o que, e é muito gato em casa". (77) Eu e o Heinrich, a gente foi até na porta, pra ver o que estava acontecendo ali, né? Eu falei: "Heinrich, se for um gato bonito, que tá chegando agora, a gente pega e leva pra casa". Eu já tinha falado pro Heinrich... a gente tava querendo um... sei lá, (78) não pra substituir o Wely que morreu. Nós perdemos um gato... a gente amava demais ele. A gente tem posterzinho dos gatinhos lá em casa, né? não de todos porque sai muito caro... só de três deu pra fazer. (79) Daí então, ele chegou, né? entregou, mas chutou. Então o ruim é que está tendo cães lá também. Lá tem um... como é que é a raça? é... Doberman. Agora tem um Doberman lá, só que ele é brincalhão. Ele é criança. Largaram ele lá dentro, tá lá... Quem quiser pode pegar. Diz que não tem doença nem nada, aparentemente, né? Um Doberman. (80) Só que de vez em quando dá umas confusões lá dentro. É cachorro correndo atrás de gato, os gatos... ainda bem que tem umas arvorezinhas lá, que eles podem... sabe, bem maltratados, né? Que eles podem se defender, esconder. (81) Daí, tem a moça assim a dona lá, né? que cuida, né?...Abriu o portãozinho, e já pegou, jogou os gatos pra dentro, né? (82) Daí eu falei assim: "Escuta, meu Senhor. Antes de ficar desse tamanho, por que o Senhor deixou sobreviver, por que o Senhor quis?", eu falei pra ele. Daí ele: "Não, porque agora eu estou com muitos gatos em casa..." Eu falei: "Isso aqui é uma gata fêmea", eu falei. - "O Senhor tem outra? Quantos gatos o Senhor tem ao todo? Desculpe me intrometer". Daí então ele: "Não, porque são muitos agora, não sei o que". - "Isso aqui deve ter... Essa gata deve ter no mínimo, deve

ter cinco anos", eu falei pra ele. "Depois de cinco anos o Senhor tem coragem de chegar e... [bate palma e emite um som sibilante com os lábios] dizer que não serve mais", falei pra ele. Aí ele ficou todo sem jeito, né? pagou e foi embora. Eu falei: "Ah! o ser humano às vezes é maravilhoso... (03) Eu não consigo aceitar um negócio desses, depois de cinco anos..." - "Ah!" ele respondeu, "tinha quatro anos e alguma coisa, não lembro agora..." Depois de quatro anos, tem coragem de pegar e, os bichinhos, você tem que ver como o bichinho... o gato como se sentiu! Você deve fazer idéia, né? como o animalzinho se sentiu, ele vendo os donos... (04) Ah! eles colocaram na frente do motor, os gatos... vê se pode? Não podia colocar numa caixinha pelo menos? Colocaram na frente do motor do carro. - "Ah! Cadê o outro?" - "Nessas alturas já deve estar morto", eu falei pra ele. Ele estava lá dentro, né? Eu falei: "Isso aí é lugar de pôr uma gato, no motor do carro?" O gato se escondeu... eu não sei como é que não morreu, eu não sei. Tinha um... porque eram dois... mas também já tinha um pra dois anos com eles lá. (05) O gato chegou e ficou... olhou praquilo tudo lá, ele se sentiu... E daí eu perguntei pra moça que tava naquele dia lá: "Nesses casos aí a perda é muito, né? de gatinhos, né? morrem muito, né?" - "Ah! Você não queira nem saber o que morre de gato nessas condições assim, quando o dono trás". Eu falei: "É menos um, porque um levei daqui, eu levei treze daqui, né?" (06) Agora um, no mesmo dia que trouxeram, eu pá! confisquei [ri]. Foi esse o tal de Wely. Eu tirei esse nome de um livro. Achei tão lindo esse nome. Eu... quando o Heinrich trouxe ele, do gatil, eu tava junto com ele, e tudo, né? Mas, e eu pensando, pensando... Daí eu falei: "Wely! Já sei, vou por Wely. Eu acho tão bonito Wely. Vou colocar Wely." E caiu bem pra ele. Porque ele era mesticinho de Angorá. Tinha umas patinhas com



pletamente... bem maiores do que de um gato sem raça, né? Só que... bobagem... ele foi operado, né? E ele era muito... adorava passear e namorar, toda noite, né? (87) E infelizmente... ele teve uma morte muito estúpida... Um carro passou, tava a uns oitenta por hora mais ou menos. Só bateu na cabecinha, aqui... Caiu mortinho... (88) Daí eu gritei, chamei o Heinrich e tudo. Daí o Heinrich: - "Eu sabia disso daí". - "Heinrich, por que que nós não levamos esse bichinho pra ser operado?" Ele falou: - "Agora não adianta, já aconteceu, né?" Isso foi o que? Foi em junho do ano passado... já fez um ano agora... (89) Ah! mas esse gato era demais, mas ele era tão ruim!... Só ele... só gostava só de gente, de gatos ele não gostava [ri]. Vinha visitas lá em casa, amigos da gente, ele... o pessoal tinha que falar, cumprimentar ele primeiro, porque senão ele mordida gente. Ele arranhava assim nos pés, enganchava aqui em baixo, sabe? Os amigos meus e do Heinrich, iam lá em casa, então a gente avisava... porque daí ele vinha na sala, ele não ficava dentro de casa, gostava de ficar fora. (90) Mas ele percebia, quando parava um carro, a campainha, né? Então ele já vinha e já "vupt!" no colo. Eu pensava: "Qualquer dia esse gato vai se dar mal, porque não é todo mundo que gosta de gato, né?" ... Ainda bem que nossos amigos todos... pelo menos se não gostam, toleram, né? (91) Daí eles faziam um carinho nele, daí ele ia embora [ri]... daí ele ia embora todo contente! Mas ele tinha... (92) eu colocava ele de castigo, às vezes... Lá em casa, tem um banheiro na parte pequena, de baixo, e eu prendia ele pra eu conseguir fazer alguma coisa na cozinha, porque ele não dava chance. (93) Eu tinha a Pâmela, pequena, o Michel, a Tomy, que morreu, a ceguinha, né? Que era cega. E com a cega ele respeitava, porque ela era autoritária, né? Mas com os outros era um tal de ficar saindo da janela pra fora, e aquela

correria, porque ele batia nos meus gatos mesmo. Ele não gostava dos meus gatos. (24) É a Pâmela era pequeninha naquela época. Ela tinha o que? Eu trouxe ela com... ela não tinha nem um mês de idade. Imagina, ela não tinha nem um mês! E ela era nenê ainda, pequeninha, né? Eu sei que vinham todos lá... e o Michel, "puts", se ele quisesse, ele bateria. Se ele quizesse, ele se defenderia do Wely, do Wely, mas o Wely... pá, pá, pá. As vezes o Heinrich chegava e eu: - "Heinrich, esqueci de tirar o Wely do castigo [ri]. - "Isis, não faz isso". - "Heinrich, mas eu não consigo fazer nada aqui nessa casa; ele não deixa". É por cima de mim, também nas pernas, ele fica passando pra lá e pra cá. É completamente biruta. O Wely, né? O Wely é demais... gente ele adorava! (25) Ah!... ele saía do portão, porque o portão é de gradezinha lá em casa. Ele saía pelas grades e ia fazer gracinha lá fora pro pessoal que passava. (26) Ah!... deixa eu te contar: eu salvei ele duas vezes... uma vez parou um Opala lá perto de casa, só que eles não sabiam de onde ele era. É a garota, a garota, uma garota, uma menina, já tava com ele no braço, colocando ele... Eu: "Opa lá!!! Larga meu filho aí", [ri] comecei a gritar ainda bem, tive a sorte, né? Vi da sala. (27) Ela: "Não! não! não, só tô fazendo carinho nele. Ele é muito bonito". Eu falei: "Tá tudo bem, Mas então você já viu. Oh! Ele se chama Wely", eu falei... De certo ela tava com o pai, né? Acho que era o pai dela, não sei... A menina muito bonita: "Ah! mas ele é tão bonito!" Eu falei: "É, ele é fofinho". (28) Ainda, daí... Mas eu morro de medo de um cachorro passar aí, um cachorro desses bravos, e "nhac" nele, né? (29) ...Mas ela tava levando, porque ela estava com ele de baixo do braço, já tava pondo ele dentro do carro, que eu vi. É duas vezes. A segunda vez também, foi isso. Porque passa muita gente na rua, e ele era muito ousado, ele era muito dado tam-

bém. Ele adorava as pessoas, ele fazia carinho nas pessoas, ele olhava, ele miava, ele fazia de tudo pra aparecer. (100) Eu tô falando alto?

E: - Hein?

S22: - Eu tô falando muito alto, não é?

E: - Não!

S22: - Porque eu tô tão surda, (101) viu?... Daí, salvei ele duas vezes, só que na terceira não deu pra mim salvar.

E: - Ele foi roubado?

S22: - Não, ele morreu, né? Eu te contei.

E: - Foi esse que foi atropelado?

S22: - Isso, o Wely foi atropelado... Eu tenho um "poster" dele lá na sala.

Anexo II

Relatos Complementares

Dados do sujeito (SC01)

Sexo: feminino.
Idade estimada: 33 anos.
Grau de instrução: superior.
Profissão: psicóloga.
Estado civil: casada.
Núcleo familiar: a entrevistada, o marido e 3 filhos menores.
Tipo de residência: casa
Presença de animais: sim não
Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? sim não
Forma da entrevista: face a face por telefone
Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

SC01 contou a história da "aquisição" do cachorro quando ela o trouxe pela primeira vez ao meu consultório, acompanhada de 3 filhos radiantes.

RELATO COMPLEMENTAR SC01

SC01: "Eu sempre quis ter cachorrò, mas meu marido sempre foi contra. Um dia, depois de uma viagem ele [o marido] chegou no biotéri# da Faculdade e tinha este cachorro enorme, solto, que já havia cativado os enfermeiros. Ele [o cão] viu o Murillo, chegou nele, colocou as patas nos ombros dele e o lambeu, depois seguiu ele por toda parte, por mais que os empregados o chamassem. Ai o Murillo, quando foi de noite, trouxe ele pra casa, abriu a porta dizendo: 'Toma, aí está um cachorro pra você'."

Dados do sujeito (SC02)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 35 anos
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: agente de propaganda.
 Estado civil: divorciada
 Núcleo familiar: a entrevistada, um filho de 10 e um filho de 12 anos.
 Tipo de residência: apartamento.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora.

Antecedentes da entrevista

Eu soube do desaparecimento do cachorro de SC02, há dois anos quando ela me telefonou-me aflita, indagando se haveria mais um lugar onde o cachorro pudesse ser procurado. Sugeri colocar uma "faixa" e oferecer recompensa. O animal não foi encontrado. Este relato foi gravado quando SC02, dois anos após o divórcio, resolveu, a pedido do filho caçula, adquirir um cão de porte pequeno e o trouxe "só para te ver".

RELATO COMPLEMENTAR SC02

SC02: "Naquela noite tivemos a última discussão sobre o divórcio. Eu e as crianças iríamos morar em um apartamento pequeno em Pinheiros, ele [o marido] também iria alugar um apartamento no centro da cidade. Começamos a debater a questão do que fazer com o cachorro [de tamanho grande] mais apegado a mim do que a qualquer outro membro da família. Quem ficaria com ele?... onde deixá-lo? Chegamos à conclusão que o melhor lugar seria o sítio dos meus sogros, onde ele já tinha ficado periodicamente.

Ralphy, o cachorro, estava acostumado a dar a sua voltinha sozinho, toda noite... Eu deixava ele sair, ficava trabalhando ou lendo, o portão ficava aberto e ele voltava e pedia para entrar. Fimda a conversa, decisões tomadas, deixei o cachorro sair... Só sei que passaram as horas, Ralphy não voltou. Sai no meio da noite, andei, peguei o carro, vasculhei toda redondeza, chamava, buzinava... fiz a mesma coisa de manhã, olhei a estrada, telefonei para a carrocinha, os hospitais veterinários mais próximos, perguntei para carteiro, lixeiro, crianças... nada, ninguém viu, não se encontrou o corpo tão pouco..."

Dados do sujeito (SC03)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 42 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: médica radiologista.
 Estado civil: casada.
 Núcleo familiar: a entrevistada e o marido, deficiente físico.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: sim não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? sim não
 Forma da entrevista: face a face por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistadora

Antecedentes da entrevista

SC03 possui cerca de 15 gatos, além de dois cachorros. A decisão de castrar qualquer um dos animais é um processo sempre longo, penoso. O debate às vezes se estende por mais de uma consulta. Desta feita, SC03 havia perdido um dos gatos de que ela mais gostava e para prevenir dissabores futuros estava disposta a operar [o termo técnico seria mandar fazer uma orquiectomia] pelo menos 3 animais machos, adultos. Como aconteceu em consultas anteriores, a decisão não foi mantida.

RELATO COMPLEMENTAR SC03

SC03: "Um dos motivos porque quero castrar esses gatos machos todos é pra ver se eles param mais em casa. Vi-rá-mexe um deles [ela tem 15 animais] desaparece. Sempre é o mais bonito, o que eu mais gosto... no tempo que tinha uma construção perto de casa era freqüente... até fui lá uma vez perguntar se eles não tinham visto o meu gato..."

Dados do sujeito (SC04)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 32 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: psicóloga clínica.
 Estado civil: solteira.
 Núcleo familiar: a entrevistada, os pais e duas irmãs.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: () sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista: consultório da entrevistada.

Antecedentes da entrevista

SC04 procurou-me após termos feito parte de uma "Mesa redonda", onde foram discutidos meios terapêuticos alternativos para deficientes. Nesta ocasião, eu advogara o emprego, com finalidade terapêutica, de animais junto a deficientes físicos e psíquicos. SC04 referiu-se ao caso citado abaixo, como exemplificando o papel ambivalente do animal numa vivência do quotidiano.

Interessei-me bastante pelo papel complexo que o gato estava desempenhando neste relacionamento e, após algum tempo, visitei-a no consultório para obter um depoimento pormenorizado.

RELATO COMPLEMENTAR SC04

S04: - (1) Este caso foi o seguinte: Era uma moça de 30 e poucos anos, vivendo sozinha, uma carência afetiva bastante exacerbada, por outro lado uma pessoa extremamente independente. A queixa dela era a angústia que ela sentia de não ter mais um tapete, e que ela sabia que não era a matéria, o tapete em si que fazia falta, mas o que tinha de significado neste tapete. (2) Ela veio dizendo que sentia uma angústia que ela não sabia explicar, que era alguma coisa que deixava que ela ficasse muito tensa, muito triste, às vezes depressiva, às vezes muito eufórica, ela não conseguia controlar isso, ela não sabia o que que era. (3) Eu não me lembro bem se foi na primeira ou na segunda sessão, ela colocou que havia ganhado um presente de um namorado, pelo qual ela tinha um carinho muito grande e que toda relação afetiva se deu a partir deste presente. Era um tapete que tinha toda uma ligação, um significado dela com este rapaz e que por algum motivo eles se separaram, mas a coisa bonita do relacionamento ficou, que era o tapete. (4) E ela também tinha um gato, macho, Angorá. Ela sempre se referia ao gato com a raça do gato. (5) Nas sessões ela dizia que o mesmo carinho que ela sentia por uma pessoa, ela sentia pelo gato. Até que um dia o gato estragou o tapete ou fez xixi no tapete, não limparam e a coisa ficou ruim e no final ela teve que se desfazer do tapete. Então ela não conseguia aceitar a perda daquilo, ficou com raiva do gato, o (6) gato que estragou o tapete, não ela que fez um relacionamento, ela começou a usar o gato como válvula de escape. O relacionamento com o rapaz para ela não havia finalizado, ela não conseguiu terminar este relacionamento. (7) Tinha terminado na realidade, mas na fantasia dela aquilo ainda se mantinha e ela vivia na expectativa de reencontrar, de ter o mesmo

carinho e tal. O tapete tinha este significado. Ela se sentia bem quando entrava no tapete, recebia os amigos na sala onde tinha o tapete... Ela, sentindo a relação com a realidade, ela sentia a necessidade de voltar ao que era real, ao que era naquele dia, não ao que foi no passado, só que ela não conseguia se desvincular. (9) Então aconteceu uma coisa ótima: foi o gato ter feito alguma coisa no tapete, para que ela pudesse arrumar uma desculpa de que o relacionamento deveria acabar... (10) Isso são relações que ela faz, são as associações que ela faz, quando ela relatava: então eu consegui pegar o gato para terminar uma coisa que foi boa para mim e que eu não aceitava que tivesse terminado. (10) Ela que fez essa interpretação, não foi minha enquanto terapeuta nem do pessoal que fazia acompanhamento do caso. (11) Na verdade ela buscava um bode expiatório, não só nessa mas também em outras relações tipo: "Eu não vou sair com o rapaz, porque tenho o gato para cuidar". Sempre tinha alguma coisa que ela não podia fazer e sempre relacionado ao gato. (12) Então nós trabalhamos também na época, eu lembro bem, a relação simbólica entre ela e o gato, o fato de não sair, não sair por que implicaria em deixá-lo, não deixá-lo por que... (13) E o medo, a necessidade de chegar e sentir o gato pulando, fazendo festa, etc. (14) Então era aquela coisa que parecia assim: ela não conseguia lidar com a imagem que ela passava, que era uma imagem de forte, de mulher independente, etc. e a fragilidade do lado dela, que ela conhecia muito bem e ela tinha até medo de passar para as pessoas, (15) porque as pessoas podiam se decepcionar com a imagem dela, "como uma mulher tão forte fica ligada num tapete ou num gato uma mulher independente..." Isso era uma coisa muito difícil, para ela falar, que em terapia ela conseguia se soltar e conseguiu colocar isto sem vergonha, sem medo. (16) Conseguiu se encarar. Conseguiu dizer: "Eu não sou esta fortaleza que todo

mundo imagina, que eu mesmo faço questão de ser". (17) Ai o trabalho foi feito basicamente assim: realçando as emoções, mostrando que ela podia sentir ódio, sentir raiva, que ela não ia destruir nada com o ódio que ela pudesse sentir ou com a raiva que ela sentisse, mas que ela não devia se culpar por este sentimento, porque este sentimento existe e que ela deveria usar este sentimento. (18) Em sessões ela conseguia expressar raiva, ódio, amor e ai ela conseguiu separar uma coisa da outra. (19) Este caso praticamente não foi finalizado. Ela pediu férias e não voltou. (20) Foi uma terapia que durou aproximadamente 4 meses. (21) Tinha sido colocado um foco: lidar com a afetividade e foram surgindo outras coisas: dados de sexualidade, uma série de coisas que eram só apontadas e que tinha ficado para nós em contrato que isso seria trabalhado após a viagem dela. (22) Ela mesma chegou à conclusão que esta angústia tinha que ver com o lado emocional dela, o afetivo: dar e receber carinho e ai a gente trabalhou só com isto e apontando as outras coisas: o lado de realização profissional, sexualidade, relação familiar.

E: - E qual foi o papel do gato nisto tudo?

SC04: - (23) Na verdade o que te contei é que o gato, quando ela relatava era presença de alguma coisa muito boa. (24) Quer dizer, todos nós temos necessidades, tem pessoas que se apegam a filho, a marido, a um objeto... enfim, cada um se apega de alguma forma. (25) Para ela o gato significava muita coisa, era companhia, era o único que sabia que ela era frágil, que via ela chorando no seu quarto, ou seja ela onde ela estivesse. (26) Enfim era um amigo que talvez ela procurasse e que não encontrou numa pessoa, encontrou no gato. (27) De repente ela usa o próprio gato para extravasar uma coisa que ela sente necessário, mas que

ela não pode assumir sozinha, que é o final daquele relacionamento, que para ela foi tão importante. (20) Terminou o relacionamento - estou falando da realidade, mas pra ela ficou a fantasia de que esse relacionamento ainda continuava. (21) Alguém na vida gostou dela e isso é importante a gente saber que alguém na vida gosta da gente. (22) O fato daquele tapete estar lá significava que estava presente aquele amor. No momento em que ela teve que se desfazer do tapete, é que ela se deu conta que aquele relacionamento já tinha terminado. (23) Então alguém vai ter que ser o culpado desse relacionamento, desse final, e ninguém mais próximo do que o gato. (24) Foi ela que por associações, mesmo por interpretações dela, é que ela falou isto. Se era uma coisa tão importante para ela, ela não podia sentir raiva do gato. (25) Na verdade ela tinha raiva do gato, porque o gato conseguiu destruir aquilo que para ela tinha um significado muito grande, mas ao mesmo tempo era alguém com quem ela pudesse contar em tudo, ela gostava, ela se penalizava porque ela achava que ela não podia sentir raiva. Era uma coisa muito negativa. (26) Foi aí que em terapia ela começou a lidar com a raiva, que raiva é um sentimento real, é um sentimento que você pode ter, você pode ter raiva sem sentir que raiva destrói. (27) Você pode utilizar o sentimento para isso, mas sentir raiva é uma coisa do momento, coisa que você tem que sentir... e pronto, acabou e tal, e tirar aquilo que resta para você. Ela conseguiu fazer isto dentro da sessão, sentiu raiva do animal: "É... ele realmente foi culpado, mas tem o seguinte, ele até me favoreceu, porque ele conseguiu me mostrar que eu não tinha finalizado uma relação que já tinha terminado..." Então ela resgatou aquele sentimento que ela tinha tão grato, que é igual ao sentimento que a gente tem pela mãe da gente, né? Ora a gente sente um grande amor, ora a gente sente muita raiva dela. Aquela coisa de mãe boa, de mãe ruim, o

seio bom da Melanie Klein, o seio mau...

Dados do sujeito (SC05)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 45 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: professora de matemática.
 Estado civil: casada.
 Núcleo familiar: a entrevistada, o marido e uma empregada, Alice.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: sim não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? sim não
 Forma da entrevista: face a face por telefone
 Local da entrevista: residência da entrevistada.

Antecedentes da entrevista

Tenho ouvido falar nas peripécias do jaboti de SC05 desde que, após a morte da sua primeira dona, o jaboti foi recebido na casa de SC05. Inicialmente ele fora taxado de temperamental, depois de "estar morrendo de saudades", depois de mal-criado e finalmente de neurótico. Sempre, em minhas visitas à casa de SC05, o jaboti é assunto de conversa bem-humorada. Ela e a empregada procuram saber de explicações psicológicas para elucidar os comportamentos bizarros do animal.

RELATO COMPLEMENTAR SC05

SC05: - Você já viu uma tartaruga neurótica?

E: - Como?

SC05: - é... tartaruga que quando fica brava corre feito louca e bate com a cabeça no portão da rua.

E: - Mas o que vocês fazem pra deixar ela brava?

SC05: - Bom, por exemplo, ela deu para gostar de ficar embaixo do meu carro ou na passagem do carro - então quando tiro ela daí ela fica brava... mas não é só isso, não. Ela não gosta de mim, ela também não gosta de um aluno meu...outro dia ele foi mexer com ela e ela correu atrás dele, deu uma dentada na calça. Pra comer então, tem dia que parece criança malcriada, faz birra, sabe criança que deita no chão, bate pé e mão? Agora ela deu pra fazer isso porque ela descobriu que ameixa, essas ameixas argentinas, são mais gostosas que banana - então ela passa em cima da banana e fica lá toda esparramada. [Enquanto SC05 estava contando isso, pedi para trazerem o jaboti e soltar no chão. Estávamos mais ou menos perto da porta da casa, entre nós e a casa havia um gramado. A tartaruga enveredou pelo gramado e em dado momento mudou a trajetória como querendo alcançar a porta da casa... SC05 então disse:]

- Dá licença um pouco que preciso fechar a porta, senão ela me entra dentro de casa e suja tudo, só de raiva e você sabe que fezes de tartaruga.."

E: - Mas ela vai entrar agora e sujar?

SC05: - Ah, garanto... você nem sabe... quando minha empregada briga com ela, ela vai lá no quarto e suja tudo...

[A tartaruga, para satisfação minha, ignorou a porta aberta e continuou no seu caminho: enveredou para o o outro lado da casa]. Justifica SC05:

- É... vai ver que a Alice [a empregada] pôs a comida dela, então ela foi comer...

Dados do sujeito (SC06)

Sexo: feminino.
 Idade estimada: 31 anos.
 Grau de instrução: superior.
 Profissão: enfermeira diplomada.
 Estado civil: casada.
 Núcleo familiar: a entrevistada, o marido e a mãe.
 Tipo de residência: casa.
 Presença de animais: (x) sim () não
 Em caso negativo, pretende ter animal de estimação? () sim () não
 Forma da entrevista: (x) face a face () por telefone
 Local da entrevista:

Antecedentes da entrevista

Levantei o assunto "o que o cliente acha do veterinário" durante um telefonema de cunho praticamente social, num momento em que eu estava pensando em incluir na tese informações referentes à visão que o dono do animal tem do veterinário. É preciso frisar que SC06 me consulta apenas no que tange a problemas de comportamento animal, os serviços veterinários lhe são prestados por um outro colega.

RELATO COMPLEMENTAR SC06

E: - Diz uma coisa. O que é pra você, como cliente, o veterinário?

SC06: - Como é que é?

E: - É. Como é que o cliente vê o veterinário?

SC06: - Olha, eu acho que eu vejo diferente dos outros.

E: - Pois é.

SC06: - Por isso mesmo, eu o vejo como um profissional de saúde, né?

E: - A saúde de quem? Do bicho?

SC06: - É lógico, é lógico. Quer dizer, o que isto representa pra mim, é uma outra história, né? Tá certo? Sabe... veterinários como o Dr. Gioso, que era assim um médico de família... quando você perdeu um cachorro, vinha na tua casa, te fazer uma visita de condolências ou de suporte. Este veterinário acho que não existe mais... pelo menos nunca mais vi, né?

Anexo III

Amostragem da demarcação das
Unidades de Significado

RELATO 02 EPIGRAFADO

E: - Me conta... Por que você não gosta de bicho?... Ou me diga, o que é bicho para você?

S02: - Não é que eu não goste de bicho.

ARGUMENTO CONTRA POSSE: TRABALHO. (S2.1)

Acho que bicho me dá **trabalho**.

ARGUMENTO CONTRA POSSE DE GATO: MEDO. (S2.2)

Tem certos bichos... que... eu tenho um pouco de medo, por experiências passadas... tipo gato. Bicho para mim é... uma coisa que eu posso passar sem... é isso aí.

E: - Mas é porque você não gosta, ou...? Tenta explicar um pouco...

AQUISIÇÃO DE PEIXE. DOAÇÃO. FILHO. (S2.3)

S02: - Pois é... Não é que eu não goste, sabe? Tanto é que quando ganhei o peixe, quer dizer, que quem ganhou foi meu filho.

ARGUMENTO A FAVOR PERMANENCIA: DIDÁTICO. (S2.4)

Eu me propus a tratar do peixe, né?... Mesmo porque eu achava que era assim mais a nível de mostrar para criança, que a gente... principalmente peixe... animal doméstico... a gente pode ter um relacionamento...

ARGUMENTO A FAVOR PERMANENCIA: DAR EXEMPLO. (S2.5)

Era mais a título de dar um exemplo, mas se fosse para mim sair, **comprar um peixe**, eu acho que não faria isso.

E: - Depois que estava na tua casa, como é que ficou?

AQUISIÇÃO DE PEIXE. DOAÇÃO. FILHO. (S2.6)

S02: - Aí ele ganhou o peixe, o meu filho mais velho; ganhou o peixe no Dia da Criança. Ele ainda estava no pré; já faz bastante tempo isso... Aí veio com o peixe dentro do saquinho de plástico, radiante, né?... feliz da vida!!! radiante!!! né?... saquinho de plástico... feliz da vida...

EFEITO POSSE ANIMAL. ESTAR RADIANTE. FELICIDADE. (S2.7)

que era o peixe dele, o primeiro bichinho dele, sabe?

NECESSIDADES DO ANIMAL. LEVANTAMENTO. (S2.8)

Então, sabe?... eu não tinha nem lugar para colocar o peixe. Minha mãe tinha um aquário de bola, de vidro e ela me deu o aquário... Pusemos o peixe lá... Tinha umas algas ainda no saquinho, e o peixe ficou lá, e ele não tinha comida de peixe, nada. Mas não era por causa disso que iria deixar o peixe morrer, né?

NECESSIDADE DO ANIMAL. RESOLUÇÃO. CUIDAR. (S2.9)

Então vamos cuidar um pouco do peixe... Eu sabia que ele não ia sobreviver num aquário de bola, tá?... mas assim mesmo eu falei: "Não, vamos cuidar do peixe, porque ele ganhou... tal..."

CONTEMPLAR O ANIMAL. (S2.10)

Todo dia ele vinha olhar o peixe que é dele, quer saber como é que é, como é que não é...

NECESSIDADE DO ANIMAL. MAE RESOLVE. (S2.11)

Então eu vi que eu ia comprar comida para o peixe. Fui numa loja, comprei ração para o peixe, tinha umas al-

gas lá... e um aquário mediano. Inclusive aquele aquário para um peixe só estava enorme. Tudo bem. Aí coloquei num móvel...

CONTEMPLAR O ANIMAL. ALIMENTAR. (S2.12)

Então... todo dia ele vinha olhar o peixe... dava comida para o peixe...

PAPEL DA MAE: EXPLICAÇÕES. (S2.13)

Eu expliquei direitinho como é que dava...

ALEGRIA DE TODOS. PROcriação. PEIXINHOS. (S2.14)

Ele ficou radiante com o peixe e... não é que o peixe era uma peixa!!! Depois até nós começamos a chamar ela de peixa. Ela deu peixinhos... um monte de peixinhos, sabe? E... foi uma alegria aqui!!! imagine!!! quem diria!!! Nós nunca tínhamos visto e depois foi de um dia para o outro... quer dizer, quando amanheceu e nós vimos [Risos] aqueles peixinhos todos lá, foi a maior alegria, viu?

MORTE PEIXINHOS. SOBREVIVENCIA PEIXA. (S2.15)

Só sei que os peixinhos não sobreviveram. Aos pouquinhos, aos pouquinhos foram morrendo... e a peixa lá, firme, viu?

SENTIMENTOS: CULPA. JUSTIFICATIVA: TRATO CORRETO. (S2.16)

Eu trocava a água todo dia e... dava de comer, assim tipo... dia sim, dia não pra ela.

ATITUDE C/A PEIXA. DAR-SE BEM. CONTATO FÍSICO. (S2.17)

E... eu me dava bem com ela... não achava... não tinha nada com ela... eu pegava, inclusive, nela para... trocar de água, tal...

MORTE PEIXA. DURAÇÃO SOBREVIVÊNCIA. (S2.18)

E... foi essa vivência que eu tive. No fim... ela acabou morrendo... mas ela durou bastante... ela durou uns dois meses...

E: - Todo mundo gostava igual da peixa?

S02: - Todo mundo gostava igual da peixa.

E: - E ela reagia igual com todo mundo?

DISCRIMINAÇÃO DE PESSOAS PELA PEIXA. PULA. (S2.19)

S02: - Não... com meu marido era diferente... A gente chegava perto do aquário ela estava tranqüila, sabe? Ele chegava, ela começava a pular. Ela pulava até mesmo para fora do aquário, que tinha uma boca grande. Então a gente brincava... como é que pode, **um peixe**, conseguir assim... fazer diferença de uma pessoa para outra?

DESCRIÇÃO COMPORTAMENTO DISCRIMINATIVO. CALMA, TRAN-
QUÍLA. (S2.20)

Com as crianças e comigo ela era calma, tranqüila, certo?

E: - Conta uma coisa, se hoje em dia te dessem um peixe, você aceitava?

ANIMAIS ACEITAVEIS E NÃO ACEITAVEIS (S2.21)

S02: - Aceitava...

E: - Um cachorro?

S02: - Acho que um cachorro não.

E: - E um gato?

S02: - Acho que também, não... Gato... eu tenho experiências desagradáveis com gato...

E: - Passarinho?

S02: - Passarinho? Não sei... Sabe o que me vem na cabeça... quando me falam de bicho?

E: - Cachorro e gato

ARGUMENTO CONTRA POSSE: TRABALHO. (S2.22)

S02: - Trabalho!!! Você está entendendo? Me vem isto na cabeça, sabe?

ATITUDE FRENTE ANIMAIS: CONDENAR TRATAMENTO INADEQUADO. (S2.23)

Mas eu sou uma pessoa... que quando vejo alguém maltratar um bicho, eu acho um absurdo um troço destes. Então por que que tem??? Você está entendendo?

RELATO CASO. MALTRATO. (S2.24)

[este relato é feito em tom indignado] Por exemplo, eu já vi gente que eu fui visitar e o cachorro estava na sala e queriam que o cachorro saísse. E o cachorro não saía... Então, simplesmente catou o cachorro e jogou pra fora e fechou a porta. Eu acho que se é para tratar assim o bicho, não tenha.

ARGUMENTO CONTRA POSSE. (S2.25)

Então, já partindo daí, eu não tenho.

AGRESSÃO EM POTENCIAL. (S2.26)

Eu tenho um vizinho, que tem um casal de Pastor Alemão... e a danada da cachorra, ela me detesta!!! Porque ela fica na sacada e me olha do quintal... você

precisa ver o que é!!!

AGRESSÃO: MEDIDAS PREVENTIVAS (S2.27)

Olha... eu tive que colocar uma tela de arame, de um quintal para o outro, primeiro por causa das bolas das crianças que caíam lá que ela estragava as bolas,

MEDO AGRESSÃO.. IMAGINAR POSSIBILIDADE DE ATAQUE. (S2.28)

e depois comecei a ficar com medo dela... [neste ponto a fala começa a se tornar rápida] Ela começou a crescer - porque ela é enorme - então comecei a achar que o dia que ela tivesse um apoio e, se alguém, sem querer, esquecesse um caixote ou qualquer coisa lá do outro lado, ela se apoiava e dava um impulso e vinha cair no meu quintal... de tão grande que ela é!!!

MEDO. DESCRIÇÃO COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS. (S2.29)

[a fala vai se tornando cada vez mais rápida] Eu comecei a ficar assim... meio neurotizada e pensava... um dia esta cachorra, ela investe, contra mim, porque ela fica latindo do lado de lá [a fala se torna muito mais rápida e quase ininteligível] Ela me olha... os olhos até brilham!!! sabe?

ARGUMENTO CONTRA POSSE: EMPREGADA, MOSCA, CHEIRO, TRABALHO. (S2.30)

E eu ter estas experiências aqui tão próximas, eu vejo que não pára empregada na casa... porque inclusive... o cheiro de lá, sabe?... é terrível!!! é mosca... É, e, sabe? Eu fico pensando... que... não vale a pena ter tanto trabalho...

E: - Conta uma coisa, na casa dos teus pais tinha?

HISTÓRIA PASSADA. CAES PEQUENO PORTE NA INFANCIA. QUATRO

LIDADES: DOCIL, FACIL DE ENSINAR, PAPEL EDUCADOR DA MÃE: ANIMAL FICA FORA. (S2.31)

S02: - Tinha. Quando era criança, nós tínhamos uma casa muito grande. Eu morava em Santos e a casa era enorme,

LOCAL DE PERMANENCIA:QUINTAL MARAVILHOSO. (S2.32)

e de um quintal maravilhoso, coisa que hoje não existe mais... Então nós tínhamos um casal de Pinscher. Esse cachorrinho Pinscher é um cachorrinho muito dócil, sabe?... Ele é fácil de se ensinar, de aprender, principalmente quando é ensinado de pequenininho. E nós ganhámos eles de recém-nascidos. E, você sabe?... que eles não entravam dentro de casa. Eles ficavam na porta da cozinha e não passavam, porque minha mãe acostumou... Então quer dizer, que nós tínhamos cachorro, mas fora de casa, não dentro de casa.

E: - Mas o Pinscher é pequenininho, e assim mesmo ficava fora de casa?

ROTINA: ANIMAL FICA FORA. CASINHA.(S2.33)

S02: - Ficava fora, porque nós tínhamos condições... o quintal era enorme, tinham casinha, sabe?... tinha dependências...

E: - Quer dizer, você brincava com eles?

BRINCAR DO LADO DE FORA. (S2.34)

S02: - Brincava...

E: - Mas do lado de fora?

S02: - Exato. Do lado de fora. Nunca dentro de casa.

E: - Eles nunca foram companhia para voce? Você é filha única?

COMPANHIA RELATIVA NA INFANCIA. (S2.35)

S02: - Não; eu e minha irmã; eu sou mais velha, ela é mais nova um ano que eu. Mas era companhia, sim. Certo? Mas fora de casa, não dentro de casa.

FEZES.NECESSIDADE LIMPEZA. (S2.36)

E eu não sei, se quando era criança eu não via este negócio de limpar cocô... porque tinha um quintal enorme e eles faziam no quintal, né?... e não tinha aquela história de ficar limpando como vejo hoje em dia, sabe? Então, sabe?... fica um negócio pra mim, que eu não aceito muito este negócio de ficar limpando cocô de cachorro.

E: - Sei. É válido, eu acho.

ARGUMENTO CONTRA POSSE. PEDIDO DOS FILHOS. DESCULPAS. PODER MATERNO. (S2.37)

S02: - Realmente, pra mim... Os meninos quando eram menores, me pediam, sabe? Então eu fui... explicava para eles que cachorro dava muito trabalho, inclusive eu dizia para eles assim: "Como é que a gente pode sair de férias, viajar e deixar o cachorro preso aqui? A gente teria que pedir para alguém tomar conta, e não dá certo, porque o cachorrinho também sofre, gostaria de ir com a gente, ele não gosta de ficar preso e esta coisa toda." No final eu ia saindo por estas desculpas, sabe? E eles iam aceitando...

DESCULPAS: PODERIA. (S2.38)

Mas eu podia ter arrumado outros bichos: passarinhos, tartaruga, peixinho e não arrumei!

TRABALHO. (S2.39)

É aquela história... bicho pra mim, a primeira coisa

que vem na cabeça é trabalho.

E: - Sei... Você tem vontade de contar o que aconteceu com o gato ou é muito traumático?

GATO. CONDICIONAMENTO AVERSIVO. ANTIPATIA. (S2.40)

S02: - Não, não é... é aquela história, quando a gente é criança vai na casa de alguém e tem um gato. É **aquele gato**, sabe?... que tem almofada... era assim... aquele tipo de gato de olho **bem azul**... é, gato pra mim, me passa assim: bicho fresco; bicho cheio de história. Então esse gato, era todo... cheio de história... E eu... numa hora, porque fui pegar no gato, o gato pega me dá uma arranhada, sabe?... mas arranhada assim... violenta, viu? Ah, nunca mais!!!

GATO. GENERALIZAÇÃO: BICHO POUCO AFETUOSO. (S2.41)

Então gato para mim... e depois eu não acho que o gato seja um bicho assim... muito afetuoso. O gato, assim, ele tem uns repentões... Eu não gosto de gato...

E: - Que bicho você gosta?

PREFERENCIA POR ANIMAIS. (S2.42)

S02: - Mais... cachorro mesmo. Mas mais dos outros.

E: - [risos]

ATRATIVO DO ANIMAL: NEOTENIA. (S2.43)

S02: - Eu acho uma belezinha, cachorrinho recém-nascido, eu acho uma gracinha, certo?... mas... não quero.

E: - Mmmm.

S02: - Uma vez eu tinha uma amiga, que tinha uma chácara, que criava coelhos... quis me dar um coelho... eu não

quis.

E: - E você sabe que coelho dá para treinar para ele sujar assim dentro de caixinha de areia, eu acho muito bacana.

ARGUMENTO CONTRA POSSE DE COELHO. (S2.44)

S02: - Você não ficaria com dó... ter um coelho... sozinho... Sabe?... eu acho...

E: - Bom, se você tiver dois, já viu, você tem que mudar de casa.

ARGUMENTO CONTRA POSSE DE COELHO: SOLIDÃO, POUCO ESPAÇO, INVADIR CASA. (S2.45)

S02: - Então fico pensando... fico achando... coitado do coelho, todo sozinho. Então se eu arrumar dois, ele começa a dar cria... e então eu fico toda enrolada. Então prefiro não ter o coelho. Depois para quem gosta de coelho, precisa ter uma chácara... um quintal grande... ter bastante espaço, sabe? Aqui em casa... é... a casa é grande, mas o quintal é pequeno e no fim acaba o bicho entrando... Ah! não dá pé, não.

Anexo IV

Anúncios referidos no texto

● **VD DOGUE ALEMÃO**, 14 meses, macho, exc. pedigree, ot. guarda, já em pista, F 271-0685.

(A1)

● **VD CAO FILA**, 5 meses, ou troco por algo de meu interesse, tr. f 943-4354

(A2)

● **VENDE-SE DOBERMAN**, 11 meses o'ertm Cz\$ 4.000,00 F 548-3007 Nicolino

(A3)

● **VENDE-SE PASTOR ALEMÃO** por Cz\$ 7.000,00 c/ 4 anos de idade, domesticado. Fone 511-7186

(A4)

● **VENDO PINCHER** 2 anos, caramelo, Fone 266-4710 Edson/Eliana.

(A5)

● **VD. CACHORRO** Husky Siberiano, macho, 1 anos, com pedigree, Cz\$ 15.000,00 aceito proposta motivo espaço Tr. fone 202-4132

(A6)

● **VENDE-SE PASTOR ALEMÃO**, capa preta, adulto, 2 anos, vacinado, excelente guarda p firma ou resid., Cz\$ 8.000,00 facil. 2 vezes. aceito contr. Oferta Fone: 426-3271

(A7)

● VD. FILHOTE DE FILA macho, ou troco por
Poodle toy de bato F 522.8168 (A8)

● VDO 2 PAPAGAIOS falador, Cz\$ 4 mil falando,
562.0601. (A9)

● VD PAPAGAIO Filhote - mansinho - come na
mão - 01 picriça - tr - c Helena F 914.6426 (A10)

● MOTIVO DE MUDANÇA VD HUSK SIBERIANO,
3 anos, macho, pedigree, Cz\$ 15.000,00 tr.fone
65.6854 c. Miu. (A11)

● VD BEAGLE - tricolor, macho adulto Cz\$
2.000,00 - ou Troco p cachorro do porte médio -
F. 950-3099 H.Com - C. Sandra. (A12)

● VADELAS FILAS Legítimas ótima para repro-
dução 2 anos e meio vende-se ou troca-se por um
fofoão semi novo f. 271-3999. (A13)

● VENDE-SE OU DOA-SE GATO Siames F. 949.
1040 Elisabete. (A14)

● VENDE-SE GATO SIAMES 3 meses, ou troco
por carrinho de bebê usado F. 841-3178 Edite
manhã. (A15)